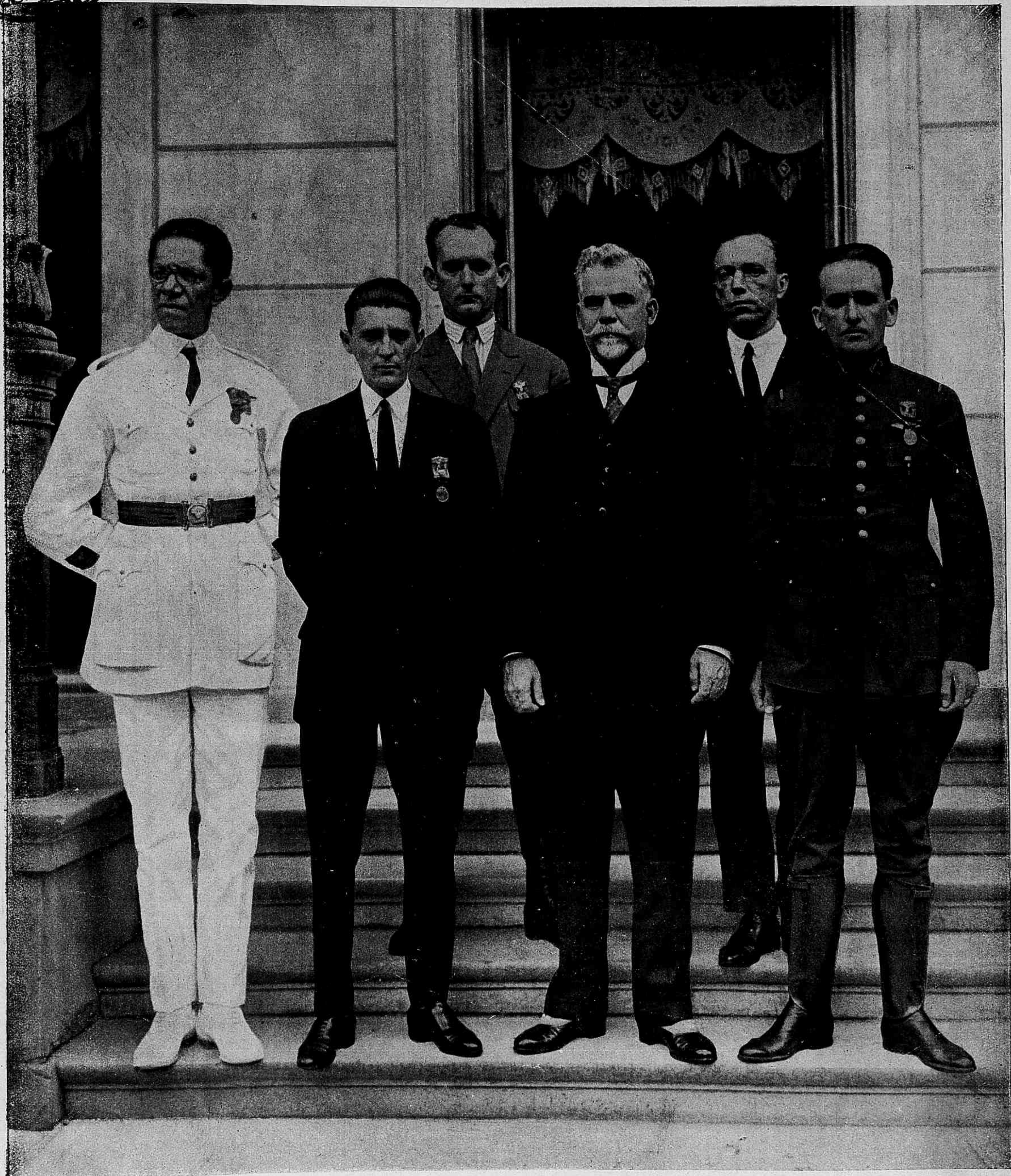
·Revista·da·Semana·

ANNO XXVIII -- N. 30 16 de Julho de 1927

O Chefe da Nação entre os heróes do "Jahú", os cinco brasileiros que fizeram vibrar de patriotico enthusiasmo o paiz inteiro.

PUBL: ALVIM & FREITAS

Ha um Frasco em Todo o "Boudoir" Elegante

Loção Brilhante usada todas as manhãs na toilette, como especifico medicamentoso que é, dará ao seu cabello, lógo após as primeiras applicações, um resultado satisfactorio e maravilhoso.

O cabello, assim como os dentes e o corpo, merece um tratamento escrupuloso e principalmente hygienico ao qual nem todos ligam tanta importancia, vindo mais tarde perdel-o.

Friccione o cabello com Loção Brilhante e notará logo a differença.

O couro cabelludo ficará completamente limpo, isento de caspas, e da sugeira que nelle se acumula diariamente e o cabello tornar-se-á macio, sedoso e cheio de vida e a cabeça limpa e fresca, supprimindo tambem as horriveis coceiras que se sente nos dias de calor.

E' devido a estas virtudes que Loção Brilhante é afinal encontrada em todo o «boudoir» elegante.

Se ainda não começou a usar a Loção Brilhante, experimente-a hoje mesmo. Ella vos dará inteira satisfação.

Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e pelos Departamentos de hygiene do Paiz.

FORMULA DO GRANDE BOTANICO DR. GROUND, CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS.

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII || Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1927 || NUMERO 30

"E' um *numero*!..." disseram, quando ella appareceu, graciosa, bamboleando, ao andar, o corpo esbelto em sinuosidades voluptuosas de bailado!... e alguem, verificando-lhe o talhe senhoril e o perfil classico, accrescentou com enthusiasmo: "*numero*!... e de algarismo romano!!"

Essa expressão vulgar, oriunda da linguagem jocosa que é a gyria, á luz da semantica revela significação precisa, radicada a velhos principios philosophicos. A origem de muitas expressões e epithetos populares é muitas vezes de ordem profundamente psychologica e sábia, dessa sciencia latente, subconsciente, que demora em certos individuos e, á falta de cultura, só se manifesta accidentalmente, de subito, inconsequente mas exacta no definir ou no classificar. Chama-se *numero* a uma mulher bonita, elegante, attrahente e inspiradora... Pois está certo e bem certo; numero implica em noção de multiplicidade e nenhuma multiplicidade pode existir que melhor defina um numero do que essa formada de belleza, elegancia e de attractivos...

D'aqui se conclue tambem a justeza da exclamação complementar: representam-se os numeros pelos algarismos, e o algarismo romano, pelo desuso, ganhou com a raridade fóros de nobreza. Não ha fachada majestosa nem carta aristocratica sem a imponencia das datas romanas. No emtanto, os algarismos arabes — das contas prosaicas e das applicações vulgares — tiveram tambem, faz pouco tempo, a sua consagração na litteratura, quando Marinetti "virou e fixou" na pagina de um dos seus livros o "Retrato olfactivo de uma mulher".

E o material photographico composto de "rosas á esquerda", "violetas á direita", "20 curvas odores" e "1000 linguas de odores" imprimio aquelle retrato: "muito agil volume ovoidal de perfumes frescos rosas com superficies 3, 6, 9"... A' primeira vista parece exquisita essa representação, mas si nos lembrarmos, por exemplo, que Raul Pederneiras brinda annualmente a *Revista da Semana* com seu retrato fielmente desenhado com os algarismos do anno novo, concluiremos que *mutatis mutandis* — já se vê! — aquellas superficies poderão representar muito bem um conjuncto feminil de curvas graciosas...

As applicações numericas são como a sua propria série: não tem fim.

Si enveredarmos pela superstição encontraremos lendas e bruxedos para todos os numeros; no Ceará ha um proverbio que diz: "Conta de tres faz quatro... mette-se o diabo no meio..."

A applicação dos numeros ás pessôas é commum. Em muitos collegios esquecem-se os nomes dos condiscipulos pela substituição systematica pelos numeros. Raul Pompeia foi 54 no *Atheneu*. Lembro-me com saudade da minha vida collegial: o 75 daquelle tempo é hoje professor da Polytechnica; o 6, o "meia-duzia" como lhe chamavamos, é fazendeiro em Nioac; o 337 — estouvado e turbulento — é aviador naval!

Eça de Queiroz relata em "A Reliquia" o caso interessante passado com o Rapozo num hotel. Quando elle indagou do *garçon* indigena quem era certo personagem varonil, compleição de *leader* e physionomia austera, o criado respondeu-lhe com toda simplicidade: *c'est le dieu!* Um deus! — exclamou Rapozo admirado — e como devem ser vulgares nesta terra mystica, onde os servos os nomeiam quasi com indifferença! E poz-se a divagar sobre a procedencia daquella deidade, que ali estava a dois passos, tangivel e accessivel a qualquer mortal. Imaginava-se ante uma creatura sobrenatural que, a custa de sacrificios e penitencias, houvesse desfeito o unico laço que a ligava á carne neutralisando a dôr e, pela abolição do "eu" consciente, attingido a divindade! Um deus! e todo o processo da divinização do Budha desenvolveu-se em sua mente, desde a renuncia á riqueza e ao poder até ao insulamento sob a arvore sagrada, onde recebeu a luz que delle fez um illuminado. Rapozo queria pormenores do ser divino; chamou pelo creado novamente e verificou desolado, afinal, que *le dieu* era apenas *le deux*, dito em máo francez: o dois! ou, melhor, o hospede do quarto dois!... e esse 2 era Theophilo Gautier...

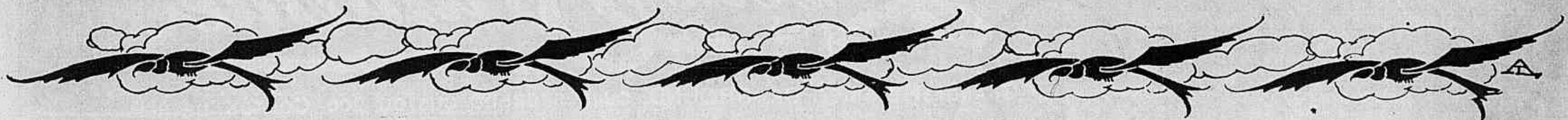
Não ha quem desconheça *O Coronel Chabert* de Balzac, o heroe considerado morto, por ter desapparecido após a celebre carga de cavallaria de Murat em Eylau. Tendo escapado milagrosamente ao ferimento grave que o prostrou, conseguiu voltar a Paris após dois annos de peregrinação e miseria. Por onde passava, ao allegar a sua qualidade de coronel enunciando seu nome, acreditavam-no um louco ou impostor; seu rosto de mutilado era irreconhecivel e, além do mais, lá estava Chabert na lista dos bravos tombados no campo da honra. A sua morte era "um facto consignado na Historia". Em Paris encontrou Chabert sua mulher, já casada e com filhos. Ella reconheceu mas repudiou aquelle que a levantara da abjecção e do vicio, explorando manhosamente a nobreza do grande coração do militar. Convinha-lhe afastal-o para conservar a fortuna herdada. Chabert comprehendeu os designios vis que a animavam. Desprezou-a, e com ella a humanidade toda; elle rico e glorioso outr'ora fez-se mendigo... condemnaram-no como vadio... e o grande soldado de Napoleão foi recolhido a um asylo de velhos indigentes onde acaso um conhecido foi encontral-o: Bom dia, coronel Chabert — disse saudando. Chabert, não! Chabert, não! respondeu. Eu não sou mais um homem, eu sou o numero 164 da 7.a galeria... Que resposta profunda! Renegar o mundo, renegando o proprio nome! Ser apenas um elemento na ordem da successão das cousas, ser numero! sepultar-se na frieza de um algarismo de estatistica, diluindo-se na representação anonyma das cifras, annullando assim a propria personalidade egoista e independente! Não sou mais um homem, sou um numero!... vertice agudo da dôr humana revoltada. E ali, obscuro, viveu miseravelmente seus ultimos dias, até que a Morte—o factor zero que annulla todos os numeros até mesmo a miseria infinita, a belleza infinita e a paixão infinita — o anniquilou para sempre.

....

Os homens, na maioria, são numeros... fraccionarios. Falta-lhes sempre alguma cousa para completar a sua unidade de ser e para a qual tendem sem jamais attingil-a. A continua Esperança procura sempre conduzil-os ao limite almejado que, infelizmente, não alcançarão nunca: é a ansia, o desejo permanente, a obsessão do Ideal inabordavel.

A unidade do ser! expressão seductora que demanda, no emtanto, para ser real, a coexistencia duma infidade de cousas: a Crença, a Gloria, a Virtude...

...por isso, o homem, convencido de que o coração contém "tudo quanto de bom no mundo existe" a elle recorre, no desejo sofrego de se completar integralmente buscando na Mulher a sua *cara metade* — costella parcial do velho Adão — mas que encerra na sua fraccionaria Perfeição a suprema delicia do Amor infinito...

J. C. Dias Costa

O bolido humano

Conto de Jacques Constant

VINTE e duas horas e trinta minutos. Nos quadros indicadores aparece, em algarismos de fogo, o n. 12. A orchestra rompe, com grande estridencia de metaes, e os machinistas do tecto desprendem os trapezios...

Então, na vasta sala onde não ha uma só poltrona vaga, ondula um surdo murmurio. Nas galerias, o povinho acotovela-se, comprime-se para ver melhor. Nos camarotes, as mulheres seminuas limpam os vidros dos binoculos ou agitam os leques, nervosamente.

Daqui a pouco, quando os serviçaes houverem disposto os complicados acessorios do "numero", Ralph Cawdor, o "bolido humano", fará a sua aparição triumphal.

O "bolido humano" é uma attracção que tem tido enorme exito, em varias capitaes, mas só agora se apresenta em Paris. Ao cabo duma serie de exercicios "icarianos", Ralph Cawdor enfia-se numa especie de canhão ou antes de morteiro que, em rigor, não passa duma especie de catapulta, cujas molas engenhosamente organizadas projectam o homem para o tecto, ao mesmo tempo que fazem estourar uma bomba formidavel. A força das molas é calculada de maneira que a cabeça de Ralph chegue exactamente á altura do trapezio. Se portanto elle for acomettido da mais ligeira tontura, se o clarão do projector lhe perturbar a vista, se os seus musculos soffrerem uma frouxidão momentanea, Ralph irá cahir no palco, da altura dum quarto andar.

A principio, Ralph não trabalhava sem rede. Depois, o habito daquelle exercicio perigosissimo foi o tornando temerario. Quando se executa a mesma proeza todas as noites durante cinco annos, por mais arriscada que ella seja converte-se num "gesto" machinal, sem risco e quasi sem interesse.

Emquanto se terminam os minuciosos preparativos do numero, Ralph, de pé, contempla por uma frincha dos bastidores a sala apinhada. E uma singular melancolia, uma perturbação que elle nunca sentiu irresistivelmente o invade.

Paris! Está em Paris, nessa cidade onde elle jurou nunca mais voltar. Ralph Cawdor... Qual historia! Esse nome anglo-saxão, que tão prestigiosamente se ostenta nos cartazes, elle o tomou para disfarçar a sua individualidade. E' um pseudonymo. Na realidade, o acrobata nasceu nas Batignolles e chama-se Raymond Fouquet.

Paris! A cidade onde elle amou, soffreu, chorou... A cidade onde *ella* viveu e naturalmente vive ainda... Conservará ella o mesmo penteado, em farripas de ouro novo? Terá hoje a sua pelle aquella mesma frescura de rosa? Haverá ainda no seu olhar todo aquelle magnetismo? Repete baixinho o nome que outrora murmurou com amor tão fervoroso: "Magdalena!" Deus do Céo! Que amargura naquellas syllabas — que amargura e que doçura! Cerram-

se-lhe os dentes, lampeja-lhe o olhar... Não, nada de enternecimentos — e que o odio impere no seu coração devastado!

A um signal do contra-regra, a orchestra ataca uma marcha brilhante e Ralph aparece no palco, saudado pelos aplausos da assistencia. Vem de casaca e capa de seda, chapéu alto, monoculo; e a sua mão direita brinca com uma solida bengala de junco. Sem que o chapéo lhe caia ou o collarinho reluzente se lhe amolgue, Ralph executa um salto perigoso. Depois, com o chapéo, a bengala e algumas espheras, mostra-se um perfeito malabarista.

Para passar a exercicios mais difficeis, desembaraça-se momentaneamente da capa, da casaca, do peitilho da camisa, das calças e fica em maillot de seda branco, harmonioso como um Hermes, para goso de tantos e tão bellos olhos que, através dos binoculos, nelle se fitam avidamente. E alguns jogos icarianos com uma linda parceira prolongam ainda o numero até ao *clou* final que toda a gente espera com uma especie de terror tanto mais delicioso quanto se sabe ser injustificado.

Emquanto esfrega cuidadosamente as mãos com resina, Ralph examina a sala. Lá em cima, no balcão, nota uma velhinha de preto que o devora com os olhos. Estremece, porque se lembra subitamente de que numa rua tranquilla das Batignolles mora uma doce mãezinha que o amou extremosamente e que o deve chorar, julgando-o desaparecido. Vive sozinha agora, porque o pae de Ralph, morreu — a noticia, recebeu-a elle no meio dum espectaculo, em Los Angeles — e certamente morreu amaldiçoando o filho...

Tudo isso, está claro, por amor da tal Magdalena. Por amor della roubou, foi expulso de casa e se expatriou...

Agora, que os emprezarios disputam o "Bolido Humano", agora que elle recebe esportulas principescas, agora que o seu coração está como que anesthesiado, de tudo elle se pode consolar. Mas como soffreu e por quanto tempo lhe pareceu intoleravelmente amargo o pão do exilio! Carregador de caes, soldado mercenario, creado de servir, marujo, clown, exerceu todos os misteres inferiores e humilhantes antes de encontrar o caminho da prosperidade e do triumpho.

Entretanto, os serviçaes preparam o canhão, no qual Ralph deve entrar para ser projectado ao tecto do theatro... Nisto surge num camarote de boca de scena, até então desoccupado, um casal que provoca a curiosidade. Elle alto, forte, de smoking, ella impressionante de belleza e de originalidade no seu vestido palhetado de ouro. E Ralph, sob o *maquillage*, empallidece de morte. Aquella mulher, que elle entre mil reconheceria, é ella, é Magdalena!

A regata do Audax-Club, realizada no domingo ultimo, na enseada de Botafogo. A' esquerda: grupo tirado no pavilhão, no qual se vêem os representantes dos srs. Presidente da Republica e Ministro da Marinha, officiaes e aspirantes chilenos. A' direita: os barcos vencedores, collocados respectivamente em 1.°, 2.° e 3.° logares.

Ah, pobre Ralph, o teu coração não morreu, como suppunhas, pois que assim te salta no peito e não tens realmente outro desejo senão apertar nos braços a causadora de todos os teus infortunios, aquella que, tendo provocado tão horrendo drama, tão duramente te repelliu...

Ralph entra no morteiro. A orchestra, que estrondeava com furia, subitamente se cala. Estoura a bomba enorme, o bolido humano é projectado contra o tecto... Nisto, o mesmo grito de horror se escapa de mil gargantas oppressas. Que succedeu? O homem, em vez de se agarrar á barra do trapezio, falhou o movimento e foi cahir pesadamente no palco.

O contra-regra, os bombeiros, toda a gente se precipitou. Ralph entreabre os olhos vidrados. Sae-lhe sangue dos ouvidos.

— Fractura do craneo... diagnostica o medico de serviço. — Vamos leval-o para o hospital Beaujon, o mais depressa possivel!

— Mamãe! suspira o moribundo.

— Pobre rapaz! diz o contra-regra. — A mãe provavelmente está na America...

E Magdalena? Como havia de suppor que Ralph Cawdor e Raymond Fouquet fossem uma unica pessôa? Como poderia reconhecer, sob aquella caracterisação e naquelle costume de scena, o homem a quem, seis annos antes, levara ao desespero?

No emtanto, mostrou-se commovida. Chegou até a observar ao companheiro, que não ousou contradizel-a:

— Que pena! Era um bello rapaz!... E acrescentou: — Mas onde vi eu uma cara parecida com aquella?

O jantar commemorativo do 34.° anniversario da Associação Christã de Moços.

Sim, senhor! Disse-me um dos meus amigos, na 5.a Avenida, apontando para um cavalheiro. Está, ao que parece, esplendidamente vestido. Comtudo, tenho a impressão de que ha alguma coisa de desharmonioso. Olhei-o e vi immediatamente o que o estragava. Estava realmente muito bem vestido não só quanto ao

que se relacionava com a moda mas tambem quanto á qualidade da roupa, mas usava costume de côr parda com chapéo côco e sapatos marron. Estes, naturalmente, não são prohibidos, mas ha alguma coisa de incompatível entre elles e o chapéo côco. Se quizerdes ter certeza de que estaes bem vestido, usae, em taes circumstancias, sapatos pretos.

* *

Para um dia de casamento só um trajo preciso deve ser usado: calça de listas, camisa de peito duro, paletot escuro, collarinho de ponta virada e gravata de listas. Se o casamento não é feito com

todas as formalidades, podeis apresentar-vos com um costume azul escuro, collarinho duro e uma flor na lapella.

Não vos esqueçaes do que tenho dito e repito: sob nenhum pretexto deveis usar smoking antes das seis horas da tarde.

***

Aquelle que se veste bem, de modo geral, não deve apresentar-se sem collete. Mas ha casos em que, todavia, o collete póde ser dispensado. Com um jaquetão

por exemplo, em que difficilmente o collete póde ser visto, torna-se elle de todo desnecessario, principalmente no verão quando é rarissimo encontrar-se uma pessôa que não se sinta disposta a pôl-o fóra.

PETER GREIG.

(Service do *Bell Features Syndicate Inc.*)

ENERGIA PERDIDA

Este conselho vae servir a muita gente, a milhares de pessoas que se apresentam desanimadas, emmagrecidas, doentes, como que atacadas de mal irremediavel e, entretanto, que nada mais soffrem do que as consequencias de uma dieta absurda ou de alimentação insufficiente. Quantos individuos não são arrancados das garras da morte apenas com um regime alimentar comprehendendo as substancias indispensaveis para o entretenimento das forças e equilibrio organico do corpo? Em muitos casos trata-se apenas de abusos ou de deficiencias faceis de serem removidas com a observação quotidiana de uma alimentação mixta, na qual estejam representadas as vitaminas e os saes de calcio. Em vista dos alimentos no Brasil serem pobres geralmente de phosphoro e calcio, ha conveniencia de se fazer uso periodico de um "medicamento-alimento" para supprir as faltas de saes phospho-calcicos. Para este fim é especialmente indicada a Candiolina, que se encontra sob a forma de deliciosos comprimidos de chocolate. Ao mesmo tempo se abastece o organismo de vitaminas, comendo, em natureza, as deliciosas fructas de nossos pomares. Assim se readquire a energia perdida.

O MEZ FATAL DOS TOUREIROS

Em maio ultimo, numa tourada, em Madrid, a que assistiam a tia do Rei, infanta Izabel, em companhia das infantas Luiza e Izabel Affonsina, e o general Primo de Rivera, foi victimado por uma cojida um dos melhores toureiros destes tempos, o famoso Gitanillo.

O desastre deu-se quando era corrido o segundo touro, um cornupeto da "ganaderia" salamantina de Argemirio Perez, bicho possante e na verdade temivel. O toureiro, que terminara brilhantemente os passes de capa não poude evitar a tempo um contrataque do animal e foi colhido nas condições mais perigosas. Quando os companheiros lhe acudiram, Gitanillo não tinha ainda perdido o acordo e poude murmurar:

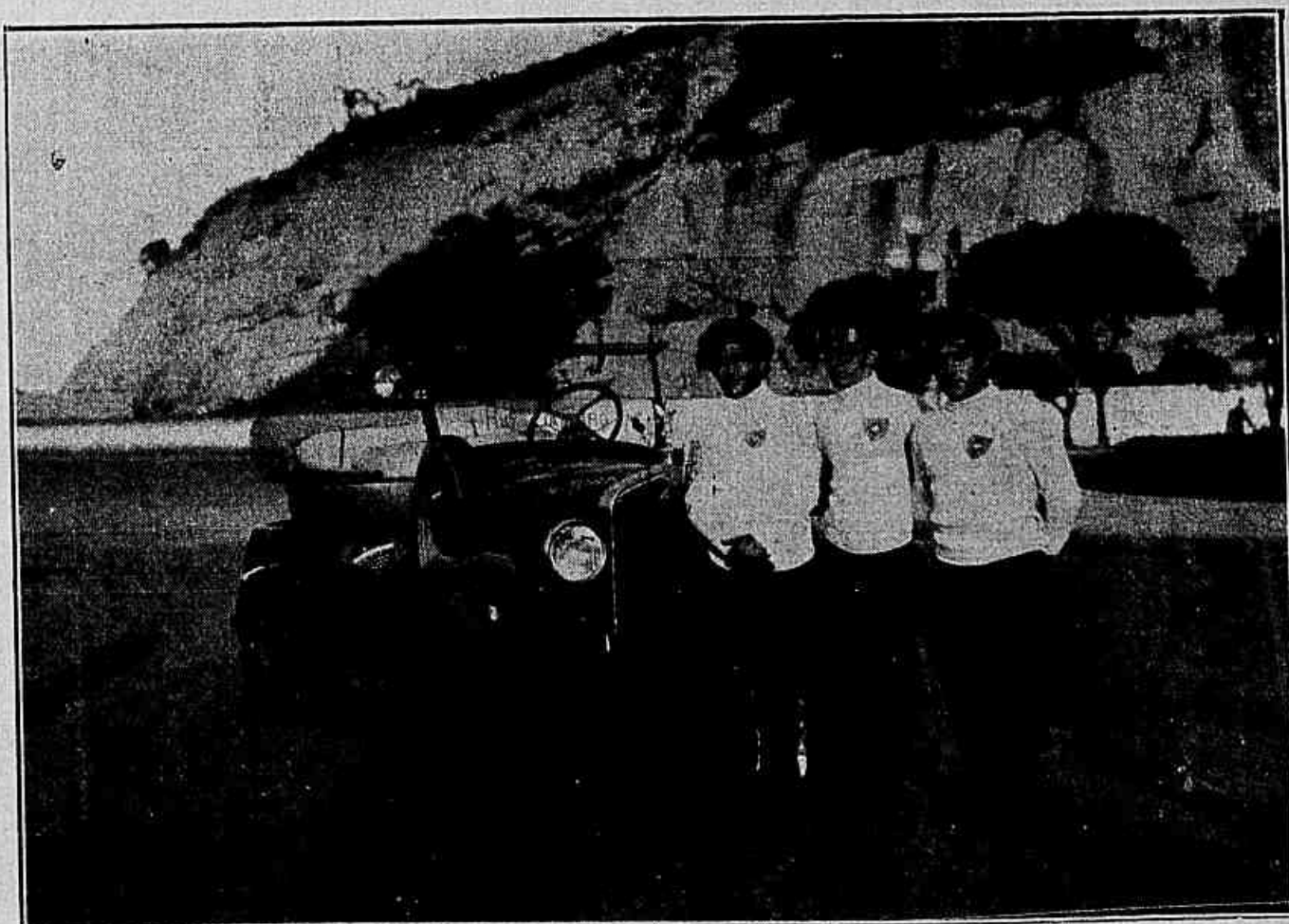
— Elle me matou.

A proposito desse desastre notaram os jornaes hespanhoes como o mez de Maio tem sido funesto aos toureiros. Effectivamente foi nesse mez que perderam a vida na arena Espartero, Mala, Fabrilo, outros artistas celebres de varias épocas, e mais recentemente Joselito e Granero. E o proprio Gitanillo tinha já sido gravemente ferido, ha tres annos, numa corrida effectuada a 16 de maio.

EPONINA E A SARDINHA

Theophilo Gautier adorava os animaes em geral e os gatos em particular. Um dia, tendo-lhe Mauricio Dreyfous fallado na indole traiçoeira desses felinos, Gautier respondeu-lhe severamente.

— Meu caro, se você tivesse a honra de ser amigo

Grupo feito na Cruz Vermelha Brasileira, por occasião da entrega dos certificados aos academicos que concluiram o curso de Clinica Propedeutica Urologica do dr. Estellita Lins. Sentados, da esquerda para a direita, vêem-se os srs. senador Mendes Tavares, ministro Vianna do Castello, marechal dr. Ferreira do Amaral, dr. Getulio dos Santos, dr. Estellita Lins.

Da esquerda para a direita: Ayres Martins, Jorge Simões e Antonio Azevedo, ao lado do automovel «Rio de Janeiro», em o qual emprehenderão o *raid* Rio—New-York, sob o patrocinio do jornal «A Manhã» e do Automovel Club do Brasil. O *raid* obedecerá ao seguinte itinerario: Rio (sahida); Estados: do Rio, de São Paulo, de Minas, de Goyaz e de Matto-Grosso; Republicas da Bolivia, Perú, Equador, Colombia, Panamá, Costa Rica, São Salvador, Nicaragua, Mexico, Estados Unidos e cidade de New-York (chegada).

Pessôas Que Comem Desordenadamente

SERVIR-SE DE ALIMENTO A TODA A HORA É CAUSA DE ENFERMIDADES

Muitas pessoas sentem a necessidade de comer alguma coisa entre a refeição matutina e o almoço. Isto é devido a que não proporcionam a seu organismo um alimento sufficientemente nutritivo na refeição matutina, para mantel-o até á hora do almoço.

Essas pessoas se sentiriam muito melhor, mais sãs e mais fortes, se em logar de uma refeição matutina insufficiente e talvez algum bocado mais tarde, durante a manhã, costumassem servir-se na refeição matutina de um pratinho de Quaker Oats.

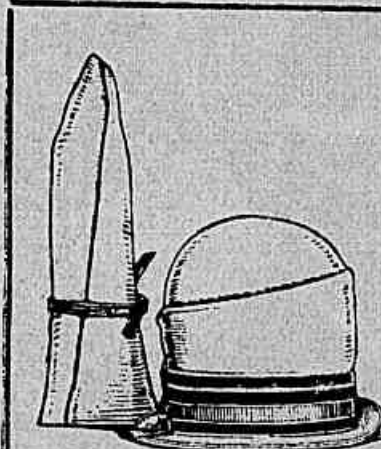
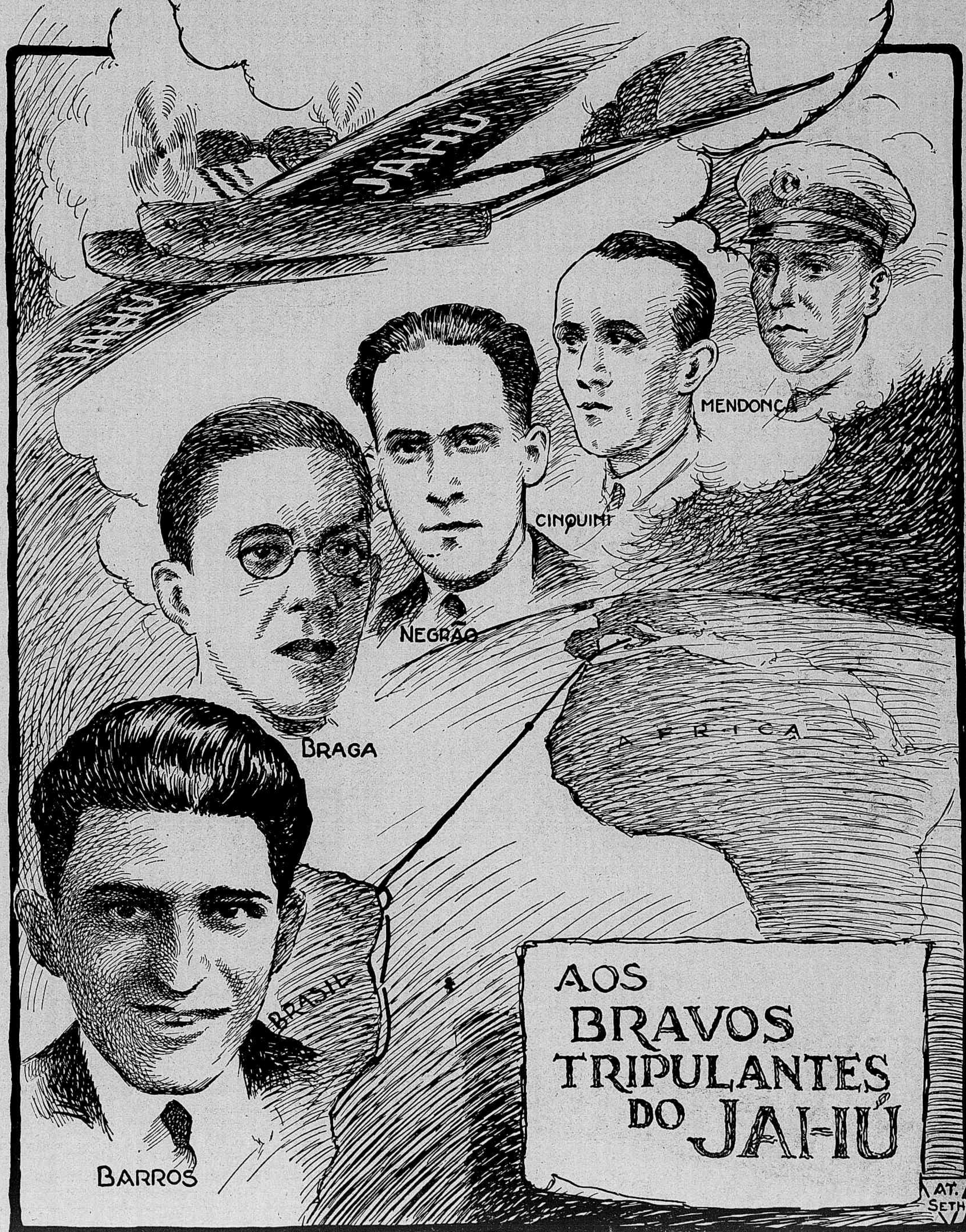
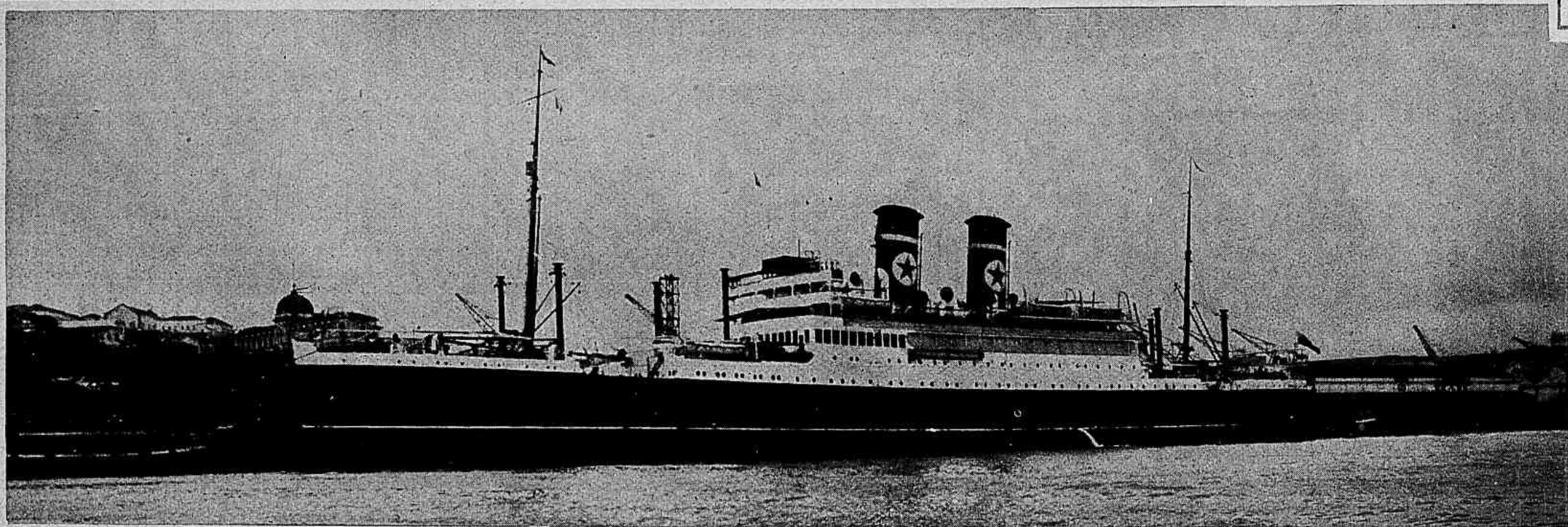
Quaker Oats é muito alimenticio. Contém precisamente os elementos exigidos pela Natureza para dar força ao corpo humano, desenvolver energia, augmentar a vitalidade e contribuir para a formação de organismos resistentes. Restabelece o desperdicio physico motivado pelo trabalho ou pela diversão e conserva o corpo são.

Quaker Oats é, além de tudo, delicioso e constitue um alimento matutino ideal, economico, facil de preparar e facil de digerir. O costume de servir-se de Quaker Oats diariamente pela manhã faz sentir desde logo seus effeitos saudaveis.

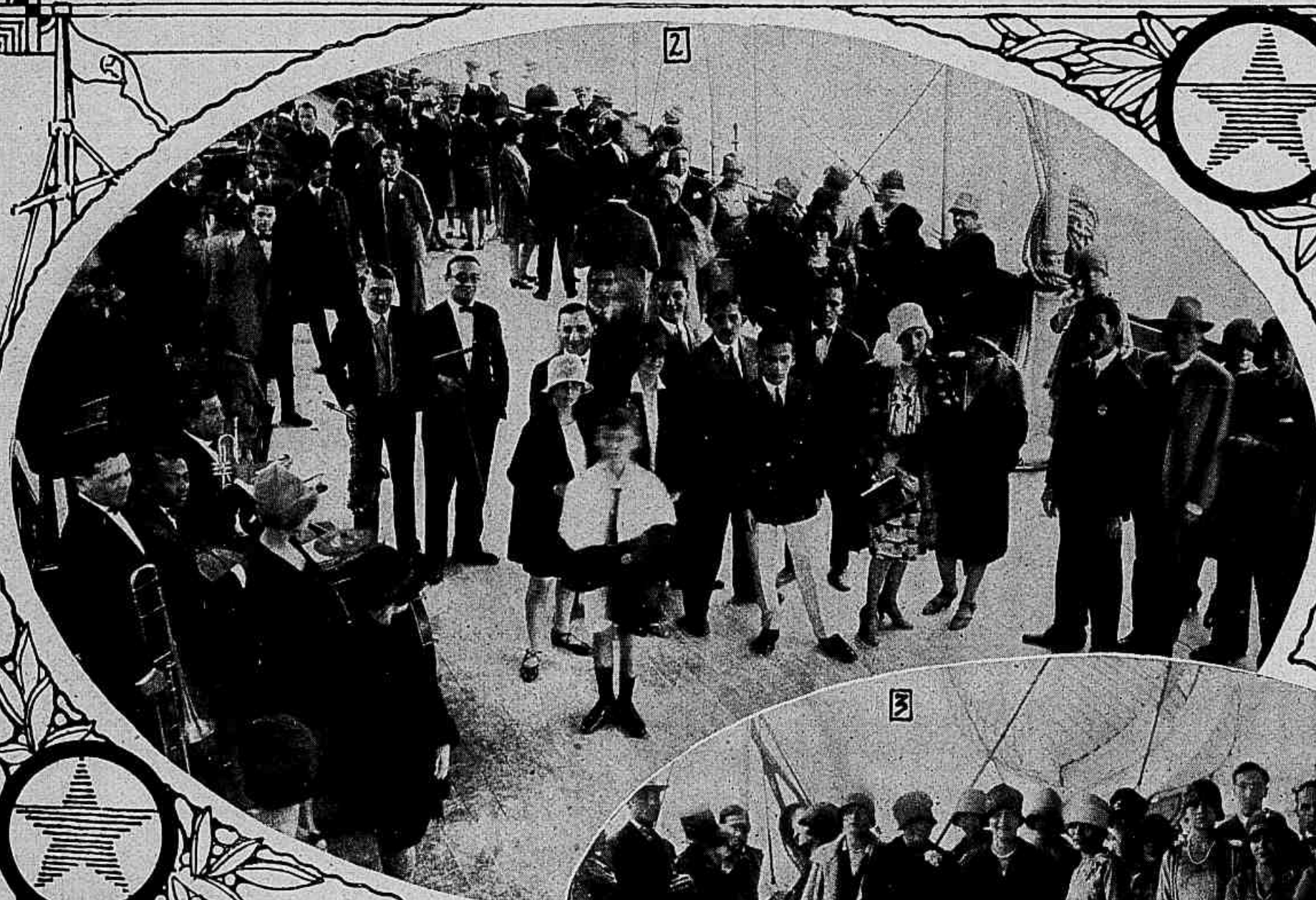
A galante Regina-Maria, filhinha do nosso querido companheiro dr. Alexandrino Agra, rodeada pelas suas amiguinhas e parentes infantis, no dia do seu anniversario natalicio.

cum gato, com certeza não fallaria assim!

O autor de Mademoiselle de Maupin *tinha uma gata chamada "Eponina" a que dedicava grande affecto e nos* Tableaux de Siege *nos conta elle a seguinte historieta. Um dia, de frio intenso, voltou Eponina, esfomeada e transida, ao cabo de longa ausencia, á mansarda da rua Beaune, onde o dono morava, sem lenha para se aquecer e até, ás vezes, sem ter que comer. Gautier pegou na gata ao collo, tratando de a aquecer, e foi ver ao armario do quarto se restava alguma provisão de boca. Havia lá uma sardinha.*

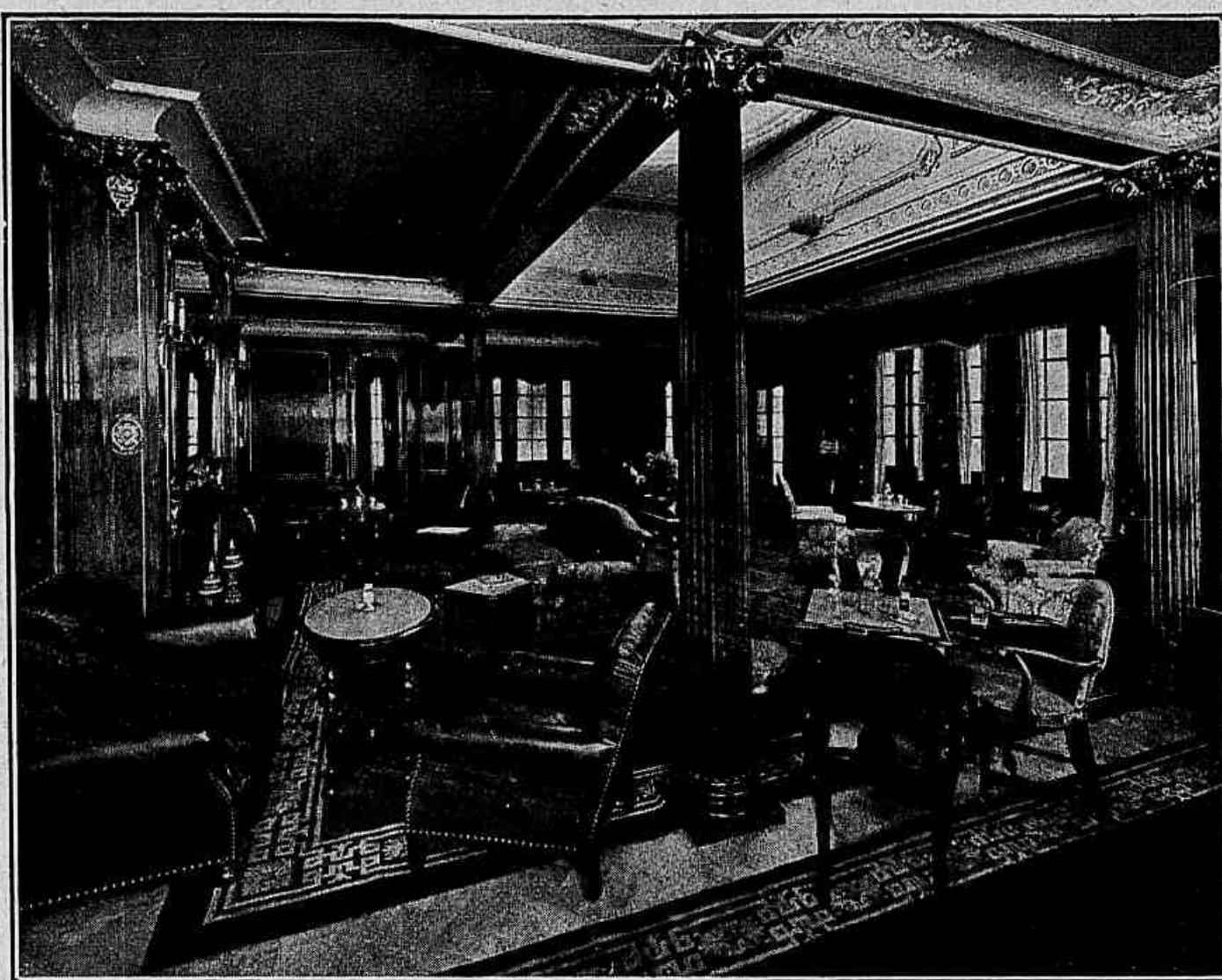
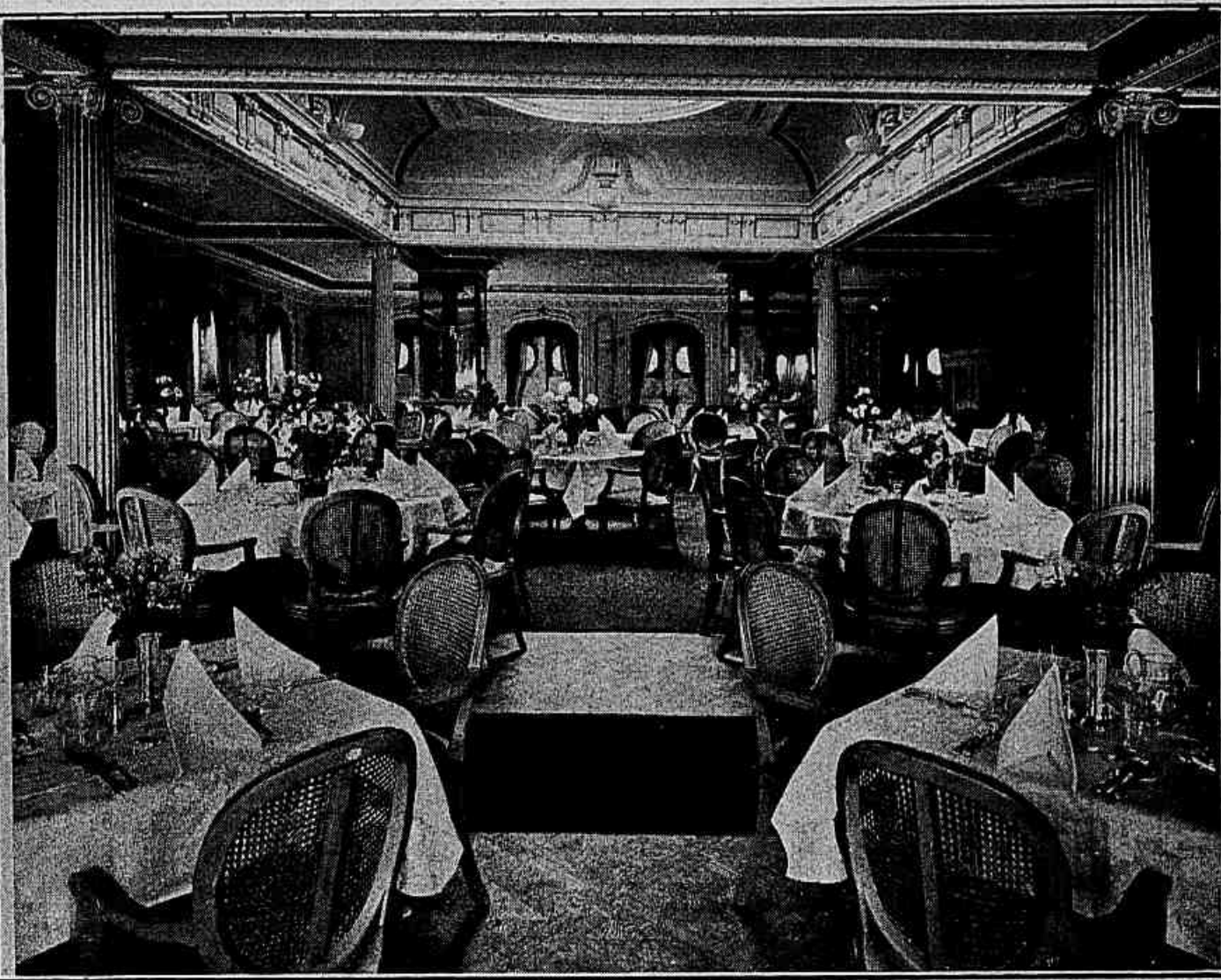
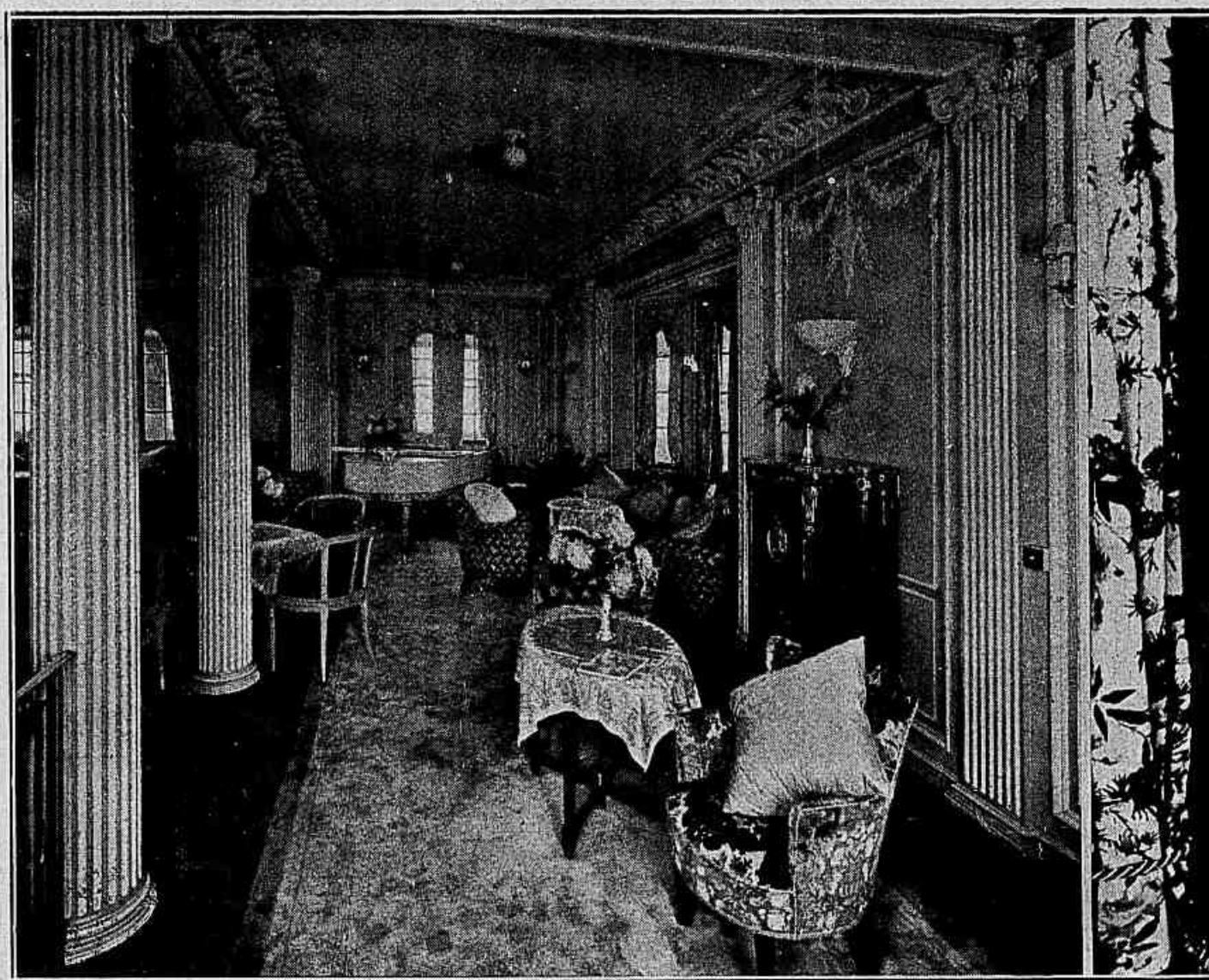
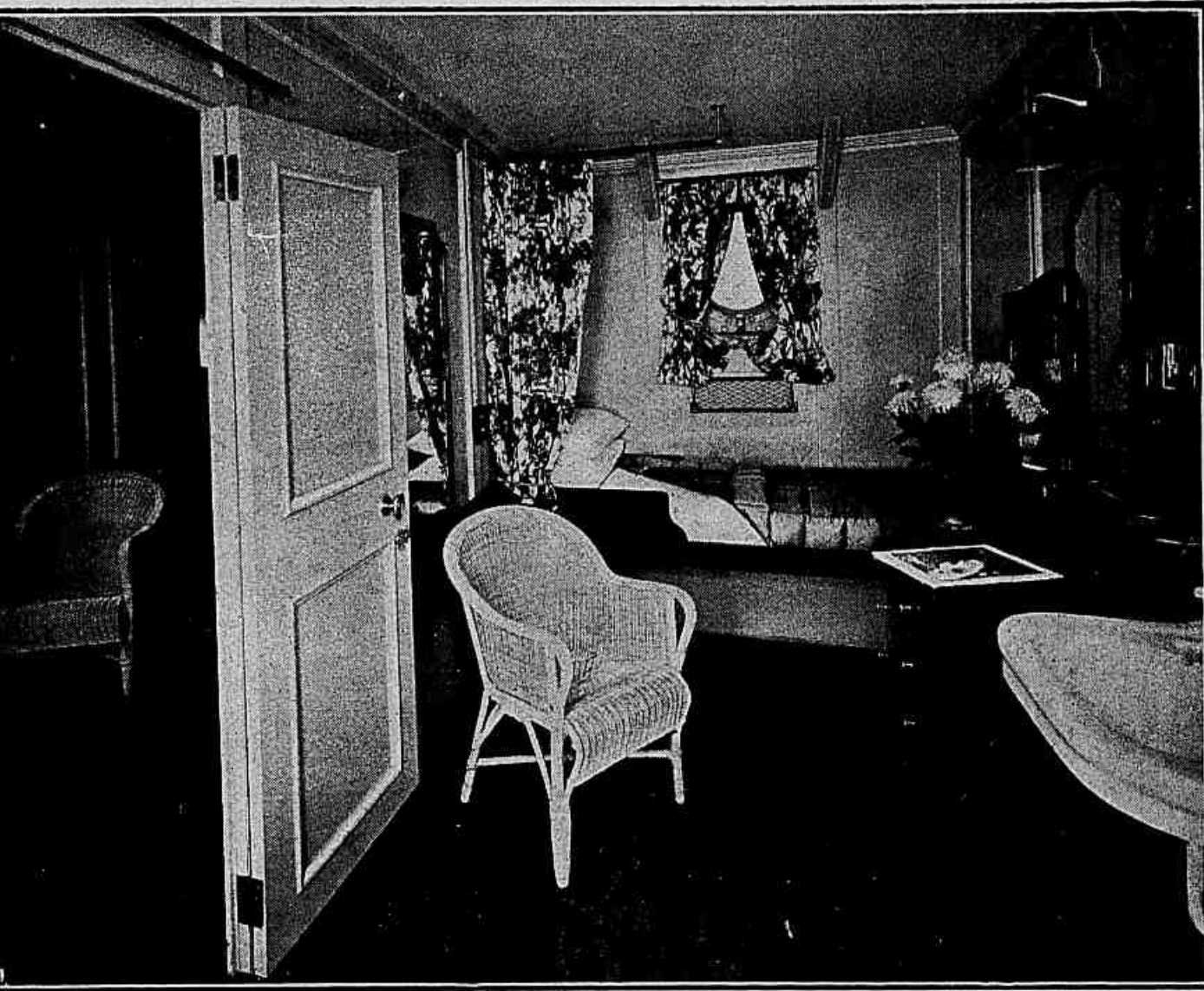
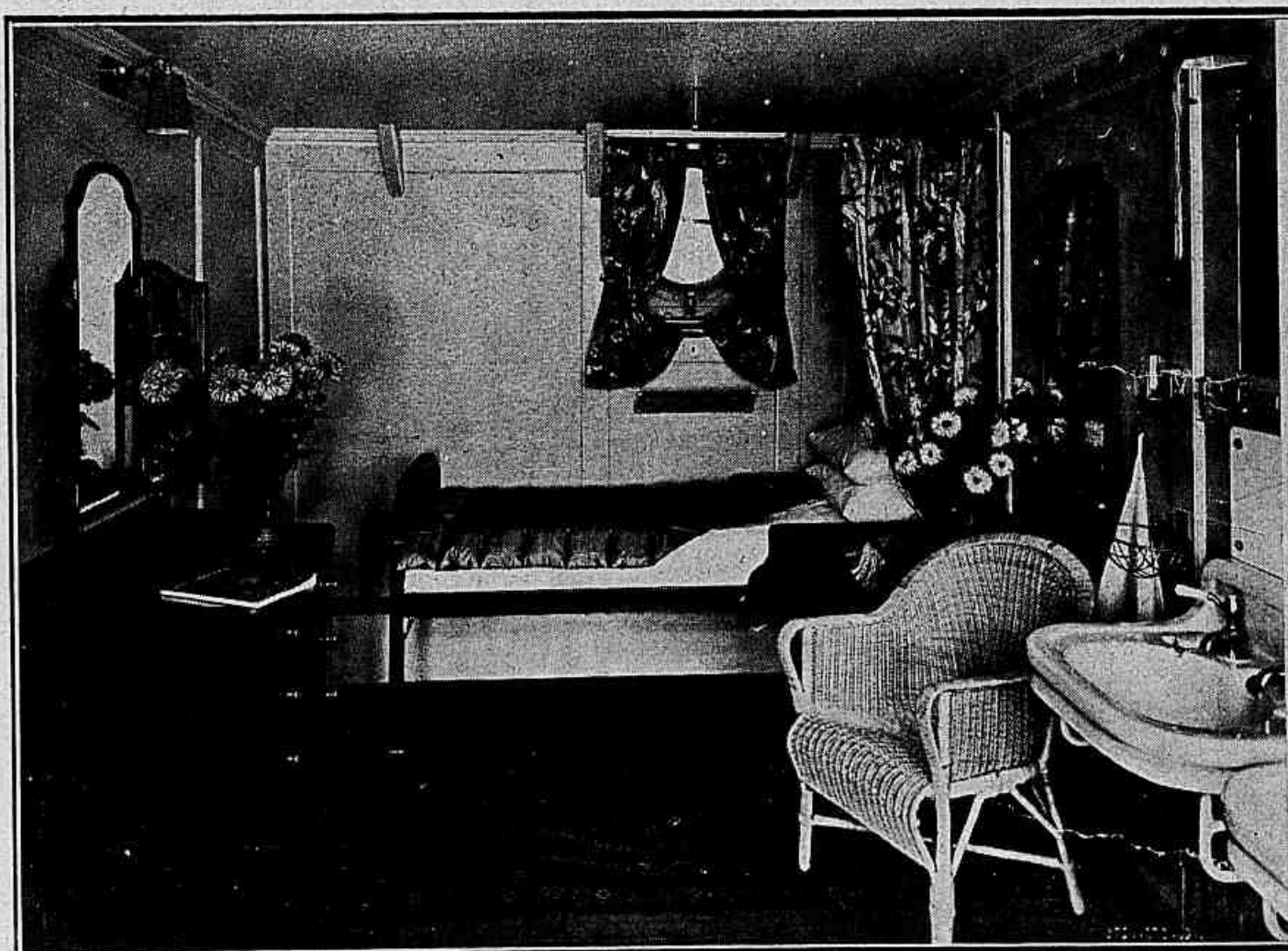
Uma sardinha era, durante o cerco de Paris, um alimento de luxo... Mas a alegria de rever Eponina fez com que o poeta dos Emaux e Camées *esquecesse a sua propria fome e a noção do valor das coisas. E, como sacrificaria o mais gordo bezerro para celebrar a volta do filho prodigo, Gautier sacrificou a sardinha, dando-a a comer á bichana predilecta.*

HOMENAGEM DO ELIXIR DE INHAME

UM NOVO TRANSATLANTICO NA LINHA DA AMERICA DO SUL "ARANDORA"

1 — O *Arandora*, ancorado no nosso porto, na sua primeira viagem ao Brasil. 2, 3 e 4 — Aspectos do chá dansante, a bordo do *Arandora*, offerecido á sociedade carioca, e que foi uma festa encantadora.

A *Blue Star Line*, companhia ingleza que vem triumphando, nas suas viagens entre a Europa e a America do Sul, com luxuosos e confortaveis vapores como o *Andalucia*, o *Almeda*, o *Avila*, o *Avelona*, acaba de augmentar a sua brilhante frota com o *Arandora*, esplendido transatlantico, só para passageiros de 1a. classe, com todos os mais modernos aperfeiçoamentos nas suas instalações.

O interior do *Arandora* é um requinte de bom gosto, de luxo e de conforto, podendo afoitamente dizer-se que nenhum dos vapores que costumam visitar o nosso porto reune melhores vantagens e mais bellas acommodações.

As pessôas que no dia 8 visitaram a nova unidade mercante ficaram maravilhadas do que viram e convencidas da impossibilidade de exigir mais conforto e mais bella disposição nos camarotes e em todas as mais dependencias de um transatlantico.

O commandante sr. W. Hopper foi amabilissimo com os visitantes, bem como os representantes, no Rio, da "Blue Star Line", srs. Wilson, Sons & C. Ltd., firma respeitavel da nossa praça.

O *Arandora*, que só transporta passageiros de 1a. classe, tem apenas 100 camarotes communs e de luxo.

Registra um total de 15.000 toneladas; a sua força motora é desenvolvida pelo systema de turbinas, e como navio mixto transporta 11.000 toneladas de carga. Tem excellentes fri-

Fumoir.

Salão de refeições.

Um aspecto do salão de festas.

Cabine com communicação interna para outra cabine.

Uma cabine de luxo.

Jardim de inverno.

gorificos, pois a sua especialidade de carga é transporte de carnes. Tem a velocidade média de 16 milhas horarias podendo elevar-se a 19 nós. As cabines não são só de luxo mas muito espaçosas e do maximo conforto.

Os salões de jantar e *fumoir*, copa, banheiro, jardim de inverno, piscina, barbearia, bar, enfermaria etc. são magnificos e nada deixam a desejar. Aos passageiros que encontrámos a bordo ouvimos fazer calorosas referencias ao bom tratamento da alimentação e á gentileza da educação do pessoal de bordo e da officialidade, que é duma lhaneza captivante.

A propria antiguidade considerou os chafarizes grandes ornatos das cidades. A belleza da agua, aos jactos ou aos fios, se communica ás fontes publicas mormente quando enfeitam praças e a perspectiva lhes ajuda o effeito esthetico.

Algumas d'aquellas fontes são celebres e ponto obrigatorio de viajantes, assim a de Trevi em Roma, de tão duradoura fama na Cidade Eterna.

Muitos poucos a deixam sem ter ido á fonte de Trevi jogar-lhe, por cima do hombro, uma moeda na bacia, cheia de uma collecção numismatica renovada e aquatica. A dadiva tem por fim assegurar o regresso a Roma.

A época colonial e imperial não deixou o Rio de Janeiro desprovido de chafarizes; aos poucos vão desapparecendo, pela ruina ou pelo desatino administrativo, sem substituição por cousa alguma util ou grata.

Nem ao verdadeiro progresso repugna o conservar do passado, como melhor mostra de ser, com razão, por ter sido com tempo sobre esforço.

Paris não pode ser taxado, parece, de ninho de imbecis. Quem caminha pela capital franceza, em torno da qual volteiam todas as mariposas do mundo, encontra de subito, na frente de seus passos, na rua de Sèvres, cujo nome evoca porcellana e belleza, uma fonte de caracter egypcio, alli collocada pelo primeiro imperio napoleonico.

Até hoje d'ella a agua se escapa sem prejuizo de ninguem, e não a julgaram destoante n'aquella rua cheia de edificios historicos, a começar pelo convento das Hospitaleiras de S. Thomaz de Villeneuve, o unico aberto durante o Terror.

O passado carioca legou ao presente cosmopolita

A fonte da rua de Sevres em Paris, datando do primeiro imperio napoleonico.

da cidade varios chafarizes. Enumeremos alguns, a começar pelo de Valentim da Fonseca, no antigo largo do Paço, ex-visinho da desapparecida praia do Peixe ou Mercado Velho.

Ainda alli se conservou o chafariz, sem pinga d'agua, dormitorio, durante quatro annos, de infelizes menores maltrapilhos. Surprehendeu-os, ha pouco, a policia e os poz de mudança, sem o minimo respeito pelas leis do inquilinato, sem attender que para os desditosos a pedra era cama, os jornaes serviam de lençóes e o céo representava tecto, ora forrado de estrellas, ora em chuveiro nos dias de intemperie.

Do chafariz da Carioca nem é bom fallar. Disgregaram-o e quem sabe lá onde lhe param os restos. Havia necessidade de tirar para não saber onde collocal-o, satisfeita assim a logica municipal.

Foi-se o chafariz das Marrecas para que um quartel de policia pudesse estar mais á larga. Seguiu-lhe sórte o chafariz do largo do Moura, no bairro da Misericordia. Esse não morreu só, arrastou comsigo a demolição da casa dos Mortos, do primitivo Necroterio.

O chafariz da Gloria esteve a pique de sumiço, apezar de subordinado á repartição de Aguas Publicas.

Na rua do Riachuelo havia dous chafarizes, a pequena distancia um do outro, um outr'ora entre os predios ns. 45 e 47 antigos, o outro entre as casas ns. 81 e 83 antigos. O segundo ainda subsiste, secco, sem torneiras, parecendo encolher-se para não ser atacado e morto, com desejo talvez de occultar a sua inscripção cujos dizeres annunciam que "O Rey por bem do seu povo" mandou levantar o chafariz pela policia. Esta, hoje, conclua o leitor...

A praça Municipal, nas cercanias do Cáes do Porto e dos seus armazens numerados, apresenta um chafariz de lindas linhas, formado por peça inteiriça de granito, mas desamparado, o misero, dos homens e das aguas. Entretanto commemora successo historico nacional e urbano, o desembarque de uma noiva, a terceira imperatriz do Brasil, D. Thereza Christina, que tantas vezes passou a barra com alegria ou saudade e pela ultima vez a transpoz só de amargura, no queimar de lagrimas.

Até aqui acompanhamos a sórte ou a mórte de oito chafarizes cariocas. A somma vae receber mais um algarismo, fornecido pelo chafariz do Lagarto, nome popular persistente de uma das cousas actualmente antigas da cidade. E' bom dizel-o bem baixo, antes que abaixo o deitem, levados pelo aviso. Não raro a ignorancia é santa.

Um bom carioca não pode desconhecer o chafariz do Lagarto, collocado na antiga rua do Conde d'Eu, hoje Frei Caneca, na encosta do morro de Paula Mattos, quasi defronte de um quartel de policia, e felizmente a posição parece preserval-o por emquanto do destino do chafariz das Marrecas.

Nada tem de pomposo o chafariz, mas na sua singeleza,na sua vetustez, diz passado a quem ama a cidade, o que não impede de applaudir-lhe o verdadeiro progresso e de augurar-lhe a perfeição sem escangalhar o já feito desnecessariamente. O telescopio leva longe a vista, mas nem por isso se desarrumam as estrellas emendando o céo.

A simplicidade do chafariz do Lagarto é quebrada um pouco por inscripção lapidar em latim, a lingua morta que ainda imprime pompa ás fabricas dos vivos. Monumento sem latim não parece baptisado.

Reza a pequenina inscripção do chafariz do Lagarto:

Sitienti Populo
Senatis
Proevsit Aquas
Anno
MDCCLXXXVI

Isso, á modesta, equivale a affirmar que ao povo sitibundo o Senado da Camara forneceu aguas em 1786.

Pela data, da quéda do seculo XVIII, bem se apura que o chafariz do Lagarto foi avoengo de outros chafarizes da capital, como por exemplo o do largo do Machado, construido em 1852, e o do largo do Valdetaro, em frente ao actual palacio do Cattete.

Desappareceram seguidos no fado pelos dous chafarizes da praia de Botafogo, um de face para a rua Marquez de Abrantes, erigido em 1853, o outro de frente para a rua Marquez de Olinda, construido em 1842, por iniciativa do ministro do Imperio, Araujo Viana, ainda não Marquez de Sapucahy.

Pela distancia não sabe o chafariz do Lagarto da existencia do chafariz da praça Onze de Junho, obra incompleta de Grandjean de Montigny, ao que parece victima de um de nossos entrudos. Morreu pela agua, e comtudo a negam ao seu chafariz.

A fonte do Lagarto foi levantada no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos, antepassado dos urbanistas agora em moda n'uma cidade enfeitada por si mesmo.

Governando, de 1779 a 1790, por dez annos e tanto, o tempo de dous mandatos e pico presidenciaes nossos, Luiz de Vasconcellos e Souza procurou melhorar as condições materiaes da cidade dos cariocas por elle regida lusitanamente.

Tinha dilecção pels lymphas. No seu vice-reinado o Rio de Janeiro recebeu de presente duas mães d'agua, o chafariz da actual Praça Quinze e o das Marrecas, bandas do Passeio Publico. Ainda de quebra aquatil, Luiz de Vasconcellos, na capital do vice-reinado, emprehendeu a restauração do aqueducto da Carioca, á espera de um prefeito municipal que o supprimisse.

Não se comprehende surdina de aguas sem canto de passaros, a musica que serpeia pede a harmonia de vôo.

Luiz de Vasconcellos cuidou das aves, instituindo o gabinete de historia natural conhecido por Casa dos Passaros, berço de Museu Nacional.

Os passaros da casa de Luiz de Vasconcellos eram, porém, empalhados. Sobravam outros lá fóra, bem vivos, espalhando notas no arvoredos, nos beiraes das casas, no recesso das grandes chacaras, matrizes das futuras ruas cariocas.

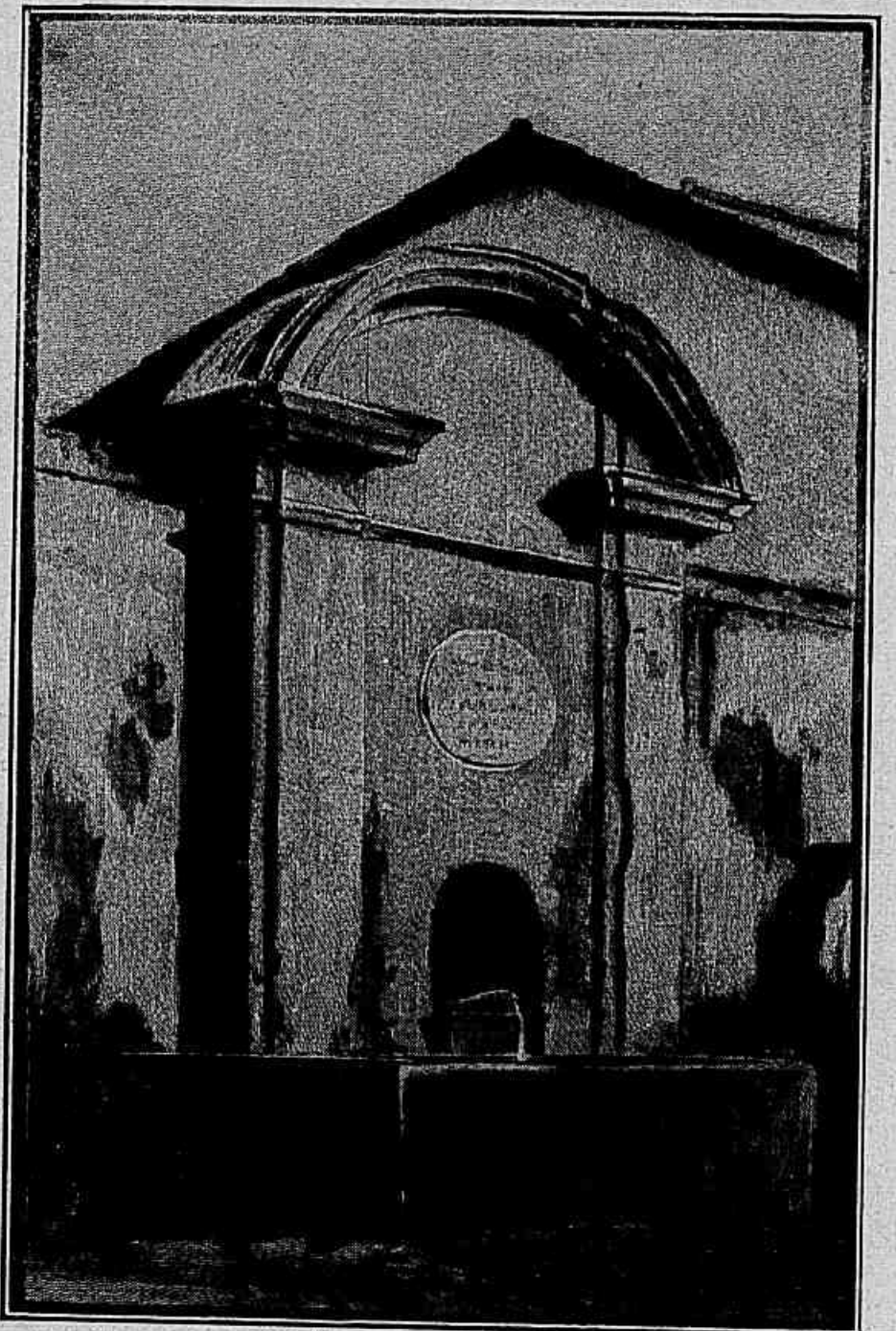
O chafariz do Lagarto assignalaria tambem o fructifero vice-reinado de Luiz de Vasconcellos, de typo tão bourbonico sob uma d'essas cabelleiras empoadas, que encaneciam os rostos mais jovens do seculo VIII, seculo cujo pó de arroz se empastaria na sangueira da Revolução Franceza.

Após sete annos de vice-reinado e de capitania geral de mar e terra do Estado do Brasil, Luiz de Vasconcellos assistiria á modesta mas proficua estréa do chafariz do Lagarto.

Puzeram-o n'um trecho da actual rua Frei Caneca, em 1786 conhecida por nome bem differente, embóra a denominação moderna da rua não destôe n'um chafariz.

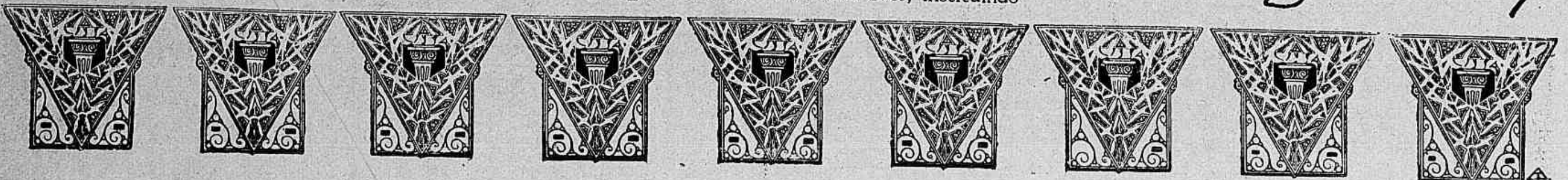
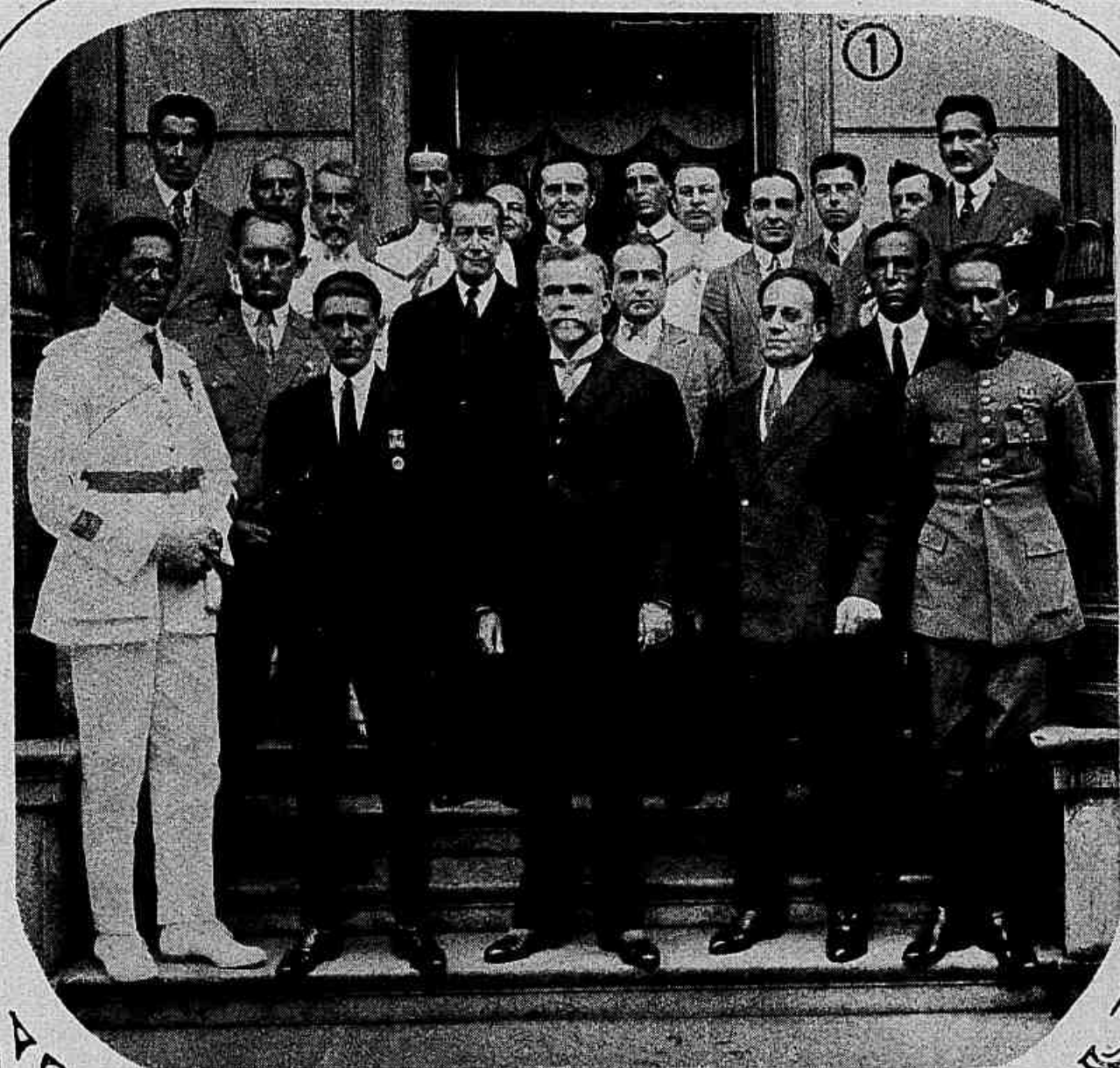
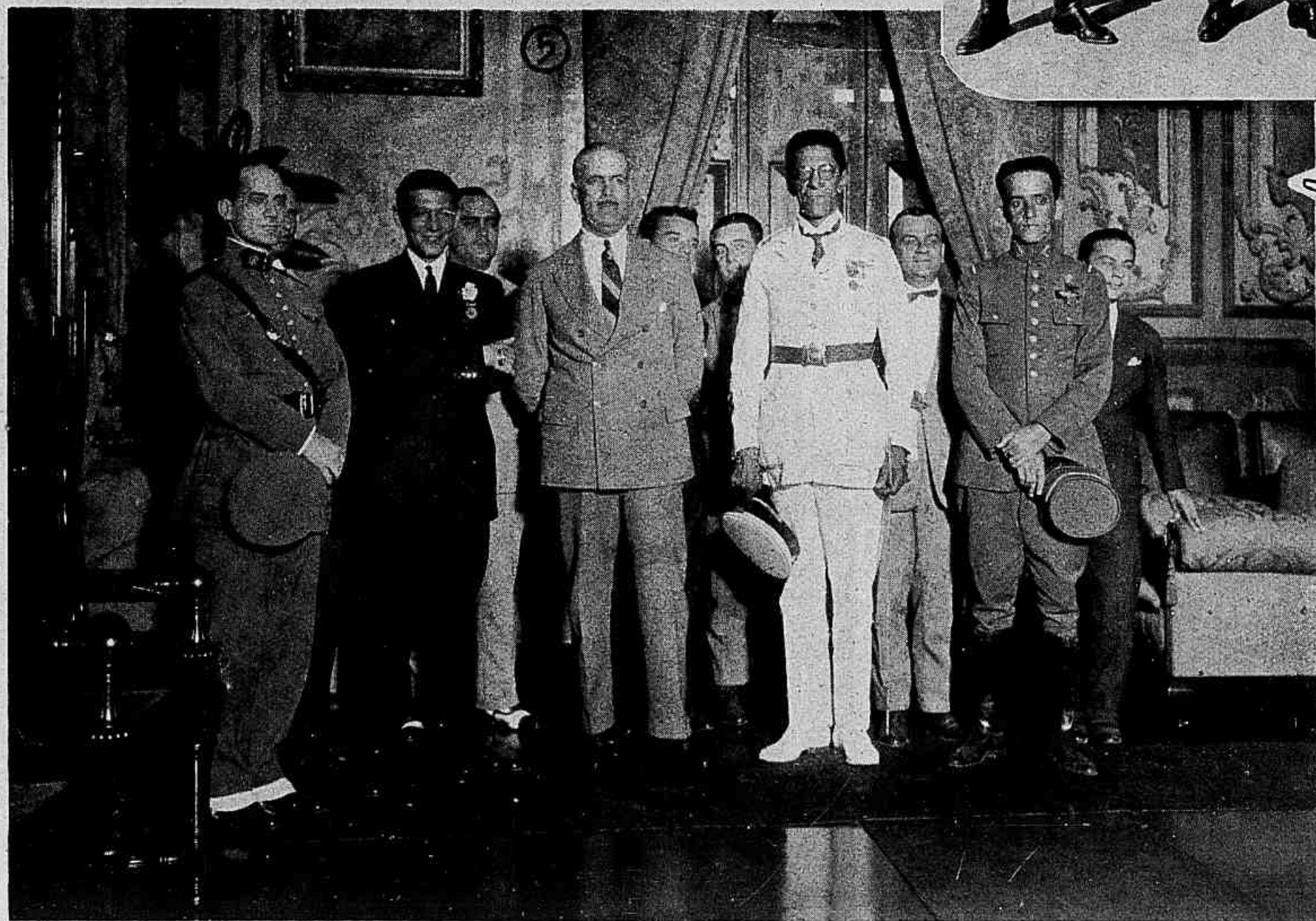
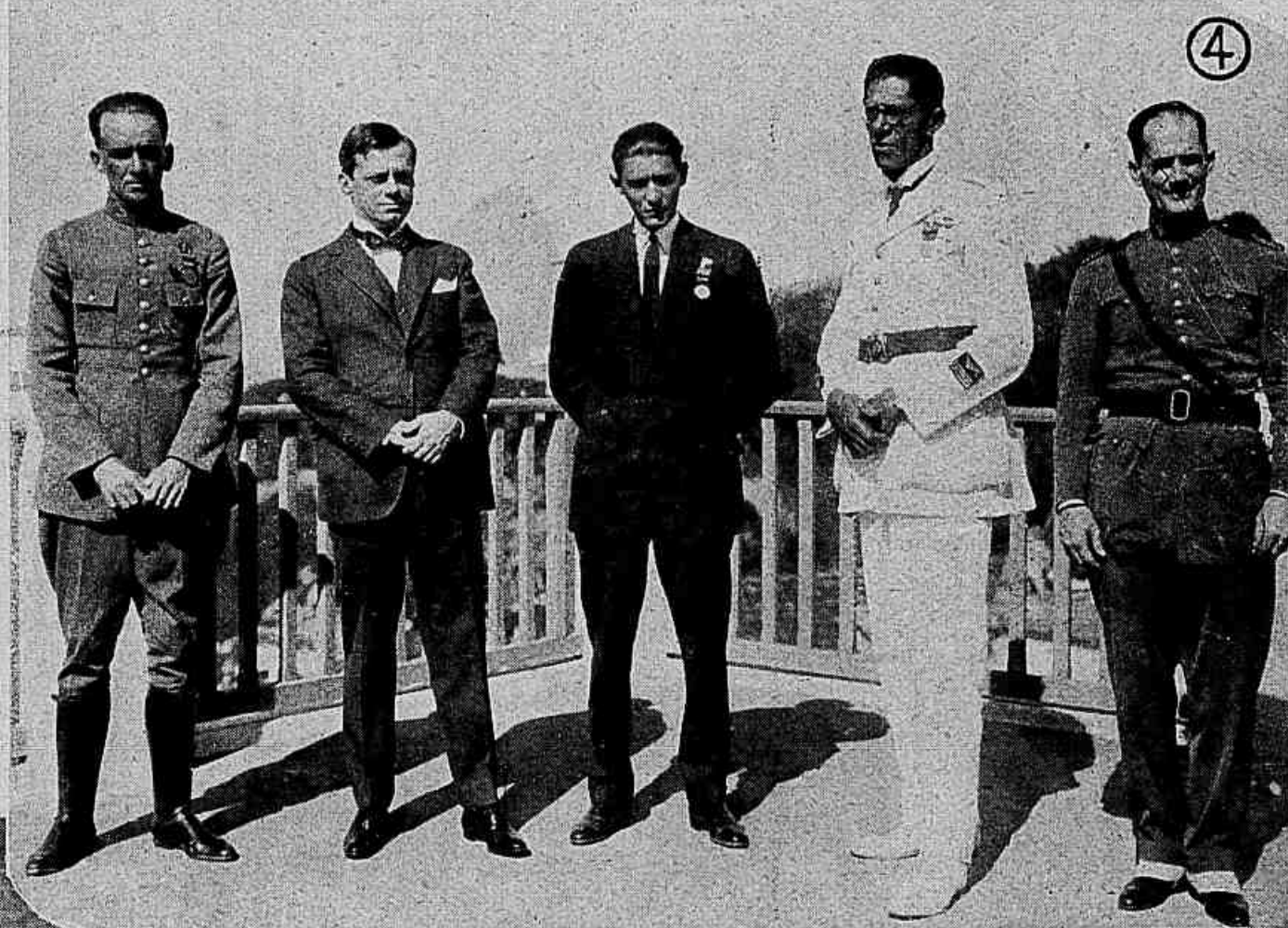
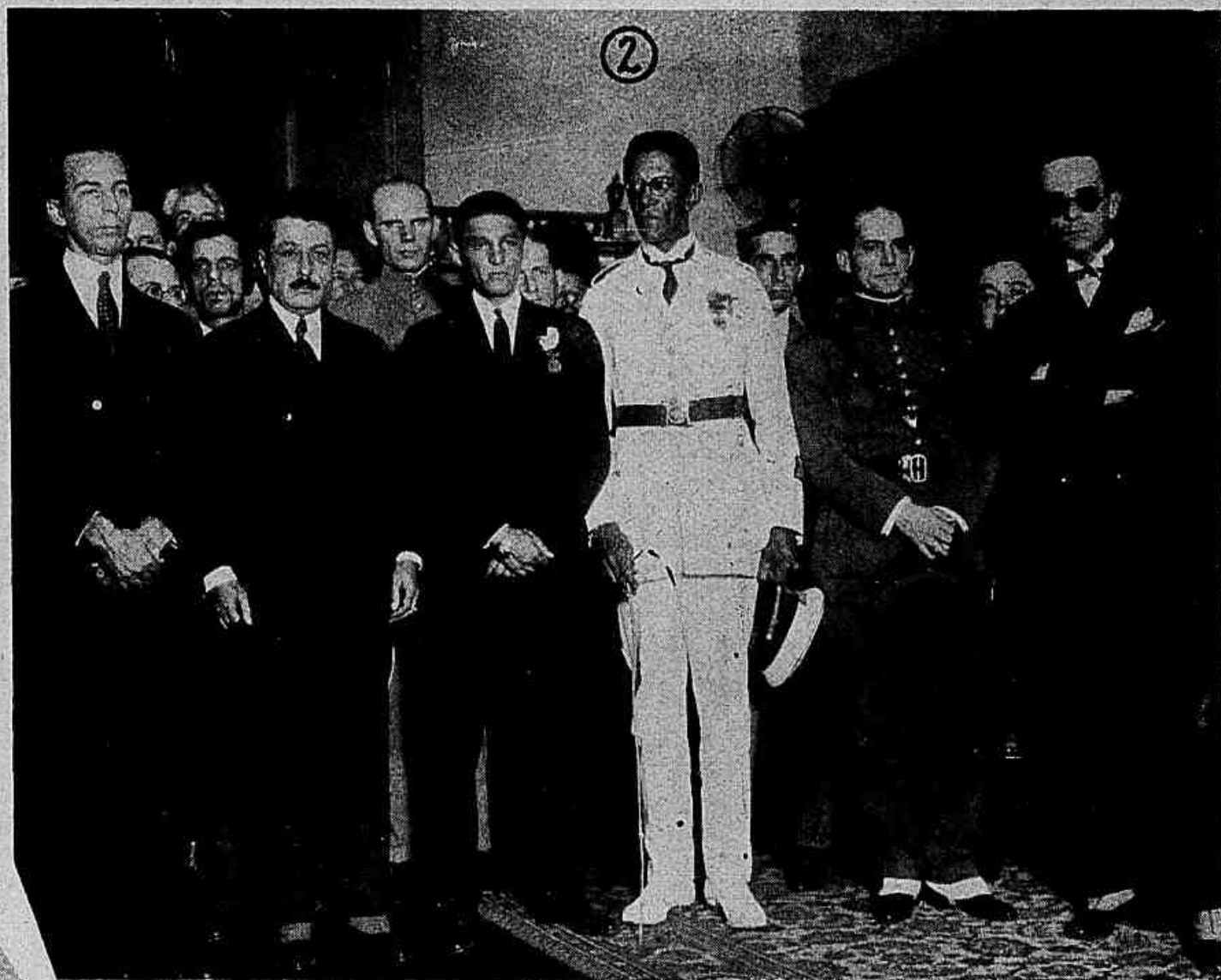
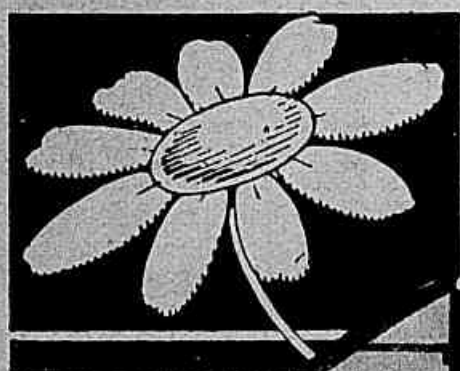
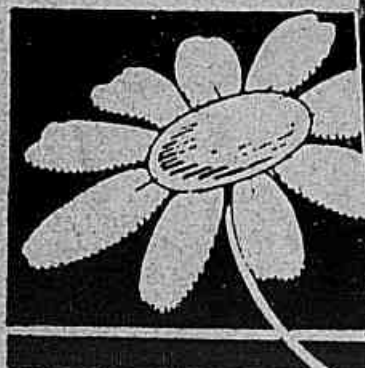
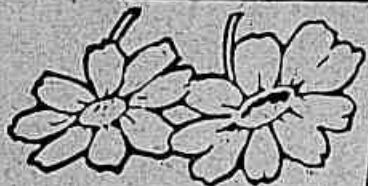
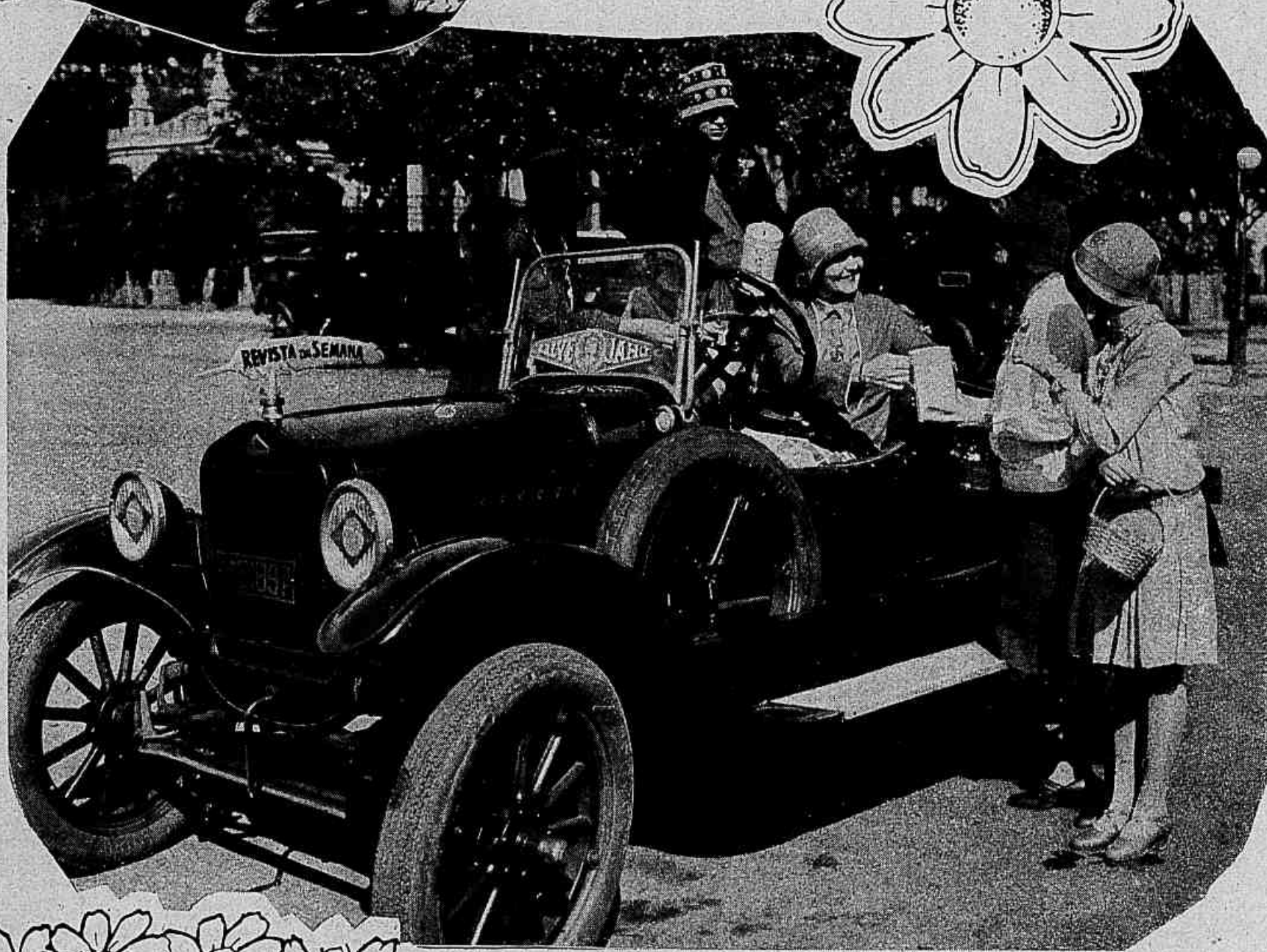
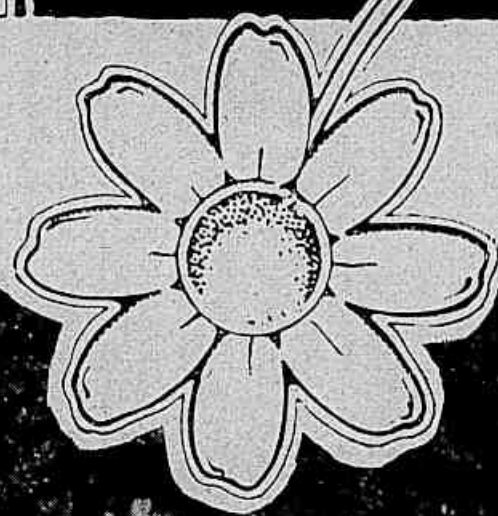
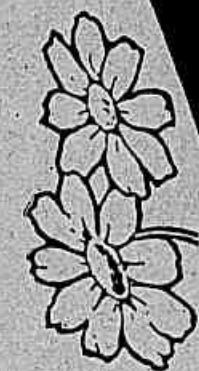
Veio á contemplação e á sêde satisfeita dos povos o chafariz do Lagarto no local do antigo caminho do Engenho Pequeno, pouco acima da Lagôa da Sentinella ou de Capueirussú, nas visinhanças da Cruz do Amaral, segundo Vieira Fazenda, saudoso conterraneo de todo o bom carioca.

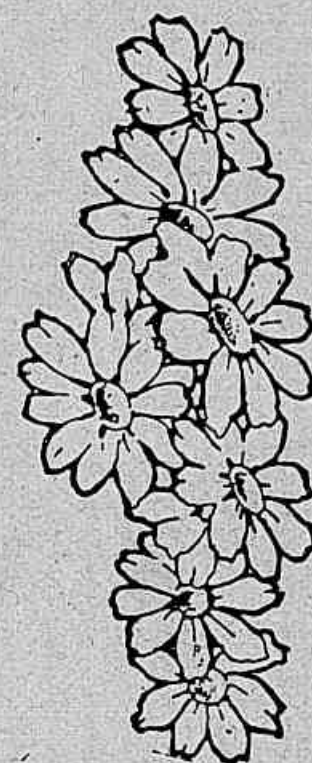
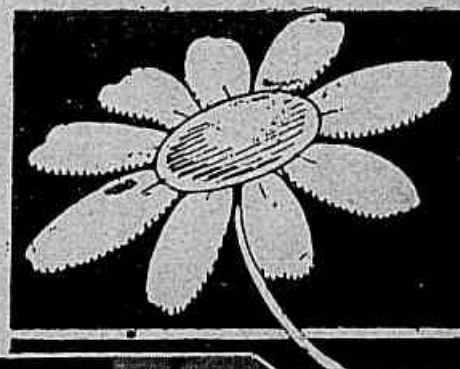
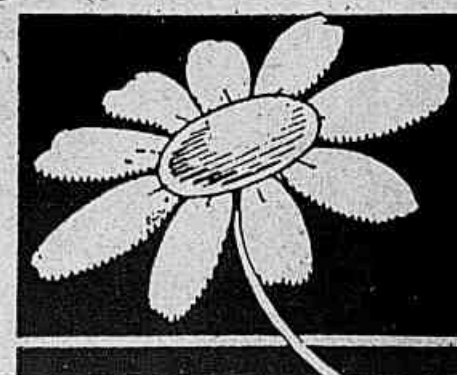
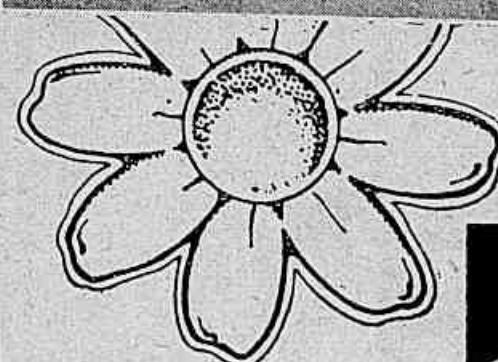
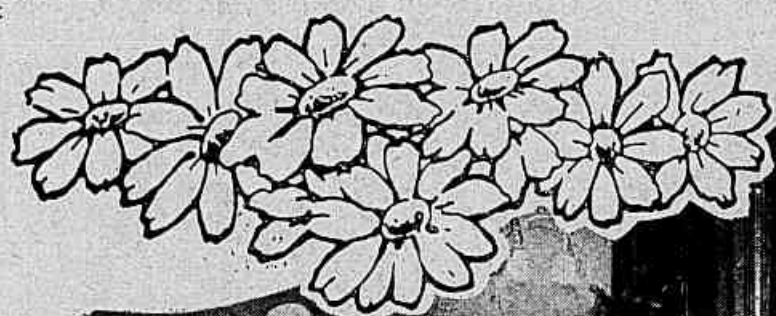
De 1786 até hoje, do caminho do Engenho Pequeno á rua Frei Caneca, ha cento e quarenta e um annos, o chafariz do Lagarto deita aguas e de certo tem visto correr muitas.

Atira-as pela bocca de um lagarto ou melhor teiyú,

O chafariz do Lagarto, na rua Frei Caneca, datando do vice-reinado de Luiz de Vasconcellos (1786).

que, ao invés dos irmãos vivos da familia lacertiana, não se assusta facilmente, não carece da alimentação grata á mesma familia, insectos e molluscos, nem se recolhe a buracos nas penhas ou nos muros velhos.

Um dia, não ha muito, o chafariz do Lagarto alvoroçou a cidade. Correu por ella a noticia de estar a fonte a lançar moedas a par de aguas, moedas que ao contrario d'estas sahiam quentes.

Durante varios dias um povaréo até mulhereum ladeou o chafariz, á espera e á caça dos nickeis e dos vintens, sussurrando-se por fim que o prodigio bem podia ser ardil policial para prender capoeiras. Tudo cançou e acabou, deixaram o Lagarto em paz, dissipada a esperança de vêl-o transformado em fabrica de dinheiro para auxilio dos uberes do Thesouro Nacional tão ordenhados por toda a casta de mungidores.

A VISITA DOS AVIADORES ÁS ALTAS AUTORIDADES

1 — Os heróes do «Jahú» no palacio do Cattete, em visita ao sr. Presidente da Republica. No primeiro plano, o sr. Washington Luís, tendo á direita Ribeiro de Barros e Newton Braga e á esquerda o sr. ministro Muniz Barreto, presidente da Commissão de recepção aos aviadores, e João Negrão. No segundo plano, da esquerda para a direita, Vasco Cinquini, o 1.° secretario da Presidencia, o sr. ministro da Fazenda e o mecanico Mendonça. Nos demais planos, os membros das Casas Civil e Militar da Presidencia. 2 — Ribeiro de Barros e Newton Braga com o sr. Vianna do Castello, no Ministerio da Justiça. 3 — Barros, Negrão e Newton Braga em visita ao sr. ministro da Guerra. 4 — O sr. ministro Victor Konder em companhia de Negrão, Barros e Braga, após o almoço que lhes offereceu em sua residencia. 5 — Os aviadores em visita ao sr. Antonio Prado Junior, prefeito do Districto Federal.

O DIA DA

MARGARIDA

Interessantes aspectos tirados no "Dia da Margarida". Vêem-se aqui varios grupos das lindas *vendeuses* offerecendo a symbolica flor a Ribeiro de Barros e Newton Braga; na nossa redação; em diversos pontos da cidade, e na "baratinha" da "Revista". Ao alto desta legenda, um aspecto tirado na Associação dos Empregados do Commercio, durante a apuração das dadivas. Completa a pagina um formoso rosario das chefes de grupos de *vendeuses* e algumas destas, após a entrega dos cofres, na Associação dos Empregados no Commercio.

UMA RESPOSTA

"Escrevo-lhe de pyjama, meu amigo. Confesso mesmo que puz propositalmente o pyjama para responder-lhe. Não comprehende porque, naturalmente, e os seus olhos tão francos — uns olhos bonitos, sabe?... — enchem-se de tal espanto que me fazem sorrir. E' por uma razão muito simples, uma razão de concordancia entre meu vestuario e o estado d'alma em que desejo dar-lhe esta difficil resposta. Se lhe respondesse de costume *tailleur*, por exemplo, minhas palavras, sem querer, se fariam duras, seccas, rigidas, palavras irremediaveis.

Se estivesse de vestido de passeio ou de visita talvez não lhe désse a devida attenção.

Num traje de baile, minhas phrases poderiam tomar o tom de galanteio e artificialismo de um flirt mundano, e V. bem sabe que nós não estamos flirtando.

O *déshabillé* pareceu-me intimo demais. Enlanguesce a gente e eu preciso sentir-me senhora de toda minha vontade para dizer-lhe o que tenho a dizer. Foi então que me decidi pelo pyjama... Estamos entre homens, amigo. Somos dois velhos camaradas que se vão falar com a aberta franqueza de rapazes e que se vão comprehender, não é verdade?... Desejo tanto, tanto que me entenda, que nos entendamos que, para ficar mais á vontade, fantasiei-me alguns instantes de homem.

De homem, bem homem, não direi. Mas de um ephebo que V. acharia bonito, tenho a certeza disto, e com o qual teria, com o qual vai ter todas as indulgencias. Comecemos, pois, pelo que mais custa...

Meu amigo, meu querido e excellente amigo, eu não me posso casar com V. Digo-lhe isto desolada, creia, absolutamente desolada com a ideia do mal que lhe vou fazer.

Sinto-o tão superior a mim, tão generoso, tão leal, tão meu amigo que este *não* se me afigura a mais criminosa das injustiças.

Não se zangue commigo, não me queira mal e sobretudo não fique triste! A lembrança de sua tristeza enche-me os olhos d'agua. Tenho vontade de abraçal-o, contental-o e, ao mesmo tempo, sinto que é impossivel, impossivel!..

— E' porque V. gosta de outro! — dir-me ha com a exprobração do seu justissimo ressentimento. Mas... de certo!... E' por isto, só por isto, unicamente por isto.

Quando recordo a somma de qualidades que fazem de V. o mais desejavel, o mais perfeito dos partidos e que o comparo, que o comparo... Ah! meu amigo, não imagina as furiosas indignações que tenho tido contra mim-mesma!...

Você seria a segurança, a garantia, a plenitude, a felicidade... O ideal emfim, apenas esta bagatella — o ideal! — tanto no ponto de vista intellectual e moral como no financeiro, no social e até no physico.

Toda gente me chamaria louca se soubesse que o recuso, que recuso o melhor dos maridos sem outro motivo que não um miseravel motivo de coração. Quero-lhe tanto bem, no emtanto!... E é precisamente por querer-lhe bem que tenho a coragem de não procurar pretexto para mascarar a minha fraqueza, que tenho a lealdade de confiar-lhe assim a verdade crua e nua. Estamos entre homens, não é verdade?... Nada de mentiras, pois.

Creio dar-lhe d'est'arte a maior prova do apreço que deu a seu amor, a seu grande amor que não mereço e que não posso aceitar.

O outro, esse de quem gosto, V. não poderia jamais gostar delle.

Tem uma porção de defeitos que reconheço e nem siquer posso garantir que elle me queira como V. me quer... Mas... eu gosto delle!... Absurdo, loucura, tolice, o que quizerem. Concordo com a severidade de todas estas opiniões, o que não posso é concordar em afastal-o para sempre de minha vida. Prefiro a desventura com elle á felicidade com qualquer outro. Sim, meu amigo, cheguei a este ponto...

Não ha remedio para o meu caso.

Lembra-se de uma cançoneta franceza já bastante antiga, em que a coitada da heroina dizia, entre consternada e feliz:

Il me bat, il me démolit, il me creve,
Mais que voulez-vous, moi j'aime ça...

Não digo que eu gostasse de ça...

Sinto, porém, que seria capaz da indignidade de perdoar-lhe. Tapo o rosto com a mão ao confessar-lhe, enrubescendo, esta vergonha...

Que esta confissão me possa absolver aos seus olhos, esclarecendo-o sobre a insignificancia da cousinha atôa que seu!...

Deixe-me a meu destino... Bom ou máo, é o que escolhi, não quero outro. V. merece uma mulher mil vezes outra cousa, não lastime portanto a minha perda.

A gente não gosta de quem quer. O amor é quem manda...

Se tudo andasse direito na terra, V. nunca devia ter gostado de mim, eu então...

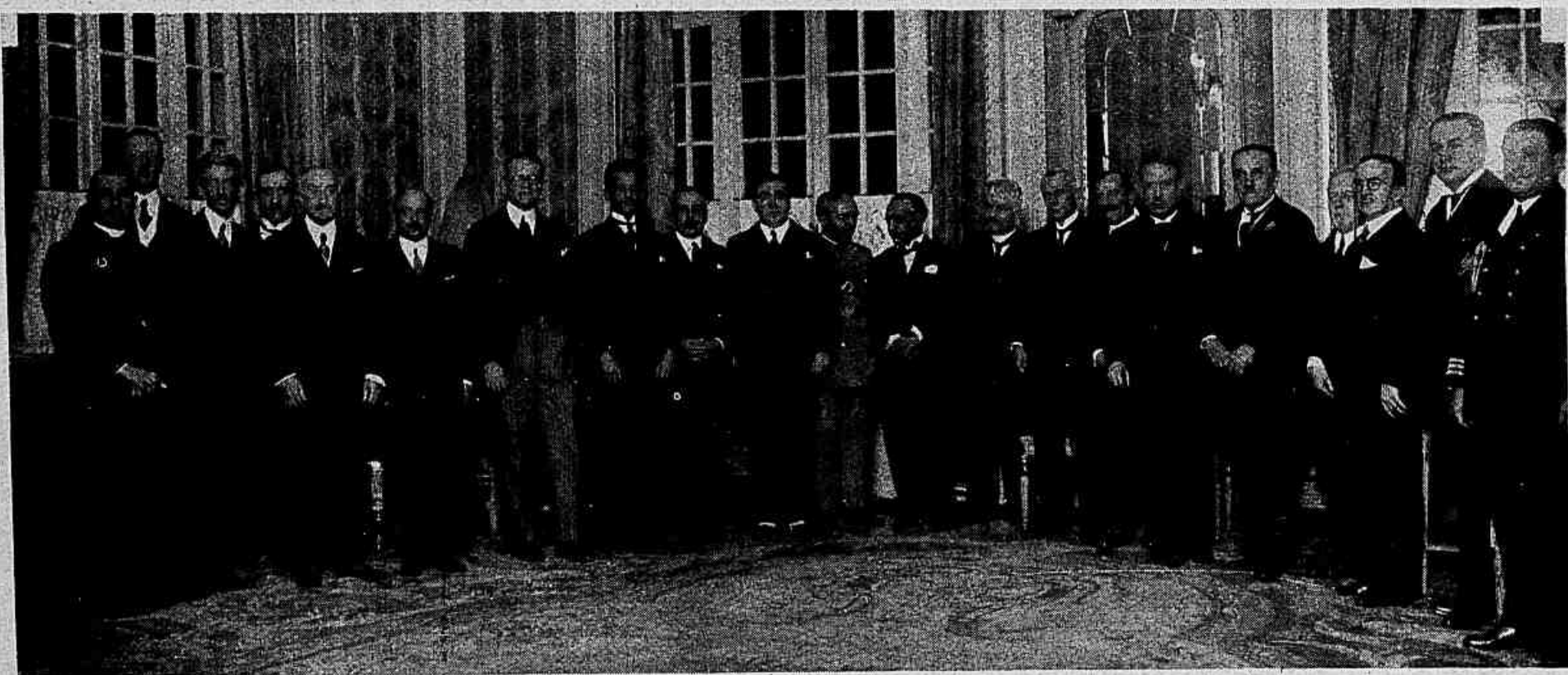
Mas não falemos mais nisto, sim?... Continue a ser meu amigo... se puder!...

Eu não tenho culpa, acredite, não tenho culpa... E' a sorte. Adeus. Não me beije a mão, não: aperte-a virilmente, como ao bom camarada que seu seu.

Não foi para estarmos entre homens que revesti o meu pyjama?...

NICIA"

P. c. c.

Maria Eugenia Celso.

A recepção na Legação da Venezuela

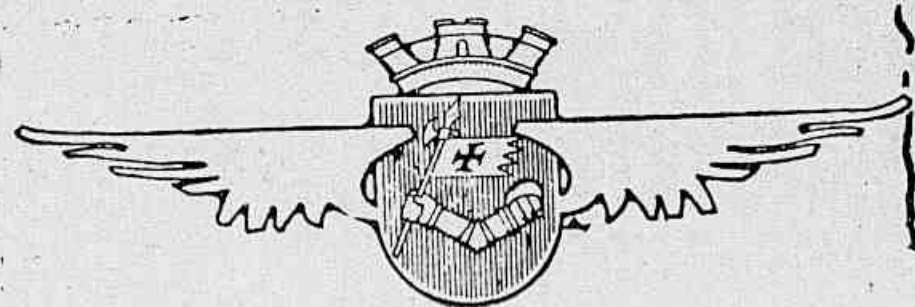
A recepção dada pelo illustre diplomata sr. Abel Montilla, ministro de Venezuela, em commemoração do 118.º anniversario da independencia de sua nobre Patria. Na gravura de cima, o sr. ministro Montilla, entre os ministros do Exterior e da Guerra, tem em sua companhia, entre outros, os srs. vice-presidente da Republica, presidente do Supremo Tribunal, embaixadores da França, Italia, Inglaterra, Argentina e Chile; encarregado de Negocios da Santa Sé e ministros de Cuba, Hespanha, Uruguay, Colombia e Paraguay. Na gravura inferior, o sr. ministro Montilla, entre as Embaixatrizes da Argentina e do Chile, tem em sua companhia figuras da diplomacia e da alta sociedade.

As homenagens aos heróes do "Jahú"

1 — A recepção dada em honra de Ribeiro de Barros e seus companheiros do glorioso *raid* do *Jahú*, no Automovel Club. Na gravura vê-se o presidente do Automovel Club entre o commandante Ribeiro de Barros e Newton Braga.

2—Os heróes do *Jahú* recebidos na Sociedade Italiana de Beneficencia. A gravura reflecte o momento em que s. ex. o sr. Bernardo Attolico, embaixador da Italia, tendo á direita Ribeiro de Barros, entregava ao capitão Newton Braga a medalha de ouro que lhe foi offerecida, como aos demais tripulantes do *Jahú*, pela colonia italiana.

3 e 4 — Dois aspectos da brilhante recepção offerecida aos aviadores, no Casino Beira Mar, pelo Aero Club. Na gravura ao lado vêem-se Ribeiro de Barros, que tem á esquerda o sr. Cesar Vergueiro e Newton Braga, a cuja esquerda se acha o sr. ministro Muniz Barreto.

As fronteiras intransponiveis do cinema

DO CINEMA E DAS SUAS POSSIBILIDADES.— SUAS VICTORIAS E SEUS INSUCCESSOS. — O IRREALIZAVEL EM CINEMATOGRAPHIA. — O ROMANCE "SHE", DE SIR RIDER HAGGARD E A SUA INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAPHICA. — A FORMOSURA IRREAL DE AYESHA E A BELLEZA MORTAL DE BETTY BLYTHE.

As possibilidades da cinematographia finalizam onde terminam as da realização objectiva.

A sciencia, o talento e a audacia dos grandes operadores da acção dramatica photographada nada conseguem de efficaz e perfeito para alem desses limites. O cinema é a mais realistica de todas as artes, por isso mesmo que só pode utilizar-se da realidade. Sem duvida, esses limites dia a dia se dilatam pelas conquistas surprehendentes da technica e pelo progresso incessante dos recursos de que dispõe a mais lucrativa das industrias artisticas contemporaneas. O seu campo de acção parece cada vez mais amplo, mas continuam-lhe vedadas as espheras transcendentes da abstracção philosophica e poetica.

Da elementar simplicidade dos primeiros tempos, do periodo experimental da "Gaumont" e da "Lumiére" até ás super-producções da "United Artists", da "Paramount", da "Goldwyn", da "Pathé" e da "Ufa" vae a mesma distancia que da "mise-en-scéne" rudimentar com que se representou o *Hamlet* no tempo da rainha Izabel ás sabias e magnificentes reconstituições historicas de sir Tree no "His Majesty's Theater", no reinado de Jorge V. Shakespeare não sentiria maior assombro assistindo a uma feeria no "Drury Lane" do que os nossos avós, contemporaneos do kaleidoscopio, ao presenciarem a projecção de *Monsieur de Beaupaire* com Rodolfo Valentino.

Nos seus primeiros e incertos passos da infancia, o cinema limitou-se a photographar argumentos que não excediam as possibilidades do palco scenico, acrescentando-lhes a colaboração real da natureza. Depressa, porém, as excedeu, logo que os lucros imprevistos do negocio consentiram dotar a "mise-en-scéne" de explendores em confronto dos quaes as montagens theatraes da *Theodora*, do *Cyrano de Bergerac*, da *Aida* e da *Salambô* pareceram pallidissimas, se não indigentes, miniaturas.

E então foi, quasi instantaneamente, o triumpho universal do cinema, que iniciou a sua carreira veloz pelo mundo, de Paris a Nova York, de S. Francisco a Tokio, de Pekim a Constantinopla, de Alexandria a Capetown.

De certo, á acção cinematographica falta a cooperação da palavra oral, que procurou suprir-se pelas legendas e pela musica. Nas não tardou que os novos espectadores se habituassem á penumbra e ao mutismo do theatro de sombras. A arte da mimica — linguagem intelligivel a todos os povos — attingiu gradualmente

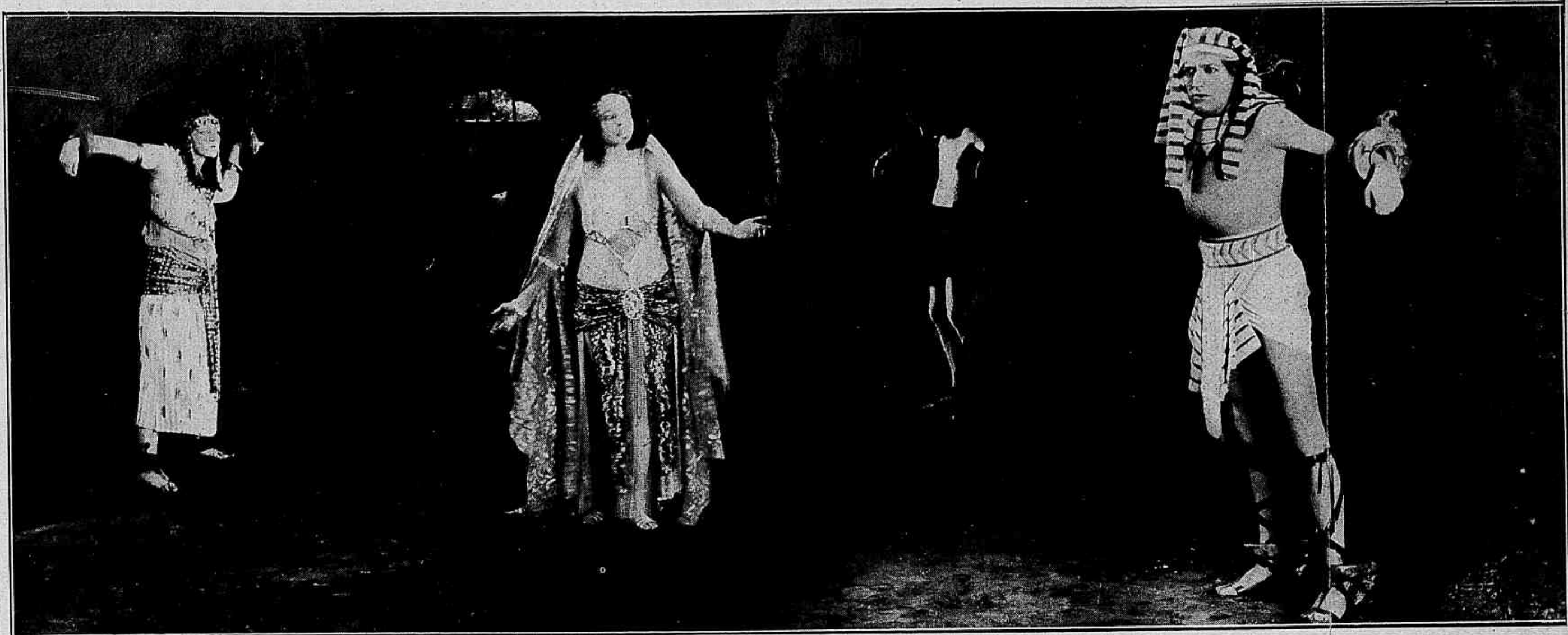
a perfeição. A pequena Mary Pickford eclypsava a gloria das rainhas da tragedia. Todas as artes subsidiarias da decoração e do adorno trouxeram o seu tributo á aliciadora industria triumphante, que lhes vertia no regaço a sua cornucopia inexgotavel. A intervenção da paisagem e da architectura, a praticabilidade de movimentar a acção em amplissimos scenarios naturaes dotara o cinedrama de uma realidade palpitante a que nunca pudera aspirar o theatro. Finalmente, depois das magnificencias e do realismo da encenação, vieram os prodigios resultantes da cooperação da mecanica e da phisica.

Essas surprehendentes contribuições não dotaram, porém, a cinematographia com o poder sobrenatural de transportar o subjectivo para o objectivo, de materialisar os mundos abstractos do pensamento e da arte. O cinema só nos pode dar da poesia o que ella comporta de realidade. Tudo o que transcende da belleza objectiva ultrapassa as suas possibilidades. Sem duvida, os sentimentos que resultam do proprio embate emocional da acção dramatica, dos conflictos do instincto e da alma, exprimiveis pelo gesto e pelo jogo physionomico, podem ser deflagrados com intensidade pela scena muda. Em films como a *Big Parade*, que marca uma phase de sensivel progresso na realisação cinematographica, pudemos assistir a uma acção dramatica ininterrupta, dentro das regras classicas da unidade e a um fim de acto onde todos os elementos da dramatização se conjugam para os effeitos supremos de um desfecho de poema tragico, sem desfalecimentos de technica, sem uma nota destoante no conjuncto, com a mais sabia gradação dos effeitos emocionaes até ao desfecho pathetico. Aquella partida das tropas para a batalha, o rodar dos caminhões num turbilhão de poeira, os adeuses dos vivos aos que vão enfrentar a morte, a despedida lancinante do soldado americano e da aldeã apaixonada constituem uma das mais extraordinarias scenas de interpretação que jamais um ensaiador e um operador conseguiram animar de verdade pungente e realistica.

Mas ha na arte regiões que estão acima da realidade, situadas nos confins do mundo tangivel, nos dominios remotos do ideal e do symbolo. Debalde a cinematographia se esforça por incluir no seu raio de acção visual esses cumes extra-objectivos da grande arte, essa via-lactea do espirito humano, esses espaços sidereos por onde paira a poesia. O confronto entre os textos escriptos e as suas interpretações é sempre desfavoravel ao cinema, que deveria abster-se de invadir os paramos da fantasia para só reinar despoticamente no ambito das reconstituições da vida real.

Mais uma vez esse desfalecimento acaba de verificar-se na versão cinematographica tentada pela "Diamond", do celebre romance de Rider Haggard, cujo symbolismo não cabe nos limites da realização objectiva. Os leitores da literatura ingleza conhecem a obra-prima do auctor das *Minas de Salomão*, onde, inesperadamente, o novellista se transporta ás regiões hermeticas da poesia, e enxerta em uma das suas habituaes aventuras um cantico digno de ser majestosamente orchestrado com as polyphonias arrebatadoras de um Wagner.

A doutrina da transmigração das almas serve de thema central a esse episodio, mas elle ramifica-se em outros motivos que abrangem todo o incognoscivel da vida, do amor e da morte, e é tratado num estylo inspirado nas mesmas fontes espiritualistas onde o Schuré dos *Grandes Iniciados* absorveu a eloquencia das suas visões dos mysterios de Eleusis e das suas interpretações de Hermes, Pythagoras e Orpheu.

As duas principaes personagens do romance, o Tristão britannico e a Ysolda mysteriosa e millenaria dos subterraneos de Kôr, são propositadamente irreaes, como dois symbolos. Leo Vincey, o heroe, parece "uma viva estatua de Apollo". Os condiscipulos da universidade de Cambridge chamavam-lhe "o deus grego". Ayesha, a heroina, representação symbolica da suprema belleza physica, conservada intacta, através dos seculos, pela impregnação miraculosa da propria essencia da vida, em cujos efluvios banhava o seu corpo radiante de estatua, é uma das mais transcendentes creações da fantasia. Onde encontrar o homem digno

de encarnar a belleza apollinea de Kallikrates? Onde encontrar a mulher capaz de representar a Belleza no zenith da perfeição impeccavel, perante cujos encantos estonteadores se inflammavam e desvairavam os corações?

Projectar a interpretação objectiva destes symbolos é um desafio arrogante aos poderes quasi celestes da imaginação, pois é tão impossivel reduzir a imagens photographicas o poema philosophico de Ridder Haggard como cinematographar os arroubos mysticos de Santa Theresa de Jesus, as symphonias de Beethoven, a rhetorica offuscante de Paul de Saint-Victor.

O operador audacioso que se propoz a tarefa sobrehumana de reduzir a imagens visuaes aquillo que só pode exprimir-se na linguagem dos symbolos, e acreditou poder reproduzir com uma simples machina, alguns reflectores electricos, luzes de mercurio e duas creaturas mortaes de Hollywood, a fantastica, sobrenatural maravilha da resurreição, do amor e da morte de Ayesha e Kallikrates permitte-nos calcular até que excessos de confiança e de presumpção os estimulantes da victoria conduziram os emprezarios da cinematographia. Depois dos seus triumphos retumbantes, dos prodigios scenicos e operatorios do *Ben-Hur*, do *Robbin-Hood*, do *Ladrão de Bagdad* e de *Metropolis*, a industria do cinema capacitou-se de que todo o turbilhão da vida humana, tanto a real como a espiritual, cabe no raio visual das suas lentes e na gesticulação dos seus manequins. Só essa presumpção explica alguns dos seus desastres.

E eis porque o publico, embora seduzido pela nudez impudica da bella Betty Blythe, terá assistido com indissimulavel decepção e irreprimiveis bocejos á versão cinematographica do romance de Haggard, que ficou reduzido a uma inconcebivel aventura, desprovida de estos espiritualistas, e onde não raro o pathetico decáe no ridiculo.

Dada a impossibilidade de photographar a eloquencia dos symbolos e a linguagem sublime da poesia, do romance ficou apenas o esqueleto desgracioso: uma successão de quadros de pantomima, mixto de Julio Verne e de Edgard Poe, ora pueris, ora sinistros.

Aplicando os seus raios X ao romance de Haggard, a cinematographia despojou-o da alma e dos adornos opulentos da rhetorica. Não podia ser de outra maneira.

Ella é, no romance, o symbolo da belleza feminina. Não é uma mulher, mas a Mulher, considerada instrumento da creação. Para dignamente represental-a seria preciso procurar através do mundo e dos seculos o exemplar humano em que a Natureza mais houvesse accumulado as perfeições. A um poeta é possivel crear com palavras magicas essa formosura ideal e avassaladora. Nenhuma creatura mortal poderia, porém, personifical-a. *Ella* só existe na immaterialidade do pensamento, nos sonhos lucidos da poesia. Seriam necessarios o genio apotheotico de Gustavo Doré e os transportes da musica wagneriana das grandes paginas do *Parsifal* e do *Tristão e Ysolda* para dar forma e realidade subjectiva á scena grandiosamente emocionante em que a rainha Ayesha conduz o reincarnado Kallikrates ás entranhas da Terra, através do dedalo tenebroso e terrificante de uma cratera, onde é gerado o principio da Vida, que anima a creação. A caverna sombria, em cujos abysmos se concebe a vida da Natureza, é no livro de Haggard como que a ampliação descommunal do recinto sexual em que se gera o mysterio impenetravel da vida humana.

O symbolo impõe á scena uma grandiosidade pathetica, e as palavras de Ayesha adquirem uma significação perturbadora:

— "Approximae-vos! Approximae-vos! Contemplae a propria fonte da Vida, o coração que palpita no seio da Terra! Vêde a substancia de que todas as cousas extráem a energia, o Espirito radioso sem o qual o Globo não poderia subsistir e morreria como a gelida Lua! Approximae-vos! Banhae-vos nas chammas vivas para fazer penetrar em vosso debil corpo todas as suas forças virginaes! Essa vida empobrecida que circula em vossas veias, e que vos foi distribuida através do filtro de milhares de existencias intermediarias, vós a fortificareis e sublimareis aqui, na propria fonte do Sêr!"

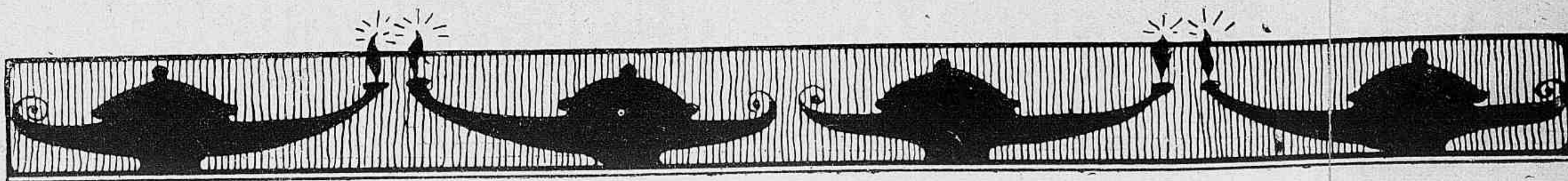
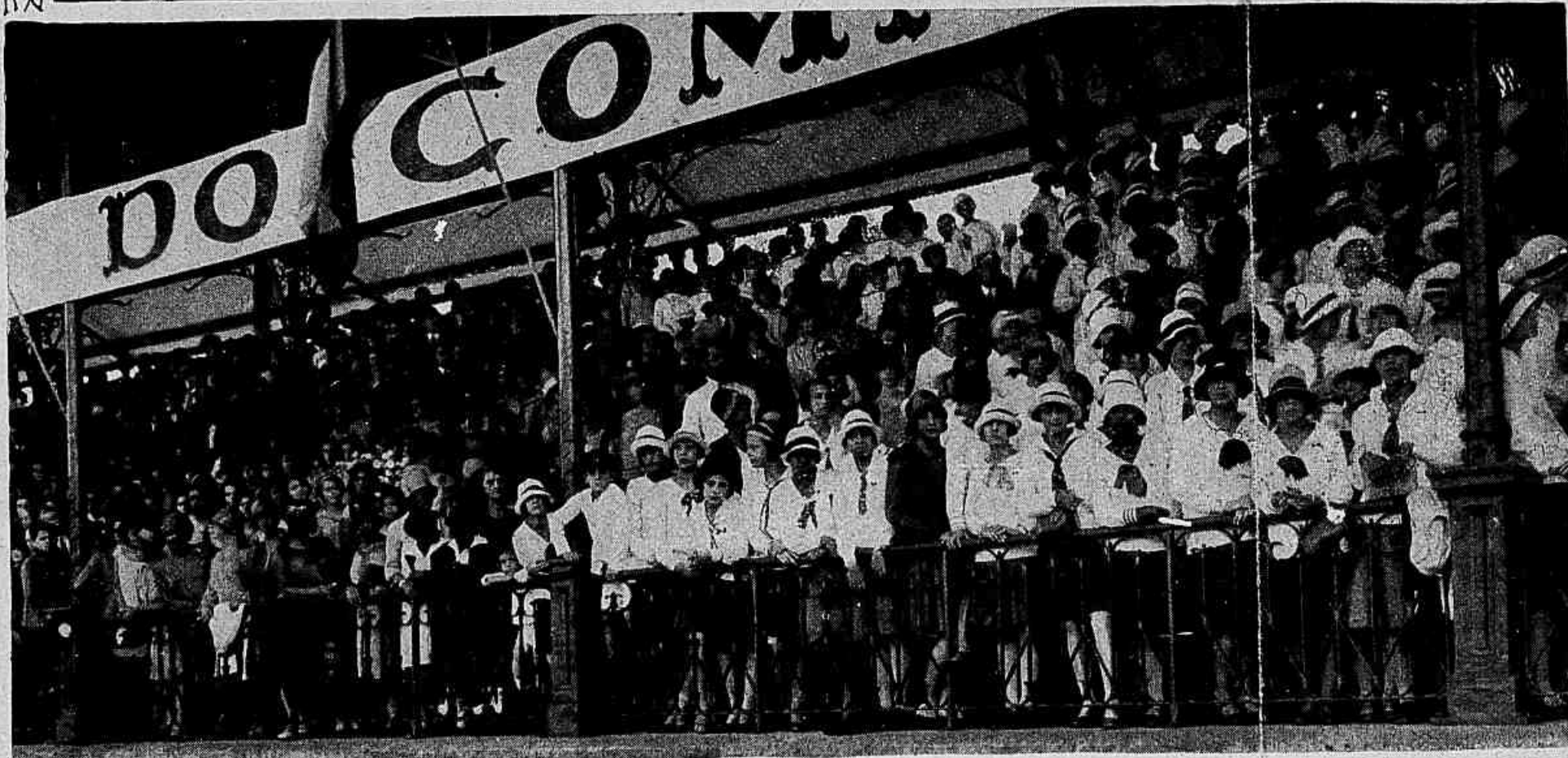
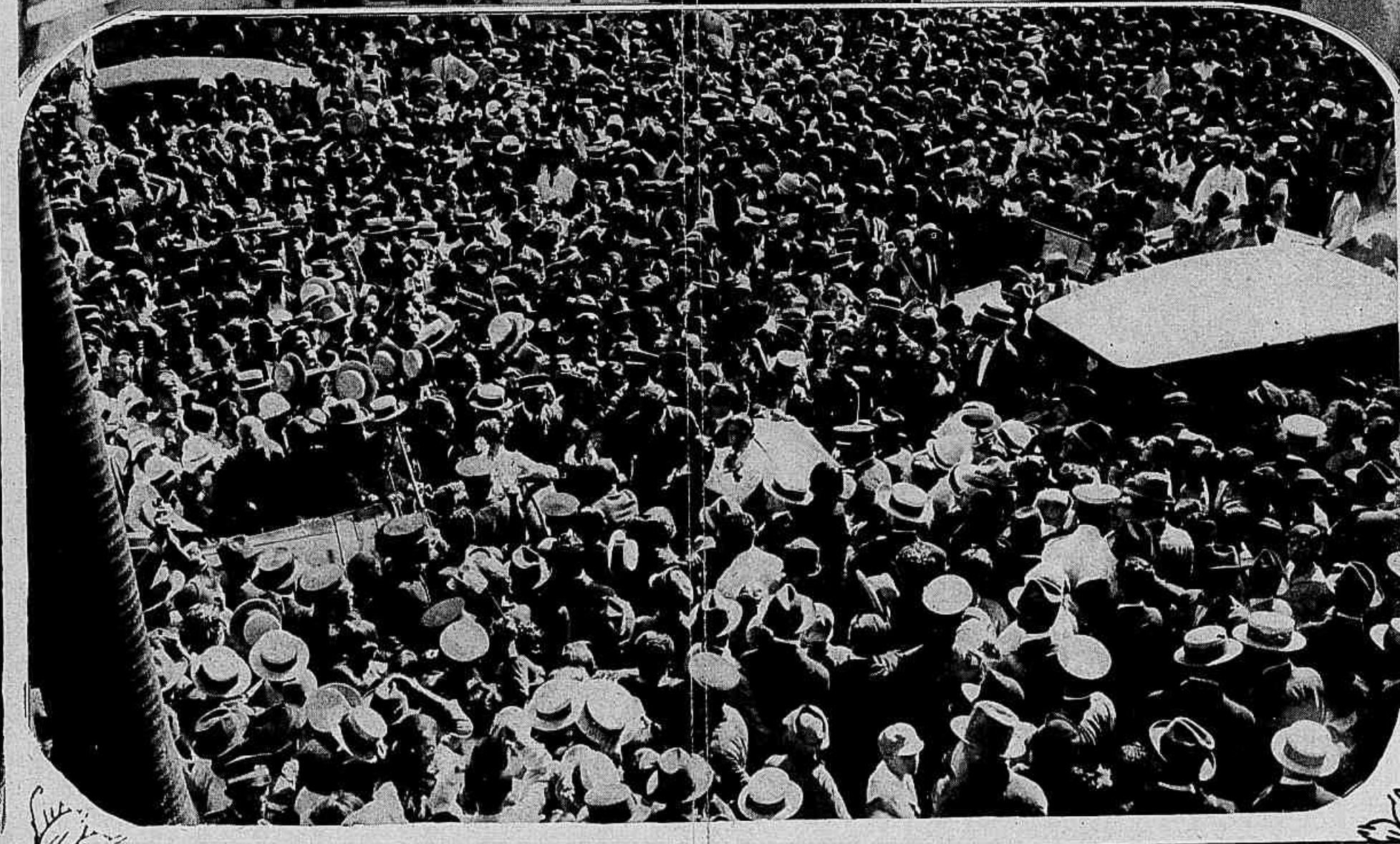
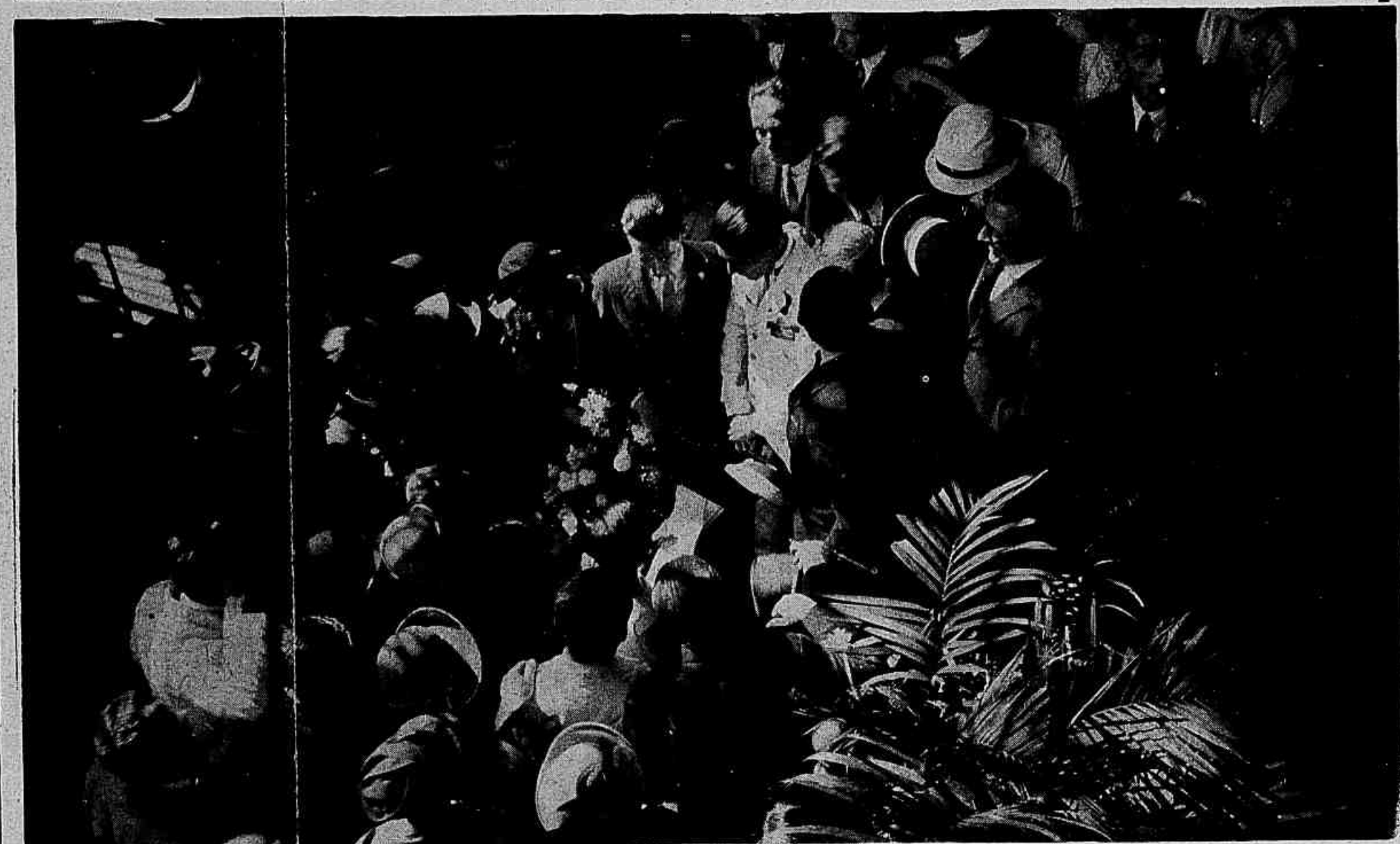
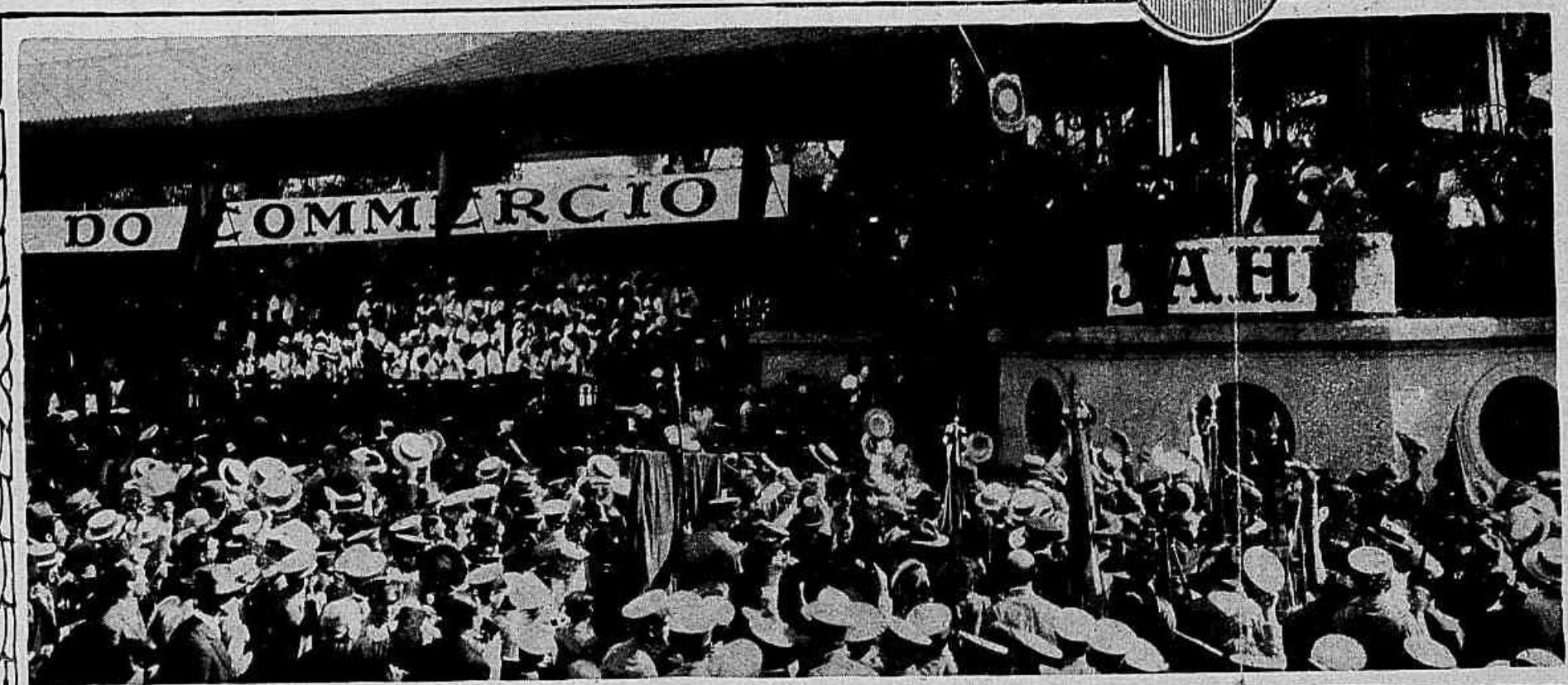
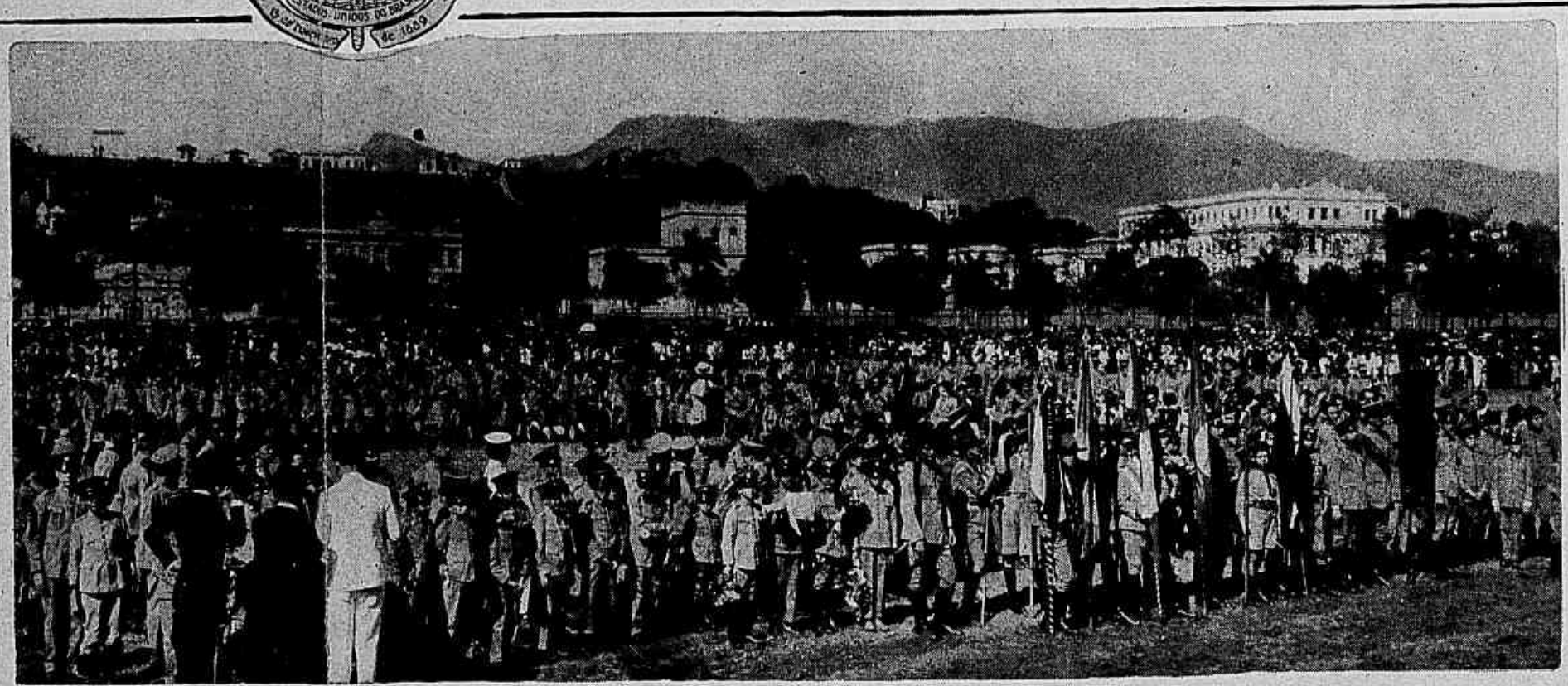
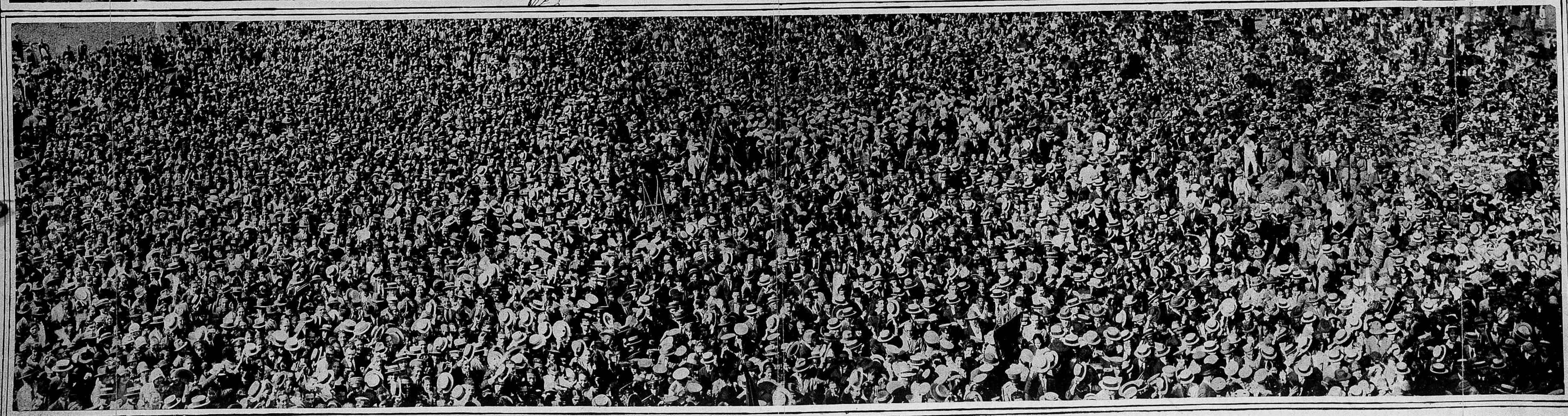
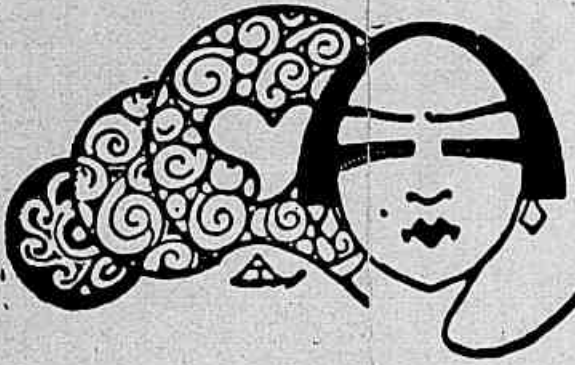
Como seria possivel que uma machina photographica reproduzisse estas palavras, em cujas ondas de poesia palpita a propria essencia dos mysterios da creação?

E que scenario poderia reconstituir o espectaculo assombroso, magistralmente composto com palavras, pelo milagre da linguagem (esse instrumento transfigurador e unico em que é possivel exprimir o invisivel!), quando Kallikrates contempla o fenomeno estupendo?

"De longe, de muito longe, do profundissimo abysmo da cratera, ascendia gradualmente um terrivel rumor, que ia crescendo, crescendo, até volver-se em crepitação e rugido, e que reunia em si tudo quanto o som pode conter de majestoso e de terrivel, bramidos de feras, sibilos de ventanias, estrondos de trovões; ruido tempestuoso que se diria de uma floresta millenaria convulsionada e dobrada como hervas por um furacão do Apocalypse. Cada vez mais o ciclone subterraneo se approximava, rolando como todos os carros do céo atrelados aos corceis galopantes do raio... Finalmente, os relampagos precursores da tromba de chammas trespassaram a cratera como flechas de fogo até que a columna ignea, rodopiando no seu eixo, se elevou, animada de um lento movimento rotativo, e de novo se sumiu nas profundidades do planeta..."

....

E' porque tudo isto não está, nem podia estar, no film da "Diamond" que a versão cinematographica do romance de sir Rider Haggard nos deu a impressão de uma truculenta pantomima. E é só como humilde tributo reparatorio que pode servir este commentario á margem de um insuccesso do cinema.

P. N.

A MANHÃ DE RELIGIÃO E PATRIOTISMO

Estas paginas não carecem de descripção. Dá-lhes eloquencia bastante a multidão incalculavel que se vê contida na pequenez das provas photographicas colhidas pela nossa objectiva e aqui reproduzidas. A missa campal mandada rezar pela União dos Empregados do Commercio em acção de graças pela feliz conclusão do «raid» do «Jahú», enchendo o Campo de São Christovam, foi a um tempo uma demonstração religiosa e patriotica. Fé e civismo é o que dizem as photographias que aqui se vêem. Umas dão aspectos parciaes da assistencia; outras revelam instantaneos da chegada dos aviadores ao Campo; outros ainda dão-nos vistas empolgantes de conjuncto e detalhes do altar deante do qual se resou a missa. De qualquer dellas, porém, conclue-se que este mesmo povo que vibrou de enthusiasmo á chegada do «Jahú» continuou a render aos gloriosos tripulantes o seu tributo de admiração, num impeto justo e digno de patriotismo.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 16 — as sras. Aryna Fragoso Moutinho, esposa do dr. Alvaro Moutinho, Otto Prazeres e Lucinda Carneiro Ferreira; as senhorinhas Maria Esther Iararrazaval Zanartu, Olga Faria Cessent e Aida Ribeiro da Costa; os drs. Joaquim Pires Ferreira e Patricio Ribeiro de Faria.

No dia 17 — a sra. Alice G. Fonseca; as senhorinhas Corina Principe da Silva, Maria Guida e Amelia Ferreira dos Santos; monsenhor Gonzaga do Carmo; o commendador Domingos Lourenço Ferreira; os drs. Candido Mello Leitão e José Pereira Rebouças; o galante Robertinho, filho do casal Eugenio de Paiva Rio.

No dia 18 — a generala Gomes da Silva; as sras. Elvira Borlido Dyott, Olga Gaspar Antunes; as senhorinhas Dóra da Costa Britto, Djanira Principe da Silva, Maria de Lourdes Tavares de Lyra, Rita Brandt Paes Leme, Alda Pereira Pinto e Germana de Oliveira Castro; os drs. Barros de Figueiredo e Itamar Tavares; a menina Maria de Lourdes, filha do sr. Oscar Ferreira da Silva; o sr. Otto Schilling, conceituado commerciante desta praça.

No dia 19—as senhoras Machado Portella, Carlos Alberto Franco e Laura Parodi Lima; as senhorinhas Maria Magdalena Guimarães e Laura Novis; os drs. Godofredo de Mattos, Ruy Vaccani e Francisco de Paula Oliveira; o commendador Gonçalves Netto, o coronel Julio Edmundo Bailly, o sr. Adão da Costa Lima, da administração do "Jornal do Commercio".

No dia 20 — as sras. Carminda Freitas Barreto, Clarisse Lages, Izaura Moraes, Laura Abrantes Pinto e Herminia de Souza Assis; as senhorinhas Maria Ophelia Maurell, Maria Luiza de Vasconcellos, Glorinha de Frontin e Maria Augusta Figueiredo Lima; os drs. Francisco Siqueira de Andrade, Luiz Rodrigues de Queiroz, Eurico Pacheco e Alberto Alves; o deputado Bento de Miranda, o desembargador Francisco Xavier Reis Lisbôa; ss. exx. revmas. o arcebispo d. Joaquim Silverio de Souza e o bispo dr. Alberto Gonçalves.

No dia 21 — a sra. Maria Sarah Pereira Rego; as senhorinhas Orminda de Souza Varges, Edith Maciel Levy, Maria José Soares, Carmen Nunes Ribeiro e Maria Eulalia Canario; os drs. Raul Cahet, Leonel Gonzaga e Rubens Maciel; o menino Nelson de Almeida Ozorio.

No dia 22 — as senhoras Antonio Januzzi e Djanira Guedes da Costa; senhorinhas Maria da Conceição Albuquerque e Carmen Gaspar Ribeiro; os drs. Gabriel Vianna Dantas de Abreu e José Oiticica; o commandante Carlos Ramos; o coronel Octaviano Pereira Barreto.

DIPLOMATAS

Esteve brilhantissima a recepção que o embaixador Edwin Morgan deu, sexta-feira passada, em homenagem ás senhorinhas Barros Moreira, no elegante palacete da Embaixada americana.

A gentil senhorinha Dóra Bevilacqua, laureada aos 14 annos de idade pelo Instituto Nacional de Musica, por unanimidade, com o 1.º premio (medalha de ouro). Dóra Bevilacqua realiza um recital de piano a 30 do corrente, sabbado, no Salão do Instituto, ás 16 horas, interpretando C. Franck, Chopin, Villa-Lobos, Ravel, Debussy e Albeniz.

O ministro da Dinamarca e a sra. Moore reuniram, sabbado ultimo, um grupo de amigos para um chá que transcorreu muito encantador.

*

Esteve tambem muito agradavel o chá que o encarregado de Negocios da Tcheco-Slovaquia e sra. Dietrich offereceram, sabbado, a seus amigos.

*

Transcorreu formosissima a recepção que o sr. Conty deu, ante-hontem, afim de commemorar a grande data nacional de França.

A' embaixada de França compareceram as nossas altas autoridades, o corpo diplomatico e a nossa alta sociedade.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria Galvão e o dr. Jayme Barros Campello;

— a senhorinha Gloria Martinelli e o sr. Horacio Cardoso Machado;

— a senhorinha Nylza Monteiro de Barros e o sr. Jayme Magalhães;

— a senhorinha Aracy Moniz da Silva e o sr. Jayme Vieira.

— a senhorinha Maria de Lourdes Gusmão e o sr. Aristides da Rocha Bastos;

— a senhorinha Lelia Costa Moraes e o sr. Nelson Gama do Nascimento;

— a senhorinha Marina Prado Lemos e o sr. Alays Dornellas;

— a senhorinha Deolinda Wolmann e o sr. Nabor Alves Fernandes;

— a senhorinha Lygia de Araujo Telles e o sr. Odemar V. da Silva.

CASAMENTOS

— a senhorinha Hilda Dutra e o dr. Caio Pompeu de Souza Brasil;

— a senhorinha Castorina O' Reilly Pinheiro e o 1.º tenente Edison Brasiliense Pereira;

— a senhorinha Hilda Tristão e o sr. Nelson Lima;

— a senhorinha Lygia Brêtas e o sr. Amynthas Senna Barros;

— a senhorinha Maria Duque Estrada e o sr. Dante Laginestra;

— a senhorinha Corintha da Silva Rosa e o sr. Eugenio Proclan Martins;

— a senhorinha Zoé Ayres da Silva e o sr. Adalberto dos Reis Castro;

—a senhorinha Nila Coutinho e o capitalista Auréo Loureiro de Sá;

— a senhorinha Maria Luiza Menezes e o sr. Horta Mattos;

—a senhorinha Helena de Lemos Mascarenhas e o dr. Mario de Aguiar Muniz Freire;

— a senhorinha Allyria Lopes da Cruz e o sr. Reynaldo Carneiro Bastos;

— a senhorinha Petrina da Cunha e o sr. Luiz Moreira.

MUSICA

Sexta-feira da semana que findou teve logar o recital da sra. Rita Ulhôa Couto. A magnifica hora de arte, que se realisou no Thatro Municipal, teve a mais selecta e numerosa assistencia, tendo sido a brilhante artista enthusiasticamente applaudida em todos os numeros do seu excellente programma.

OS QUE VIAJAM

Chegaram ao Rio: — o pintor Vicente Leite, que regressa do Ceará e vem fazer uma exposição de trabalhos seus; o coronel Domingos Gama, que volta de sua viagem de recreio a Minas; o dr. José Juliano Neves, procedente de Nova Friburgo; o professor Eduardo Ferreira Pinto, que regressa do Estado do Rio.

*

Deixaram o Rio: — o deputado Antonio Austregesilo, que se destina aos Estados Unidos; o coronel José Arthur Frota, para o Ceará; d. Aquino Corrêa, que foi a Cataguazes; o sr. Milton Soares, que vae ao Recife; o pintor patricio Leopoldo Gotuzzo, para a Europa; o capitalista d. Diego Bilonta Calvo, que vae em viagem de recreio ao Velho Mundo; o coronel Albino J. Gonçalves Barbosa, para a Bahia; o coronel Hermenegildo Gripp, para Friburgo.

CHÁS DANSANTES

Realizaram lindos chás dansantes quinta-feira da semana ultima o Automovel Club do Brasil e o Aero Club, sendo que o Automovel em sua esplendida séde e o Aero no salão do Casino Beira-Mar. Ambos tiveram a mais selecta assistencia e foram em homenagem á tripulação do "Jahú".

ATLANTICO CLUB

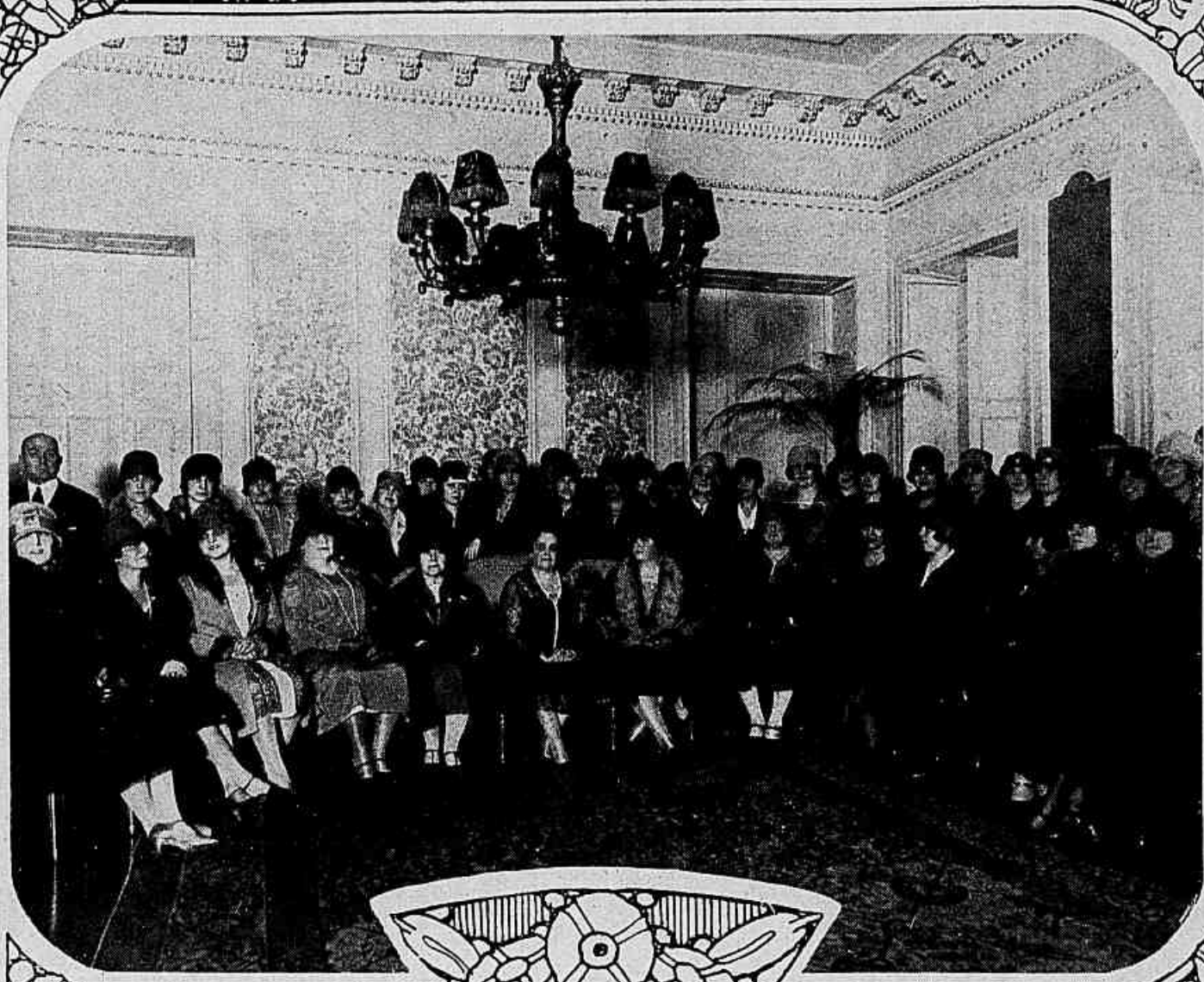
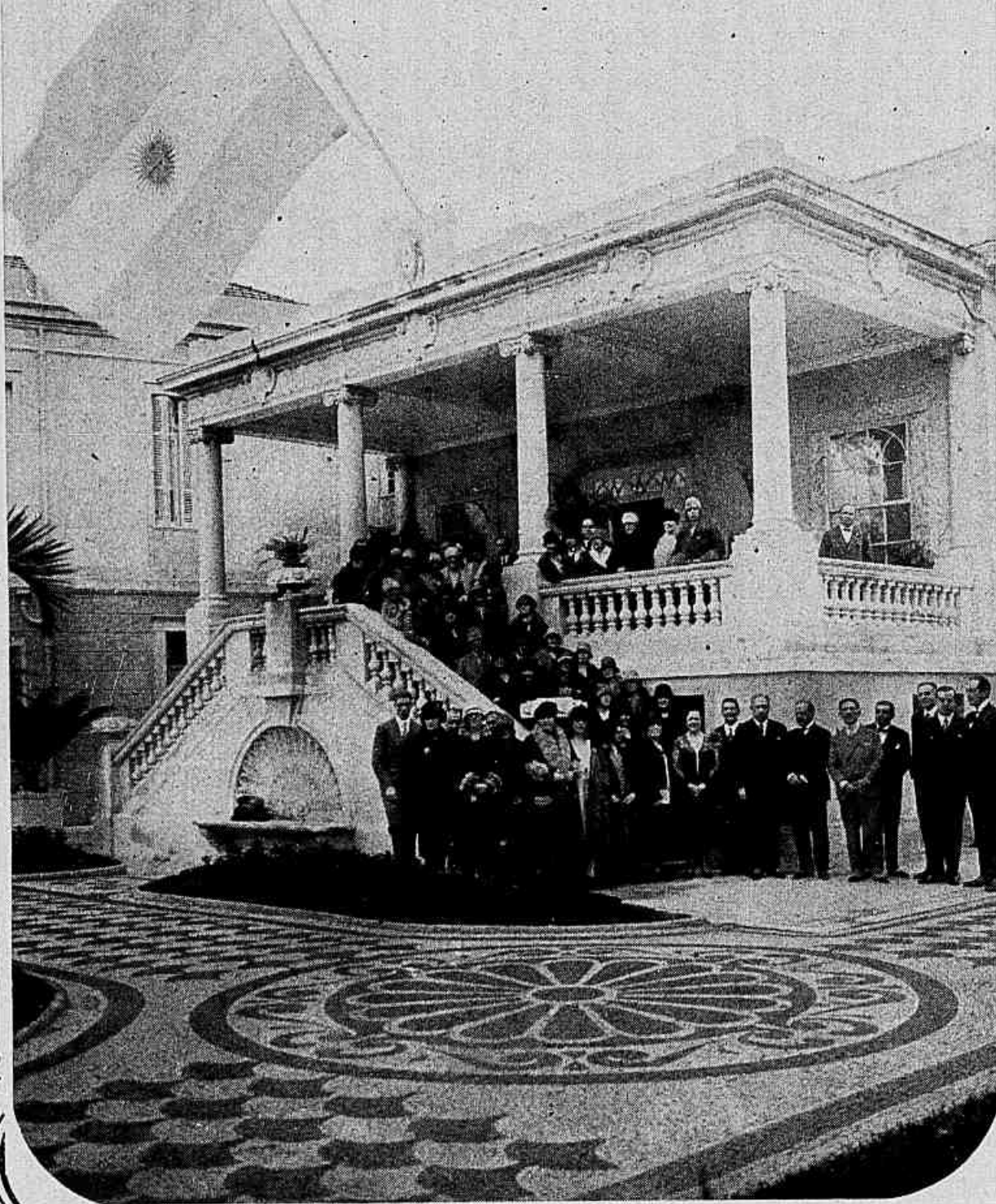
Sabbado ultimo realisou esse querido *cercle* a 1.a Noite de Elegancia, organizada pela sua directoria para o encanto de seus associados.

Tomaram parte no programma a sra. Naruna Corder, a senhorinha Olga Abrahão e o poeta Adelmar Tavares.

Foi uma deliciosa reunião que deixou em todos grata recordação. — M. DE D.

A gentil senhorinha Helena de Magalhães Castro, a artista do violão e da canção, cujo recital, realizado recentemente no Theatro Municipal, constituiu um verdadeiro acontecimento em arte e em elegancia.

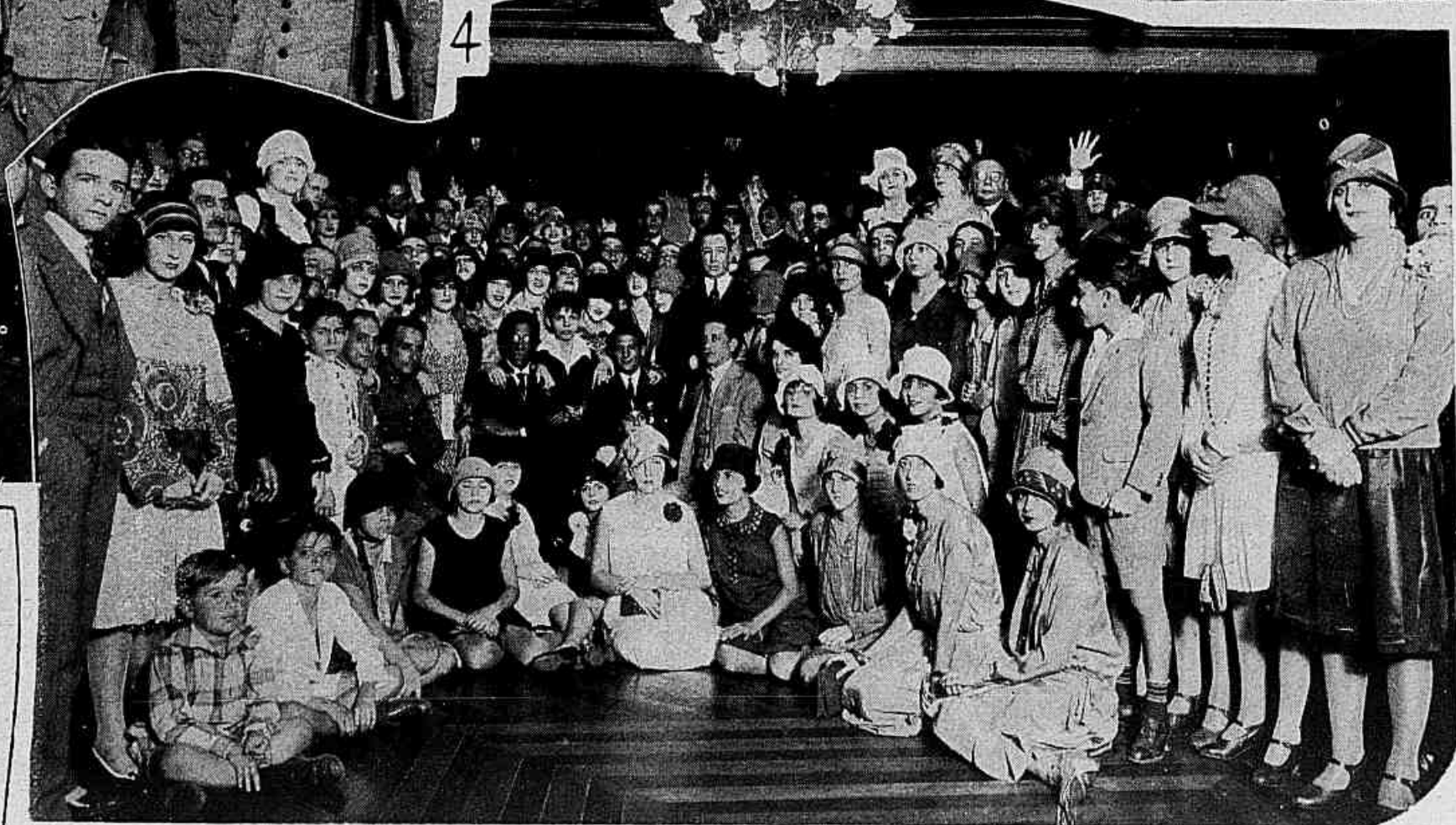
No Club Social Argentino, ao realizar-se a audição, para a imprensa carioca, de canções regionaes da Argentina e de outros paizes sul-americanos da senhora Ana S. de Cabrera. A' esquerda: o sr. embaixador da Argentina, jornalistas e pessoas gradas no Club Social Argentino, por occasião da linda festa com que essa novel aggremiação se associou, num acto expressivo de amizade brasileiro-argentina, á inauguração do monumento do grande general Bartolomé Mitre. A' direita: a notavel folklorista argentina senhora Ana Cabrera, cuja audição constituiu um verdadeiro triumpho

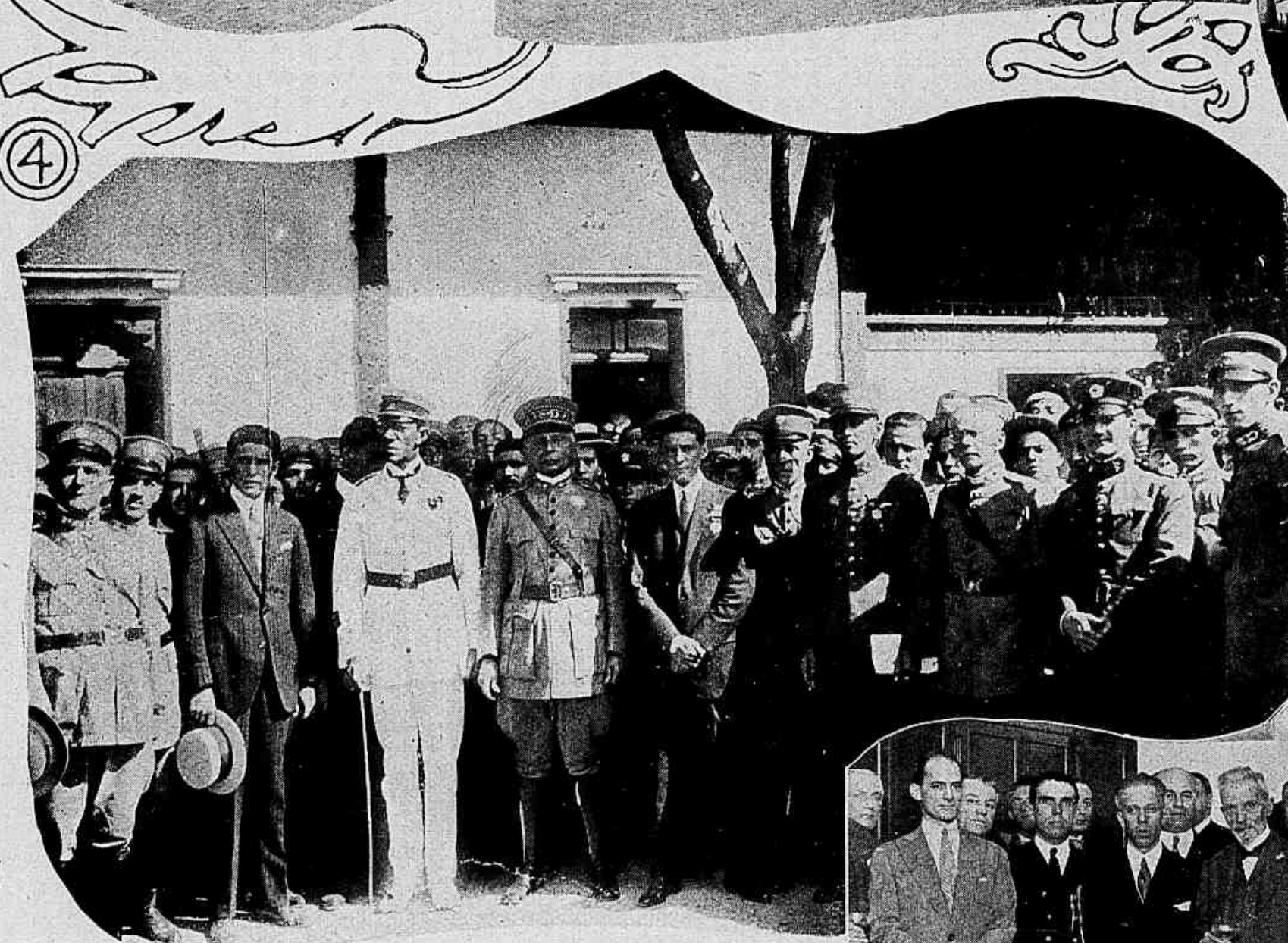
A DATA NACIONAL ARGENTINA

Commemorando a data da independencia da sua grande Patria, o sr. Embaixador da Republica Argentina e a illustre senhora Mora y Araujo abriram os salões da Embaixada para uma recepção que, a despeito do seu caracter intimo, transcorreu animadissima. As duas photographias que aqui se vêem, colhemol-as durante a recepção. Na que se acha ao lado estão, na parte anterior do palacete da Embaixada, o sr. Embaixador e a senhora Mora y Araujo rodeados por membros da colonia argentina, figuras da nossa sociedade e jornalistas. Na gravura acima vê-se a senhora Embaixatriz sentada entre as professoras argentinas vindas ao Brasil para estudar os nossos methodos de ensino.

Em beneficio do Centro Social Feminino

A festa de arte realizada no Theatro Lyrico em beneficio do Centro Social Feminino, com o concurso de senhorinhas da nossa melhor sociedade. O programma constou de uma parada de manequins, bailados, numeros de piano, de canto, de violão e de uma *jazz-band* de amadores.

Vêem-se aqui alguns aspectos da interessante vesperal de arte.

Os tripulantes do "Jahú" na Capital

1—Barros, Negrão e Braga no collegio Regina Coeli, em visita á filhinha do inditoso aviador patricio Pinto Martins. Vêem-se, formadas, as alumnas do collegio e ao centro, no primeiro plano, a visitada. 2 e 4—Os gloriosos tripulantes do *Jahú* no Centro Paulista. 3—Aspecto tirado na Liga da Defesa Nacional, ao realizar-se a sessão civica em honra dos aviadores. Em companhia do sr. ministro Muniz Barreto, presidente da commissão de recepção aos heróes do *Jahú*, vêem-se os cinco patricios nossos que chegaram ao Rio no glorioso avião.

OS BANDEIRANTES DO ESPAÇO NO RIO DE JANEIRO

1 — A recepção dos heróes do *Jahú* no Aero-Club. Vêem-se, sentados em companhia do sr. Cesar Vergueiro, presidente, e com os diplomas que lhes foram conferidos, Ribeiro de Barros, João Negrão e Newton Braga. 2 — Os aviadores no Corpo de Bombeiros, á direita do coronel commandante e rodeados pelas praças da valorosa corporação. 3 — Outro aspecto da visita dos aviadores ao Corpo de Bombeiros. 4 — Barros, Negrão e Braga na Policia Militar, em companhia do commandante, general Carlos Arlindo. 5 — Os aviadores na Associação Commercial do Rio de Janeiro. Ribeiro de Barros, sentado, tem á direita, o venerando sr. Visconde de Moraes e se vê rodeado por figuras de relevo no commercio. Vêem-se tambem Newton Braga e João Negrão, que tem em mãos a caixa contendo a mensagem da mocidade de Ribeirão Preto, que lhe foi entregue pelo sr. J. de Cerqueira Lima Leite, que está á sua esquerda.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

O mecanico Antonio Machado de Mendonça, um dos tripulantes do "Argos", naufrago em aguas paraenses, e que acompanhou, nas suas duas ultimas etapas, os heroicos nautas do "Jahú", recebeu dos seus collegas, sub-officiaes da Armada, uma significativa homenagem, que constou de uma recepção na séde da sua Associação Beneficente. A nossa gravura reproduz um aspecto da recepção, durante a qual foi executado um magnifico programma.

O DIA DA MARGARIDA

O sol glorioso da segunda-feira ultima dourou um dos mais significativos e bellos dias do coração carioca, illuminando a cidade para a realização dessa jornada de elegancia e piedade que é o Dia da Margarida.

O primeiro bando alacre de moças que distribuiram a symbolica flor a troco de um óbolo para a "Caritas Social" causou certa extranheza. As margaridas que offereciam apresentavam uma profunda differença da florzinha escolhida para symbolo desse dia de caridade, numa chocante inversão. Agora, no terceiro anno em que se realizava o Dia da Margarida, as flores, ao invés de terem as petalas brancas e o coração côr de ouro, eram bem differentes, irradiando de um coração alvissimo as petalas douradas... Por que?

Soube-se logo! E — para o futuro — não será de extranhar que possam apparecer margaridas vermelhas, azues, roseas e verdes. Teceram-se em torno de creaturas aferradas ao dinheiro lendas que tinham o sabor de satyras penetrantes: essas pessoas illudiam as *vendeuses* ostentando á lapella margarida do anno anterior... Dahi a innovação.

Mas o povo respondeu brilhantemente á mudança de côr da margarida. Se o segundo anno foi mais rendoso para a "Caritas Social" do que o primeiro, o Dia da Margarida que se realisou na segunda-feira ultima excedeu a ambos, attingindo quantia superior a 120 contos de réis.

A NOITE

A data de segunda-feira proxima é gratissima á imprensa carioca, por isso que marca a passagem de mais um anniversario de A NOITE, o fulgurante vespertino cuja carreira tem sido uma série ininterrupta de triumphos.

Conquistando a popularidade num impeto, A NOITE é, na nossa imprensa diaria, um dos orgãos de mais accentuado relevo, desfructando um conceito invejavel, em razão do seu feitio altamente moderno, leve, attrahente e agradavel.

A A NOITE o nosso abraço amigo.

RECITAL DORA SOARES

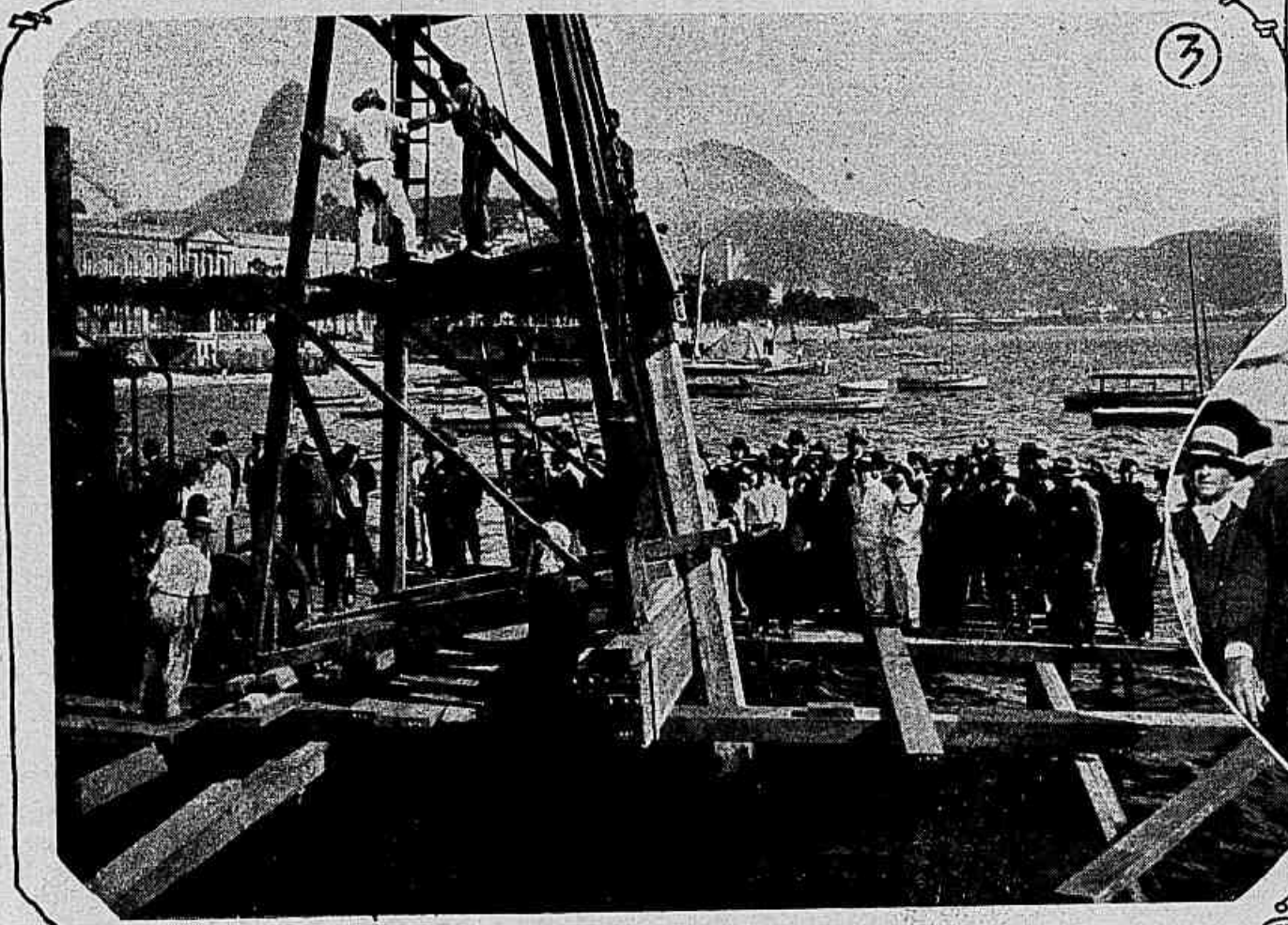
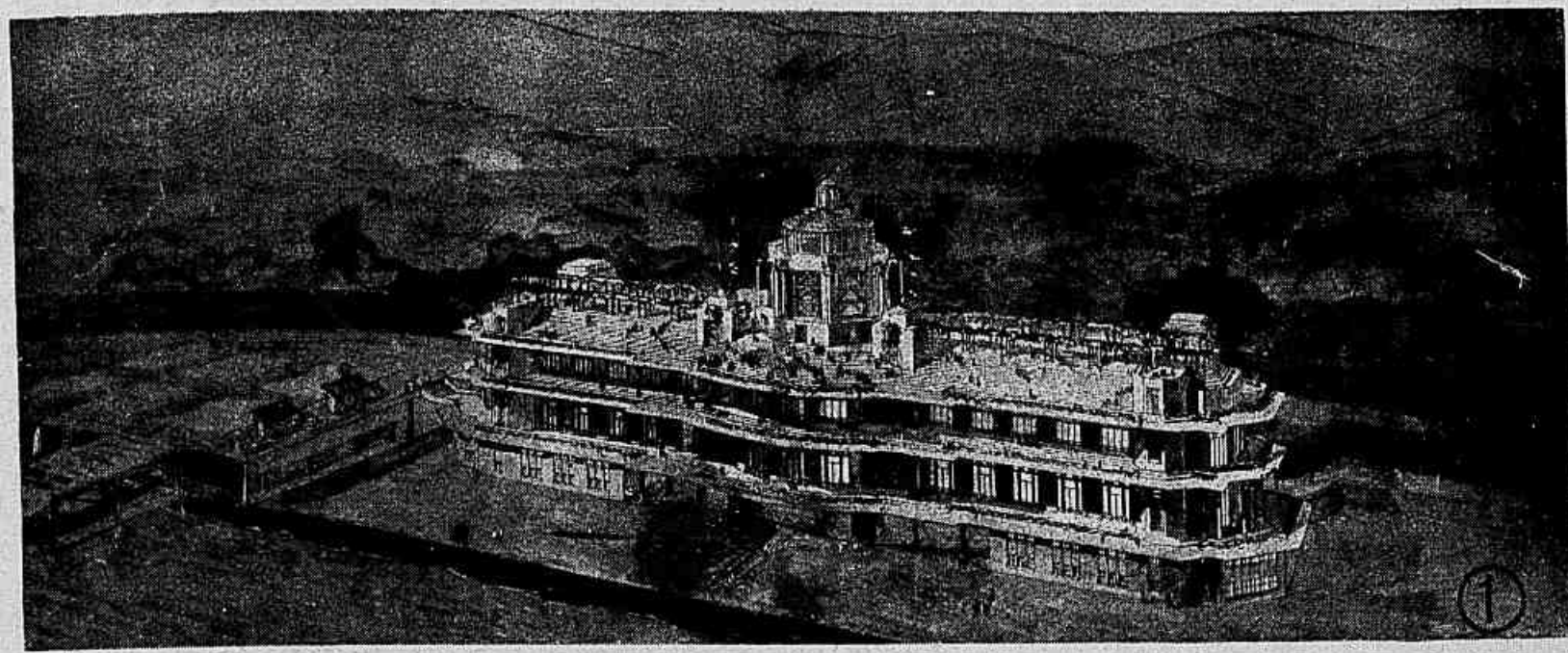
Dóra Soares, a nossa gentilissima patricia, recentemente chegada do Velho Mundo, onde obteve perante as mais cultas platéas o mais brilhante successo, dará, na noite da proxima segunda-feira no Theatro Municipal, o seu unico recital.

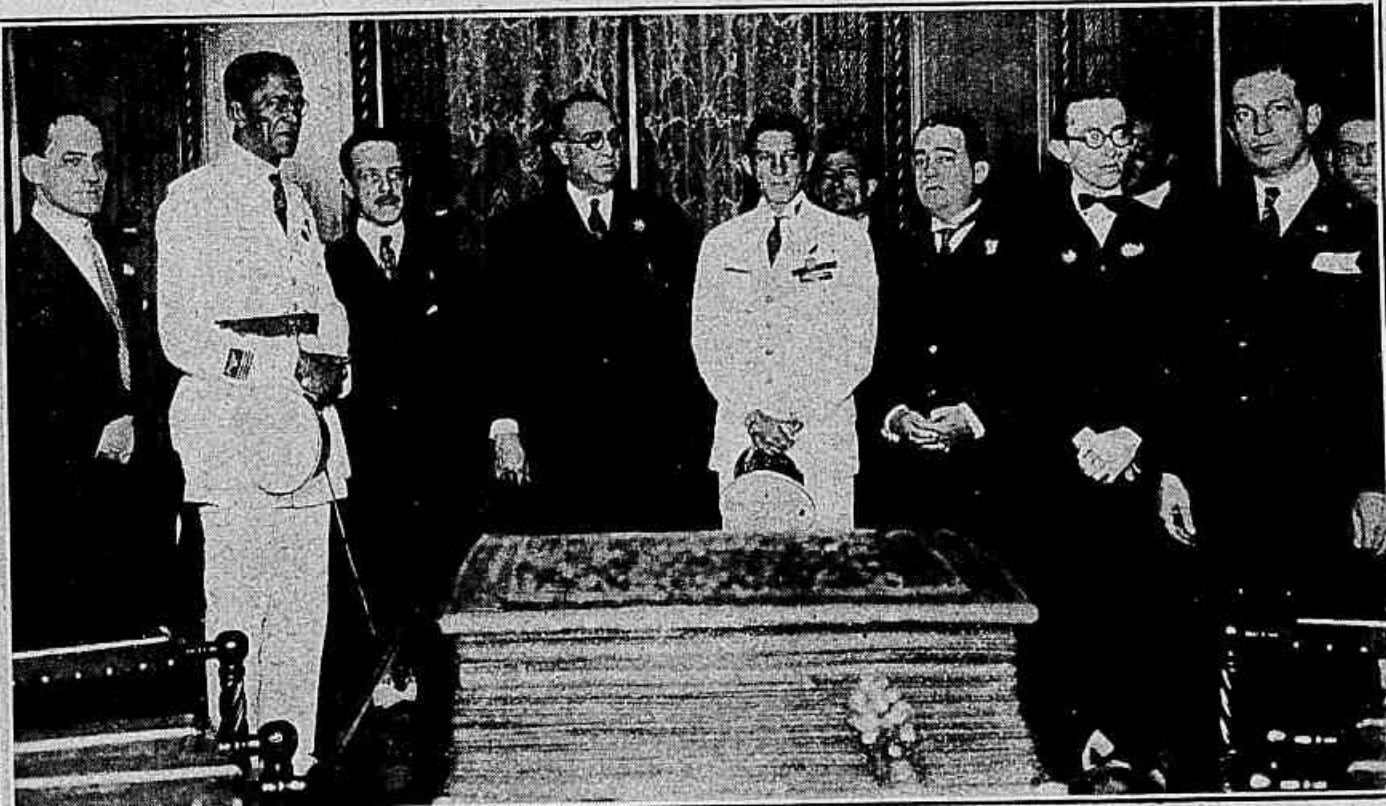
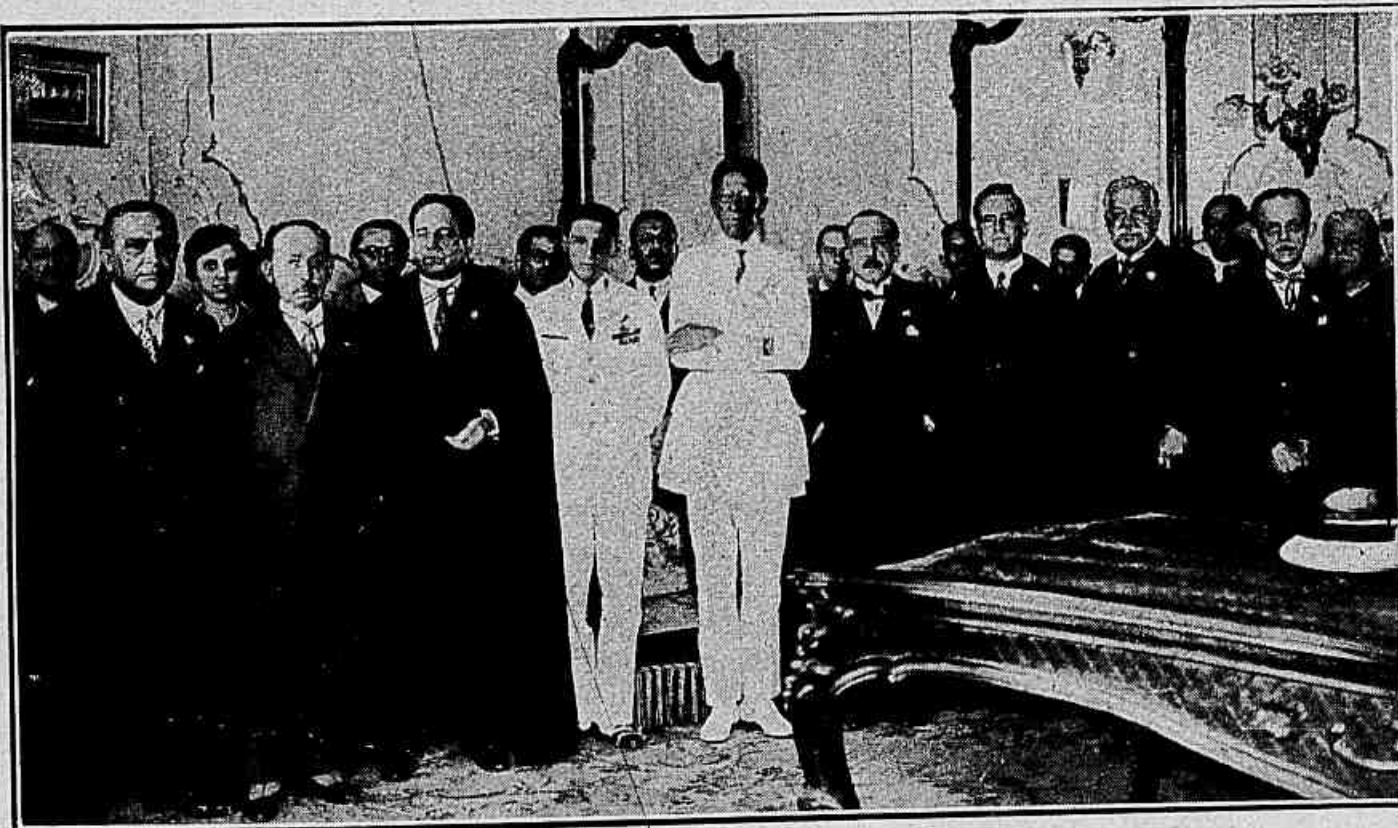
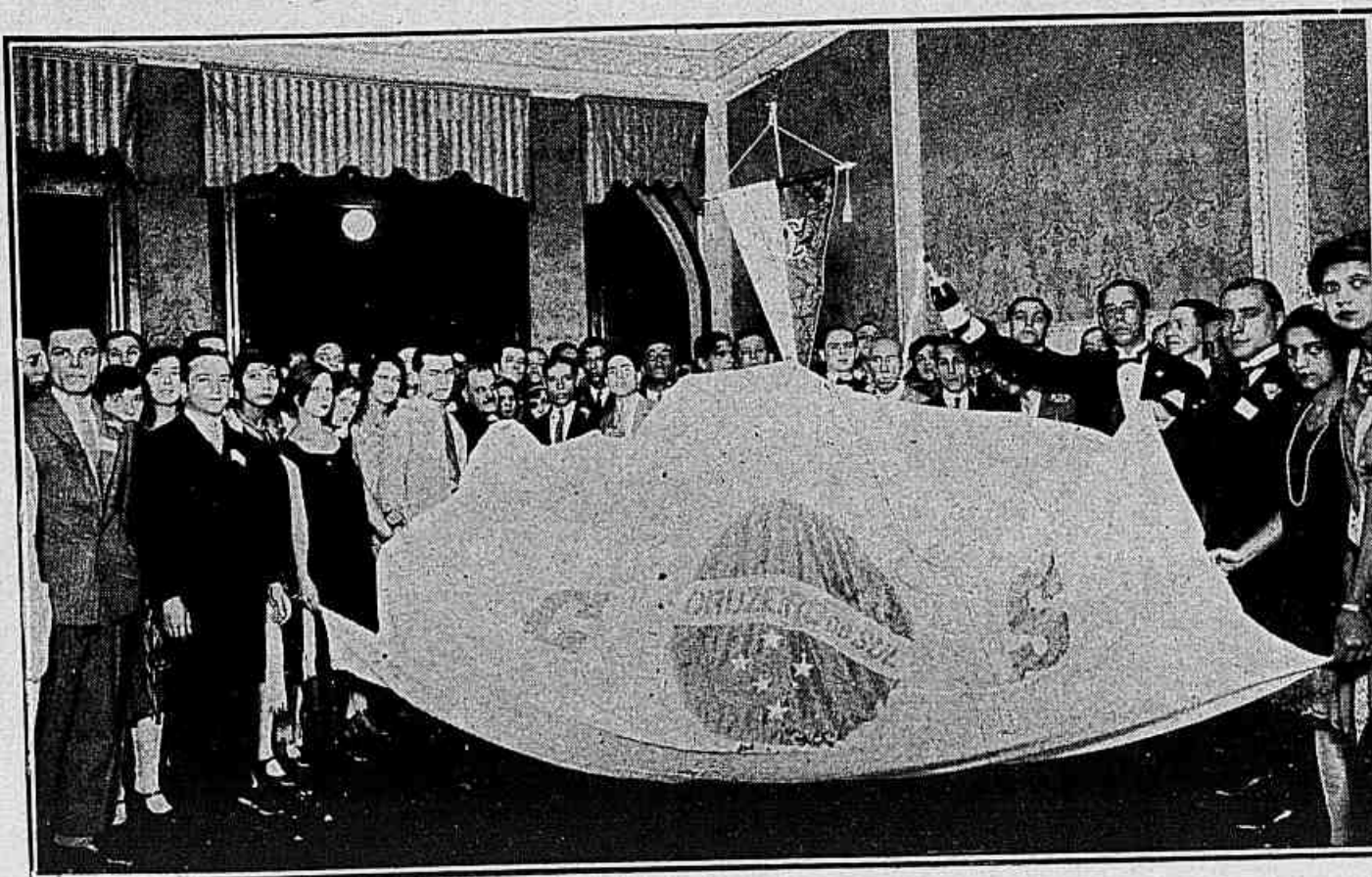
A festejada violinista será acompanhada ao piano por Varella Cid, professor do Conservatorio de Lisbôa e uma das mais impressionantes figuras da Musica em Portugal. Varella Cid dar-nos-ha algumas primeiras audições, sendo justo esperar-se o mais accentuado triumpho para Dóra Soares na noite do seu recital, não só pelo concurso do professor Cid como pelo seu proprio valor, tão sériamente posto em prova em Lisbôa e em Paris, com o mais franco exito.

Dóra Soares.

Pró Sanatorio D. Amelia

O baile realizado nos salões do Automovel Club do Brasil, e promovido pelo Centro Academico Candido de Oliveira, da Faculdade de Direito, em beneficio do Sanatorio D. Amelia, da Liga Brasileira Contra a Tuberculose. Na primeira gravura vêem-se ao centro, entre os srs. Cicero Peregrino, director da Faculdade de Direito, e o professor Candido Mendes, os srs. Ribeiro de Barros e Newton Braga, commandante e piloto-observador, respectivamente, do *Jahú*.

Fluminense Yacht Club

1 — A planta do Fluminense Yacht Club, que se erguerá na avenida Pasteur como uma das mais brilhantes realizações do momento. Cuidando dos sports da vela, do motor, da aviação civil e das provas do mar, assim como da pratica social, o F. Y. Club preenche uma sensivel lacuna. 2 — Grupo de pessoas presentes á ceremonia da collocação da primeira estaca. 3 — O momento da collocação da estaca inicial do cáes do Club. 4 — O dr. Plinio Uchôa, representante do sr. prefeito accionando o bate-estacas.

No extremo direito da ultima photographia, o sr. Mario Pollo e, á sua frente o dr. Arnaldo Guinle, respectivamente vice-commodoro e commodoro do Fluminense Yacht Club.

A' esquerda: os heroes do *Jahú* no Supremo Tribunal Federal. Ribeiro de Barros e Newton Braga entre os srs. ministros Godofredo Cunha, presidente do Tribunal, e Muniz Barreto, presidente da commissão de recepção aos gloriosos aviadores patricios. A' direita: a visita á Camara dos Deputados: Ribeiro de Barros e Newton Braga ladeando, respectivamente, os deputados Domingos Barbosa e Bernardes Sobrinho.

No Club Cruzeiro do Sul. — A' esquerda, a benção do novo pavilhão e a inauguração da nova sédе; á direita, a visita do mecanico Machado Mendonça ao Cruzeiro do Sul. Vê-se o destemido mecanico-aviador, com a sua farda da Marinha, sentado no primeiro plano entre directores e membros do Club.

No Club dos Bandeirantes, por occasião do almoço offerecido ao dr. Angelo Lazary Guedes, em razão de sua escolha para o cargo de secretario particular do dr. Julio Prestes, presidente do Estado de São Paulo.

ANA S. DE CABRERA

Já houve alguem que dissesse que uma guitarra em mãos habeis é o instrumento mais lindo que ha nos dominios musicaes. Mas não que, em sendo essas mãos femininas, as cordas, na sua vibração, envolvem as almas num turbilhão maravilhoso de arte, de belleza e de melodias.

Disso pudemo-nos convencer ha dias, ouvindo soluçar e rir a guitarra nas mãos da senhora Ana S. de Cabrera, a gloriosa interprete do *folk-lore* argentino.

A senhora de Cabrera, com sua voz formosa e escrava da vontade dos sentimentos, faz-nos viver instantes de uma embriaguez sem limites, transportando-nos com as suas canções ao coração dos pampas americanos. Os que a ouviram, ha uma semana, no Club Social Argentino, numa festa de confraternisação argentino-brasileira, ficaram empolgados pela voz da senhora de Cabrera e pelas melodias que soube arrancar á guitarra.

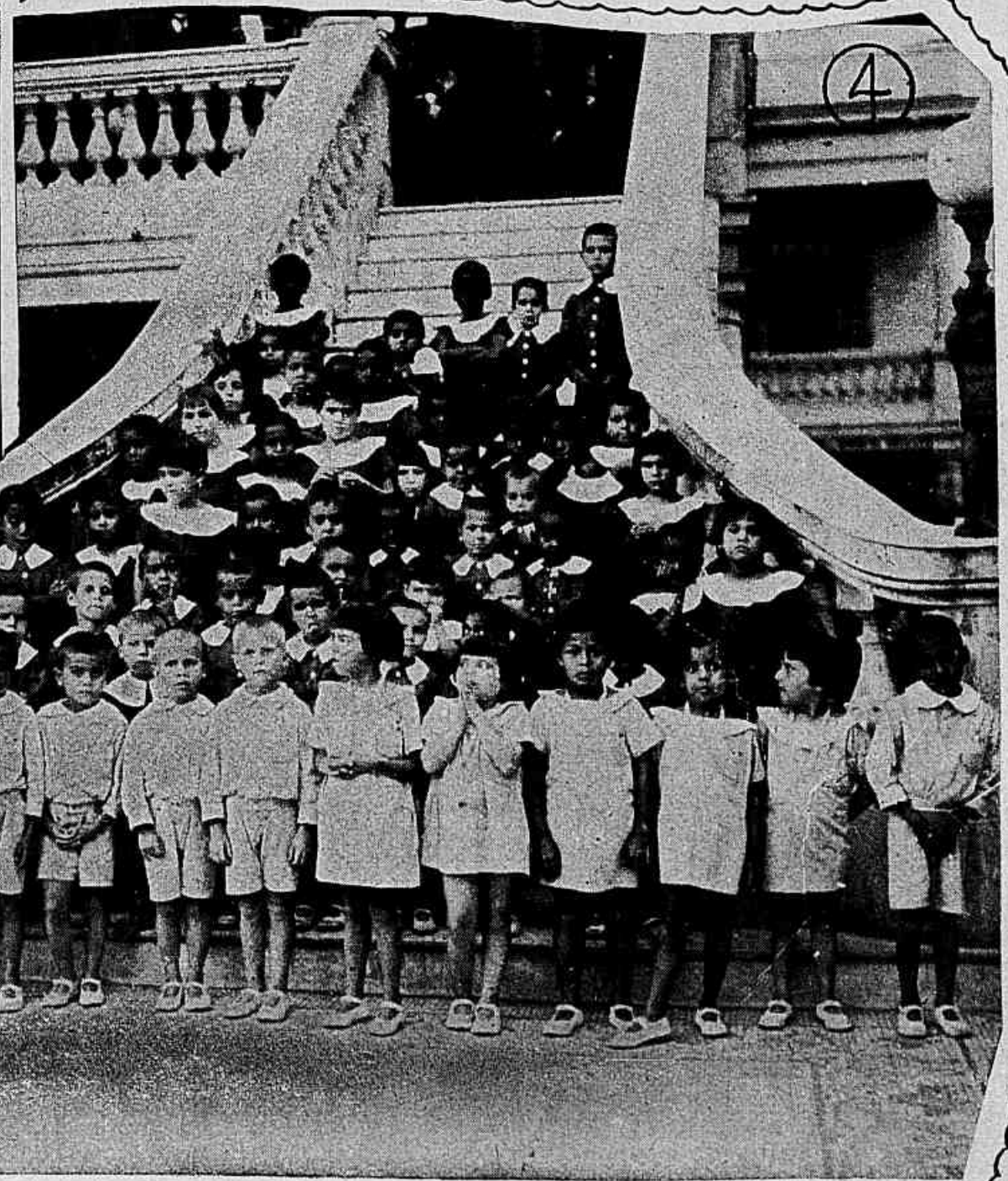
Disse a grande folk-lorista, naquella festa intima, que da sua viagem á Europa, achando-se em Granada, teve o capricho de cantar uma noite no Alhambra, acompanhada pela sua guitarra e sob o esplendor do luar de Andaluzia! Que momento maravilhoso! Se Boabdil, o rei mouro de Granada, a ouvisse, naturalmente as amarguras da sua dolorosa derrota se acalmariam diante da doçura de uma voz tão divina.

Grupo das pessôas que tomaram parte no almoço offerecido ao dr. Oscar Bormann, em razão de seu proximo regresso a Londres, onde reassumirá o seu alto cargo de Delegado do Thesouro Nacional. O homenageado está no primeiro plano, sentado ao centro, tendo á direita os srs. senador Gilberto Amado e deputado Mauricio de Medeiros e á esquerda os srs. Annibal Freire, ex-ministro da Fazenda; Cesar Vergueiro, Sá Filho e Souza Varges, inspector da Alfandega do Rio.

A commemoração do 7.º anniversario da fundação da Associação de Proprietarios de Pharmacia e Laboratorio do Rio de Janeiro. Ao alto, a mesa que presidiu á sessão solemne; em baixo, um aspecto tirado durante a sessão solemne a que se seguiu uma sairée dansante.

S. Christovão x America

Aspectos do encontro do domingo ultimo, no campo de São Christovão. 1 — O *team* do S. Christovão. 2 — O do America, que empatou com o seu contendor, por 1 x 1. 3 a 5 — Tres instantaneos da partida.

O baptismo dos abandonados

Aspectos tirados no Recolhimento Mello Mattos por occasião da ceremonia do baptismo de quatro menores ahi abrigados.

1 — Os menores Eurides, Paulo, João e Osmarino, que foram baptisados. 2 — A benção do S. S. Sacramento pelo conego Mac Dowell, vigario de S. Francisco Xavier. 3 — Os abrigados que tomaram a communhão por occasião da ceremonia. 4 — Grupo de creanças abrigadas no Recolhimento Mello Mattos.

Josephina Baker e o espirito francez

Por Beatriz Delgado

ERA uma vez uma americana muito graciosa e bonita, que tinha muita pena de ter nascido negra. Todos os dias pegava num espelho pequenino e modesto que havia em casa de seus pais e lastimava não possuir a magnifica brancura das outras meninas. Passaram-se annos e sempre esse desgosto a amargurar-lhe a existencia...

Ora uma tarde em que, muito triste, estava á janella passou um cavalheiro muito bem vestido que lhe perguntou:

— Porque estás triste, carochinha?

E ella respondeu, chorando:

— Sou muito pobre e muito escura... Desejava ser rica e ser clara como essas meninas que ahi vês!

Então aquelle senhor muito bem vestido, e que era um principe disfarçado, perguntou-lhe:

— Queres vir até Paris commigo? Tenho lá um palacio, conhecido pelo nome de Folies-Bergére, onde ha muitas meninas brancas e lindas. Como tu és escura, ficarás muito bem entre todas essas claridades. Ensino-te a dansar e, como és muito formosa, serás a mascotte da minha companhia...

E a menina negra partiu para esse palacio desconhecido, onde só havia meninas brancas. Aprendeu a dansar e a fazer caretas, a dar guinchos e a pular como os macacos e, como era muito pobre, não poude comprar vestidos e appareceu nuazinha em scena.

E todos os vassallos do principe das *Folies* começaram a amal-a muito, a dar-lhe muitas palmas e joias, e obrigaram o seu senhor a tornal-a princeza.

Desde então, Paris conta mais uma estrella no seu céo, e o habil principe, dono do palacio encantado, arranjou mais um attractivo para a sua côrte de mulheres formosas...

UM CONTRATO DE UM MILHÃO

As cifras dos *cachets* de *music-hall* attingem a alturas desconhecidas no theatro. Com uma simples pennada, mr. Derval, director das Folies-Bergére, dá a Josephina Baker, a grande vedetta negra, ordenado que se approxima da importancia annual de um milhão!

Esta é a historia—magica e verdadeira — de Josephina Baker.

A triste negrita que lastimava ser pobre e ser escura, ha alguns annos na America, é hoje uma princeza acclamada que tem o rendimento annual de um milhão, veste do Poiret, lança novas modas e elegancias, e possue um *cabaret* chic num dos melhores pontos de Montmartre. E a que deve ella o seu exito? Exactamente á sua côr negra e a essas dansas esquisitas que a igualam um pouco aos selvagens e aos macacos.

Mas Paris é a cidade dos idolos e do espirito. Assim, adorando o sorriso e a graça de Josephina Baker, atira-lhe tambem, de vez em quando, as settas mais picantes. E, como constasse que a estrella negra ia escrever as suas memorias, logo Paul Perret enviou para a "Revista Jazz" estes pensamentos, que disse serem de Josephina:

— Alguns chamam-me imperatriz porque o meu nome é Josephina. Infelizmente, sou uma Josephina para quem não ha mais Napoleões. Alguns papelitos e estou com sorte...

— Mesmo núa, estou sempre mais tapada do que a *girl* menos despida. O negro veste.

— Os clientes do meu cabaret bebem sempre champagne; mas eu vejo que elles beberiam de melhor vontade café com leite.

— Algumas mulheres da sociedade teem um *chauffeur* negro; eu tenho um branco. A symphonia das côres é muito parecida...

— Tenho uma vantagem sobre as outras artistas: não preciso de ennegrecer os olhos.

Conta-se que Josephina Baker, ao ler estes pensamentos, inéditos nas suas memorias, escreveu a Paul Perret:

"Meu querido amigo,

Obrigado pelo capitulo inédito das minhas memorias que inseriu na *Jazz*. Está bom; mas provoca-me um receio: não irá o senhor Herriot dar-me as *palmas* academicas? E, para uma negra, não será demasiado perigoso? Os meus admiradores já quizeram as bananas que eu uso na cintura; não irão exigir-me depois as palmas gloriosas que adornarem a minha plastica?"

As memorias de Josephina Baker! Quantas coisas engraçadas e imprevistas não nos contará a graciosa artista, que em dous annos soube tornar-se o idolo dos parisienses? Nestes dous annos quantos *potins* não colleccionou ella para o seu livro?

E pensarmos nós que ha poucos annos ainda a *grande estrella* do *charleston* era uma humilde e desconhecida americana que lastimava a côr que Deus lhe déra! E que foi essa mesma côr — como a humanidade é injusta para a natureza! — que lhe emprestou a riqueza, a gloria e a satisfação de reinar, como princeza incontestavel, no palacio encantado das Folies e, principalmente, no coração dos Francezes, que a tratam como uma bonequinha fragil e encantadora, caprichosa e subtil, a quem é necessario muito carinho para se não partir nas pedras da vulgaridade...

Beatriz Delgado

Um presente original. Entre todos os que lhe foram enviados pelos seus numerosos admiradores, por occasião da sua festa, Josephina Baker encontrou com surpreza um lindo cordeirinho, branco... e preto (naturalmente...), com o qual a vemos aqui photographada.

Na barraca disposta sobre o proprio palco, o director, o autor, o compositor e o pianista negro ensaiam, pela decima quinta vez, uma dansa de Josephina Baker e Young. Os artistas, em traje de rua, figuram, respectivamente, uma caçadora e um leão rugidor.

OS CANDIDATOS Á PRESIDENCIA DO MEXICO

Agitando-se no Mexico o problema da successão presidencial, entre os candidatos que figuram com probabilidades de receber das mãos do eminente estadista general Plutarco Calles as redeas do poder estão os generaes Alvaro Obregon, Francisco Serrano e Arnulfo Gomez, cujos retratos se vêem aqui, da esquerda para a direita 1 — General de Divisão Alvaro Obregon. Naseeu em Huatabampo, Estado de Sonora, de onde foi Presidente Municipal até 14 de Abril de 1912, data em que ingressou nas forças auxiliares desse Estado, no posto de tenente-coronel, pondo-se á frente de 300 homens que elle proprio recrutou para combater os inimigos do Presidente Madero. 2 — General de Divisão Francisco R. Serrano. O Partido Revolucionario offereceu a candidatura ao general Serrano, que a acceitou, e para dedicar-se aos seus trabalhos politicos renunciou o posto de governador do Districto Federal que vinha desempenhando. 3 — General de Divisão Arnulfo R. Gomez. O general Gomez é do Estado de Sonora e, como o general Serrano, alistou-se nas fileiras do Exercito, operando ás ordens de general Obregon na Divisão sob seu commando.

CREANÇAS

Foto-Ruiz Vianna

1 — Fernando Pedro, filho do tenente do exercito portuguez Alexandre Nunes de Souza e d. Lydia Fernandes de Sousa, neto do fallecido medico de Taboaço dr. Pedro Nunes de Souza.

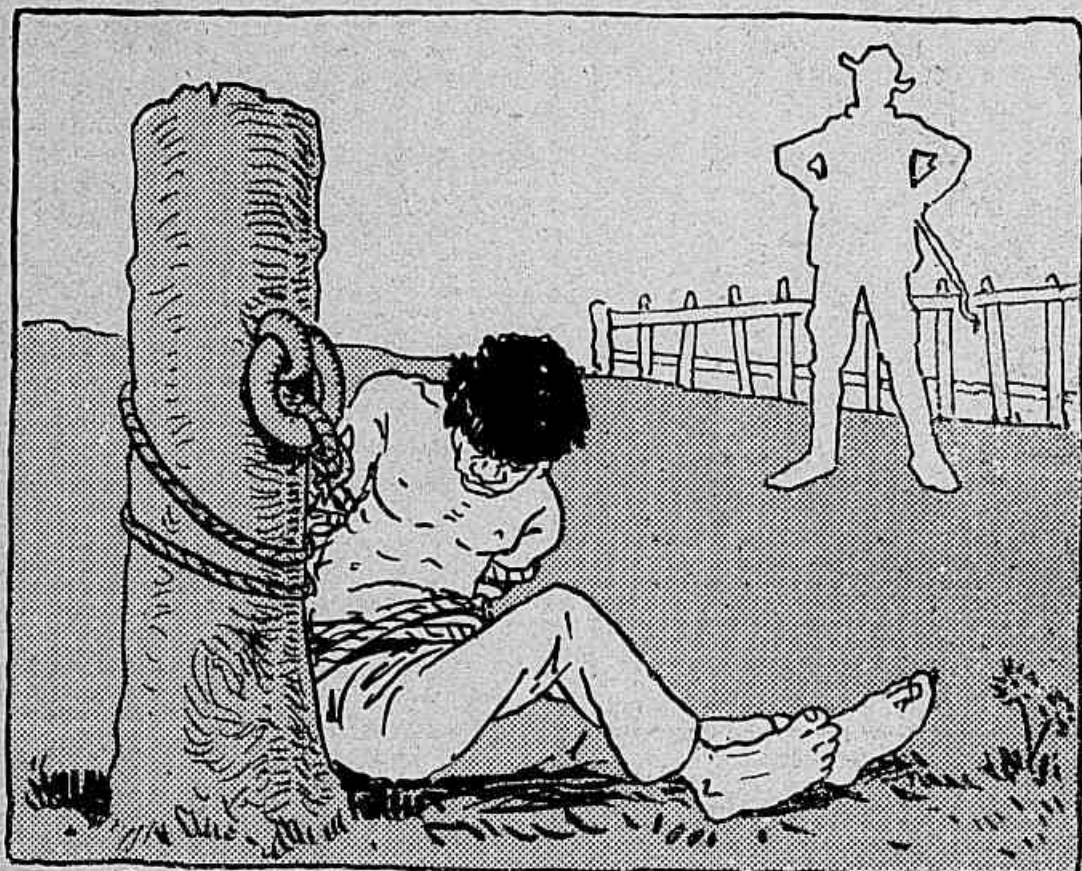
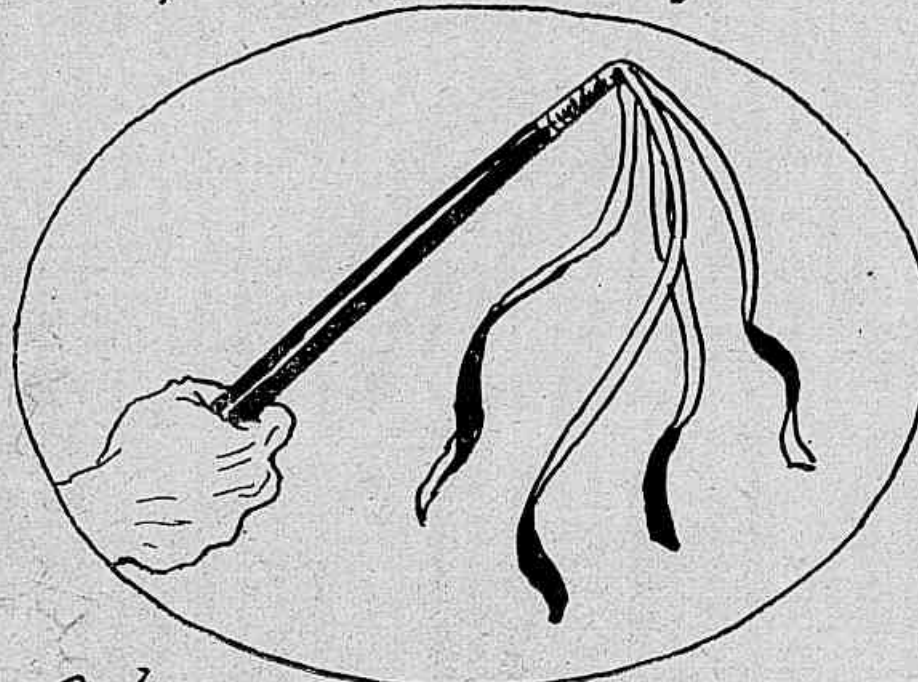
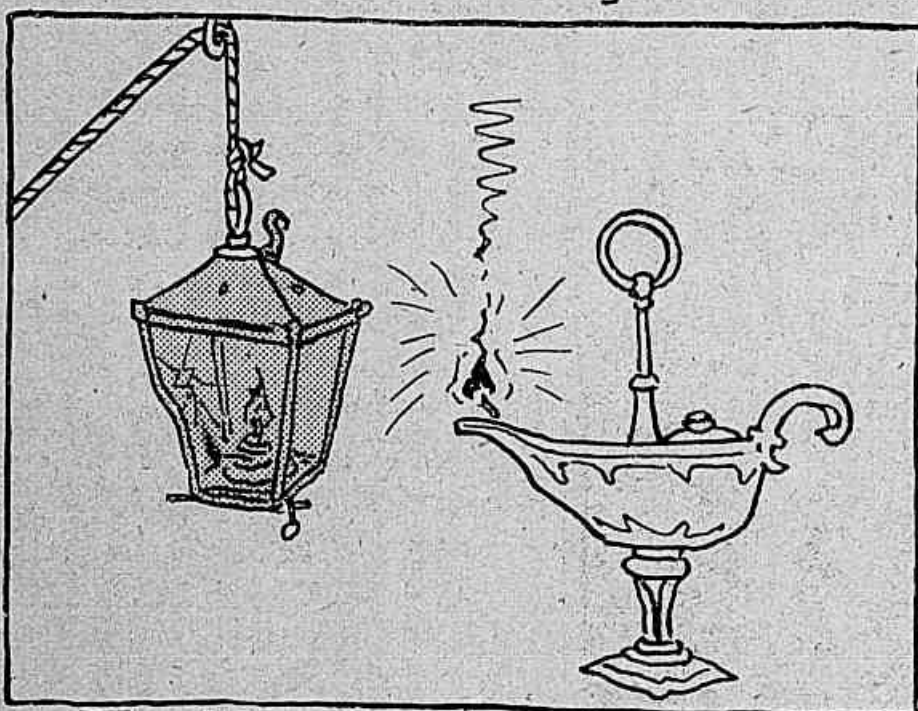
2 — Cotinha, filha do sr. Gustavo Lion e d. Carmen Lion.

3 — Maria Antonieta, filha do tenente S. Mendes de Hollanda e d. Maria Garcia de Hollanda (Manáos).

4 — Yára, filha do sr. João de Aquino e d. Cidoca Dias Aquino.

5 — José Manoel, filho do major José Costa e d. Adelaide Machado da Cunha Costa (Lisboa). e sobrinha do nosso presado companheiro Antonio Cunha.

6 — Regininha, filha do dr. João Camargo, consul do Brasil no Havre.

NOS "BONS·TEMPOS"
PEQUENA EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA
A MODA:
A saia-balão,
a touca-funil
e o pente "trepa-moleque".
A bolostróca.
O rapé e o lenço de alcobaça.
O annuncio de escravo fugido
O "tronco" das fazendas.
O "bacalháu" de couro.
A fôrca...
A illuminação a azeite.
A "flôr da gente" ou o capanga eleitoral.
A grilhêta e a gargantilha.
O castigo da "farda ás costas."
Feminismo em gelosia...
RAUL

A MODA

Os chapéos são muito fantasistas. Oscillam entre o *bonichon à oreillettes* e os de copa muito amassada. Ainda não foi abandonado como guarnição ou como copa de chapéu o *veau mort-né*. Mas garantem que teremos muito breve a "toque" de pelle de lagarto e de cobra. Fala-se muito em "toques"; dizem que as grandes chapeleiras estão preparando um grande numero de modelos.

Os grandes lenços floridos estão substituindo as echarpes. Rodier preparou uns especiaes, que teem uma delicadeza e uma graça um pouco antiquada, que diz bem com as preferencias da moda actual. Tem tanto o fundo claro como escuro, mas todos teem uma grinalda de flores em volta, de tom vivo, e são usados em ponta nas costas.

Os sapatos para a noite "dernier cri" são em *lézard perlé* de grão muito fino e muito brilhante, que dão, quando são brancos, a impressão de serem levemente prateados. O feitio desses sapatos naturalmente é muito simples e a meia finissima.

***

As esmeraldas são cada vez mais a pedra da moda, sobretudo quando são talhadas em feitio de pera. Vê-se lindas guarnições: longos brincos, tocando quasi o hombro, collares ou então broche grande tendo como *pendentif* uma grande esmeralda em feitio de uma longa pera. Tambem estão sendo muito usadas placas rectangulares, que são collocadas do lado onde começa a bretelle.

As pulseiras estão tanto na moda que alguns costureiros de Paris imaginaram juntar ao vestido de rua algumas pulseiras. Por esta razão mostram e vendem com os vestidos pretos, de mangas ajustadas, uma serie de pulseiras de ouro baço, que guarnece o ante-braço e põe uma nota alegre sobre o conjunto um pouco sério da toilette.

As pulseiras antigas, que fizeram as delicias das nossas antepassadas, voltaram novamente á moda. Teem ellas muito mais cachet do que as argolas muito vulgarisadas já.

Procura-se o prazer quando não se encontrou a felicidade: é talvez nisto que está a explicação da tristeza em tantas festas.

HENRY LUCENAY.

ULTIMOS MODELOS

1 — Saia de reps verde esmeralda. Sweater de kasha branco com uma guarnição na golla de tecido da saia; cinto de camurça branca. 2 — Vestido de crêpe marocain azul pastel, a saia plissada e a bluza guarnecida com tres tiras de tres tons de côr de rosa. O botão que fecha o decote retem uma fita de velludo côr de rosa. 3 — Vestido de mousseline florida enfeitado com fita de velludo preto. 4 — Vestido de crêpe Georgette *bleu lin*, guarnição de fita plissada do mesmo tom do vestido.

COMO SE PODE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly").

Uma jovem que se assigna "Desconsolada" nos escreve: "Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis que é muito aspera e cheia de manchas". E nos pergunta "se realmente existe alguma cousa que possa remediar efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos crêmes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse coldcream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louça e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum: pelo contrario, offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

Conselhos sociaes

A POLIDEZ

Nos referimos aqui não a esta polidez natural que consiste em retribuir os cumprimentos que nos fazem ou em não dizer coisas desagradaveis na cara das pessoas, mas no gosto de agradar, de ser amavel, na vontade de retribuir as attenções recebidas por outras attenções maiores ainda, manifestando por todos os actos e palavras o desejo de não offender em nada o proximo, nem nas suas crenças nem nos seus habitos. Um grande numero de pessoas imaginam ser muito polidas quando não são grosseiras.

A polidez comporta mais esforço, mais iniciativa e vontade de ser agradavel ao seu proximo.

Não se deve considerar as obrigações que a polidez impõe unicamente sob o ponto de vista das relações com os extranhos, e guardal-as no armario com a roupa de sahir.

A polidez é igualmente indispensavel na vida de familia como nas relações mundanas. A polidez, nas relações entre os membros da familia, é o resultado dos habitos tomados desde a infancia e, por conseguinte não se póde improvisar, deve ser um habito, sob pena de não ser senão um accidente, reproduzindo-se com muitas falhas. Mas as vantagens que a acompanham são bastantes consideraveis para que se faça um esforço em introduzil-a e cultival-a na familia.

A polidez rende muito mais do que custa, e por tal razão não se comprehende muito bem que, na nossa época utilitaria entre todas, a mocidade não esteja mais convencida desta verdade e, em virtude de calculo, não se mostre invariavelmente polida.

E' comtudo desde a mais tenra idade que se deve ensinar e exigir a polidez nas creanças. Conseguir-se-ha tanto mais nesta empreza quanto se dér o exemplo da deferencia e da doçura para com todos aquelles que nos rodeiam; todos, porque não se deve pôr fóra desta regra os nossos criados.

A polidez, honrando todos aquelles para quem se pratica, honra igualmente aquelles que a praticam.

Moda infantil

1 — Manteau e chapeu de velludo de lã beige, guarnecidos com um galão de fantasia e tiras de pelle marron.
2 — Manteau de kasha verde com pelles côr de cinza.
3 — Manteau de panno branco com pelles marron.
4 — Manteau de velludo côr de rubi e pelle preta.
5 — Manteau de kasha rosa, guarnecido com fita pregueada de faille do mesmo tom do manteau e pelle côr de cinza.
6 — Manteau de charmelaine branca com pelles côr de cinza claro, galão côr de cinza e prata.
7 — Manteau de velludo azul pastel com pelles brancas.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

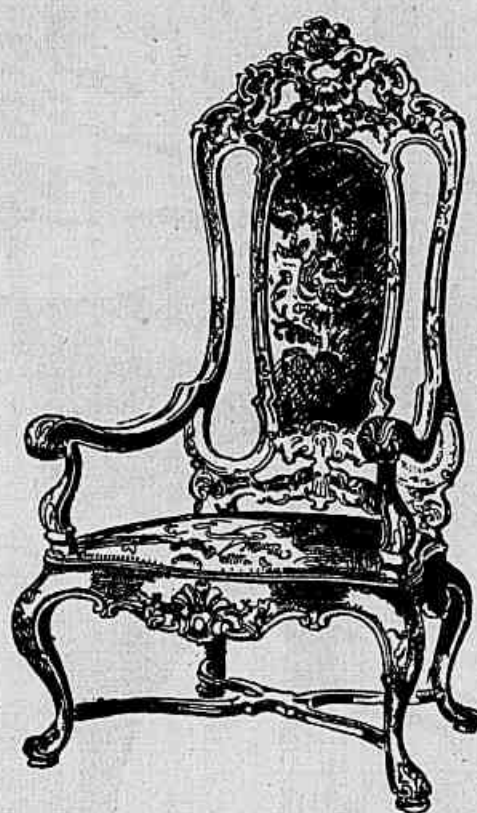
OS MIUDOS

Quasi todos os miudos teem muito pouco valor alimenticio, assim como os rins, as tripas, que são apreciados pelos gastronomos e podem ser preparados de muitas maneiras, mas como alimentos são quasi nullos. Já o figado é um alimento rico em glycogenio. O foie-gras, tão apreciado por toda gente, conseguem-no provocando uma degenerescencia neste orgão do pato; mas precisa ser feito lentamente este engorgitamento; quando dão dóses fortes de alcool todos os dias ás estas aves, o seu figado cresce muito rapidamente mas

O festival campestre realizado em beneficio do Recolhimento de N. S. Auxiliadora e da Caixa Graphica Pio X. Grupos de senhoras e senhorinhas que tomaram parte no programma e das vendeuses.

a consistencia do figado fica muito differente, é mais duro e menos gostoso. O sangue cozido não tem grande valor alimenticio e é de difficil digestão. O mesmo não se dá com os miolos, que são de uma materia muito delicada e muito nutritiva, por causa do phosphoro que contêm, sendo o alimento ideal para as creanças e para todos aquelles que pedem um grande trabalho ao cerebro. Mas não deve ser comido no verão por deteriorar-se muito facilmente.

MENU DE ALMOÇO

BACALHAU COM FEIJÃO BRANCO

DOBRADA COM MOLHO DE ALCAPARRAS

PIRÃO DE BATATAS

FRANGO DE PANELLA

SALADA DE ALFACE

PUDIM DE MAÇÃS

BACALHAU COM FEIJÃO BRANCO

Põe-se para cozinhar o feijão branco, que já esteve de môlho algumas horas, temperando-o com um pouco de azeite, cebola picada, azedinhas e algumas folhas de couve lombarda; quando estiver bem cozido e o caldo bem grosso tempera-se com sal e junta-se -lhe então o bacalhau, já cozido e picado em pedacinhos, um dente de alho, cebola picada, uma pitada de pimenta e sumo de limão; mistura-se tudo muito bem e serve-se.

DOBRADA COM MOLHO DE ALCAPARRAS

Para que a dobrada (tripa) perca o cheiro pouco appetitoso que tem, deve-se pôr para cozinhar depois de limpa e raspada, em bastante agua, com um bom punhado de sal, um pouco de vinagre, uma cebola inteira, uma folha de louro e uma cenoura. Deixa-se cozinhar em fogo brando, escumando de vez

em quando; logo que esteja cozida, tira-se do môlho no qual cozinhou e põe-se de môlho em agua fria, perdendo assim todo o mau cheiro. Em seguida pica-se a tripa em pedaços e põe-se numa panella, mexendo sempre para que seque bem toda a agua que ainda possa ter; feito isto, tira-se para fóra do fogo, junta-se uma colher de farinha de trigo, que se mexe muito bem para não encaroçar e ficar bem ligada á dobrada; junta-se lhe depois uma concha de caldo de carne, e vae outra vez ao fogo, para engrossar o môlho cozinhando a farinha de trigo. E' preciso não deixar de mexer com uma colher de páu, para que não pegue no fundo da panella nem encaroce o môlho. Logo que ferva, tira-se para fóra do fogo, junta-se um pouco de manteiga, as alcaparras, e tambem uma colher de vinagre, no qual estavam conservadas as alcaparras; tempera-se com sal e serve-se.

FRANGO DE PANELLA

Depois do frango limpo esfrega-se todo com sal, salsa e cebola verde, deixa-se neste tempero umas duas ou tres horas para tomar o gosto.

Põe-se numa panella uma colher bem cheia de manteiga e uma cebola cortada em rodelas, e em seguida o frango. Logo que este tome côr, junta-se então um calice de vinho branco e depois um pouco de caldo de carne ou agua quente e um bouquet de cheiros, e deixa-se cozinhar lentamente.

Tira-se o frango da panella logo que esteja cozido e para fazer o môlho junta-se mais caldo, outro calice de vinho e meia colher de maizena; depois de engrossado coa-se o môlho e junta-se então uma canequinha de leite e duas gemmas, não devendo ferver mais.

PUDIM DE MAÇÃS

Põe-se 250 grs. de assucar numa panella com ½ copo d'agua, deixa-se ferver e junta-se então ½ kilo de maçãs descascadas e cortadas em pedaços e a casca de um limão. Deixa-se cozinhar até ficar na consistencia de geléa. Põe-se na fôrma depois de ter juntado a esta massa 150 grs. de amendoas picadas e secadas no forno.

Deixa-se o pudim na fôrma até ficar completamente frio.

Para sahir bem da fôrma é preciso mettel-a um pouco na agua fervendo.

Preceitos de hygiene

A MARCHA

O exercicio é indispensavel para o bom funccionamento de todos os orgãos.

O melhor e mais facil de todos os exercicios é a marcha; não é possivel ter-se saude, ter-se boa pelle, se não se anda diariamente uns tres ou quatro kilometros. Mas, para que este passeio dê todos os effeitos que se espera, é preciso andar com as costas bem direitas e com a cabeça erguida. E' necessario que a bocca per-

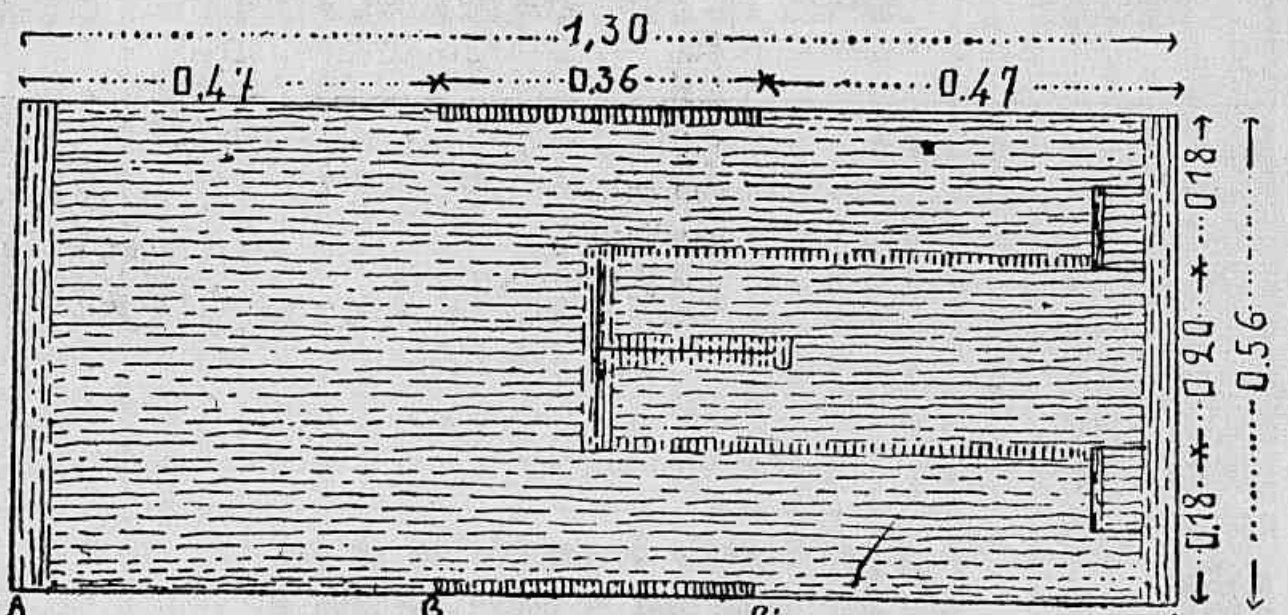
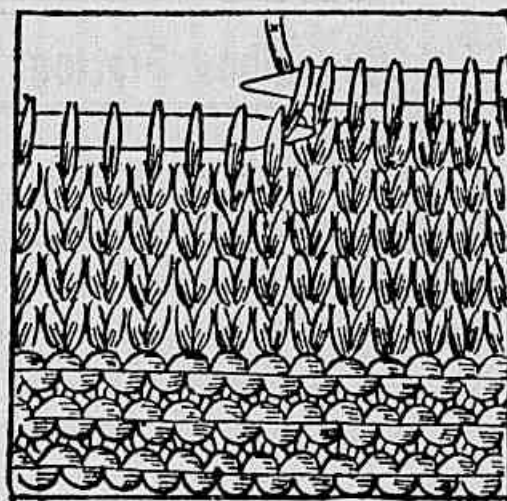
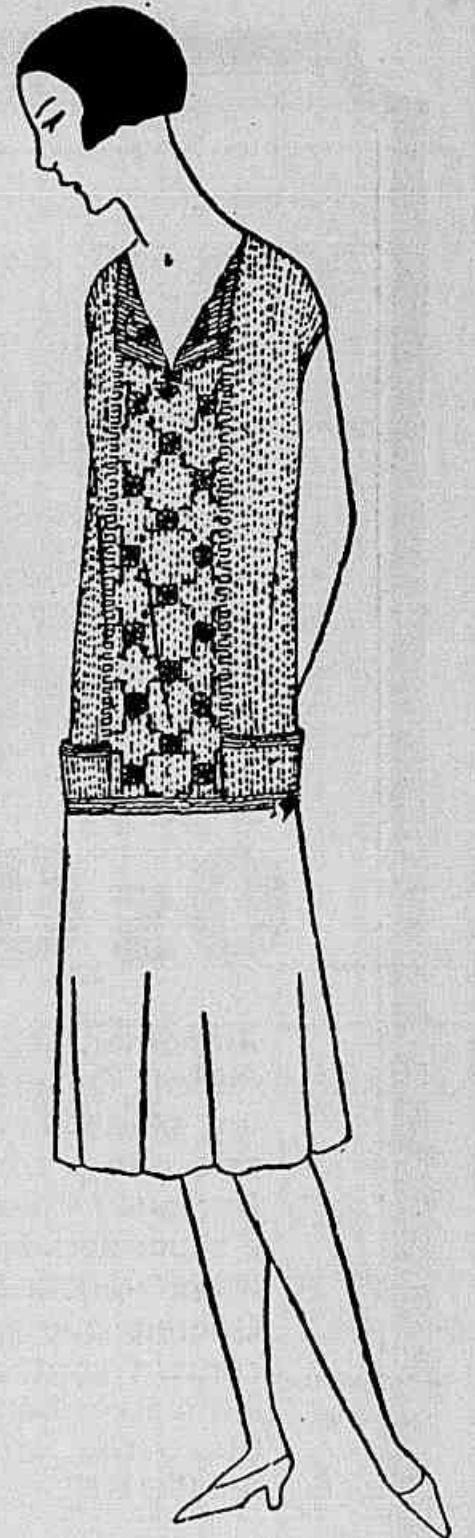
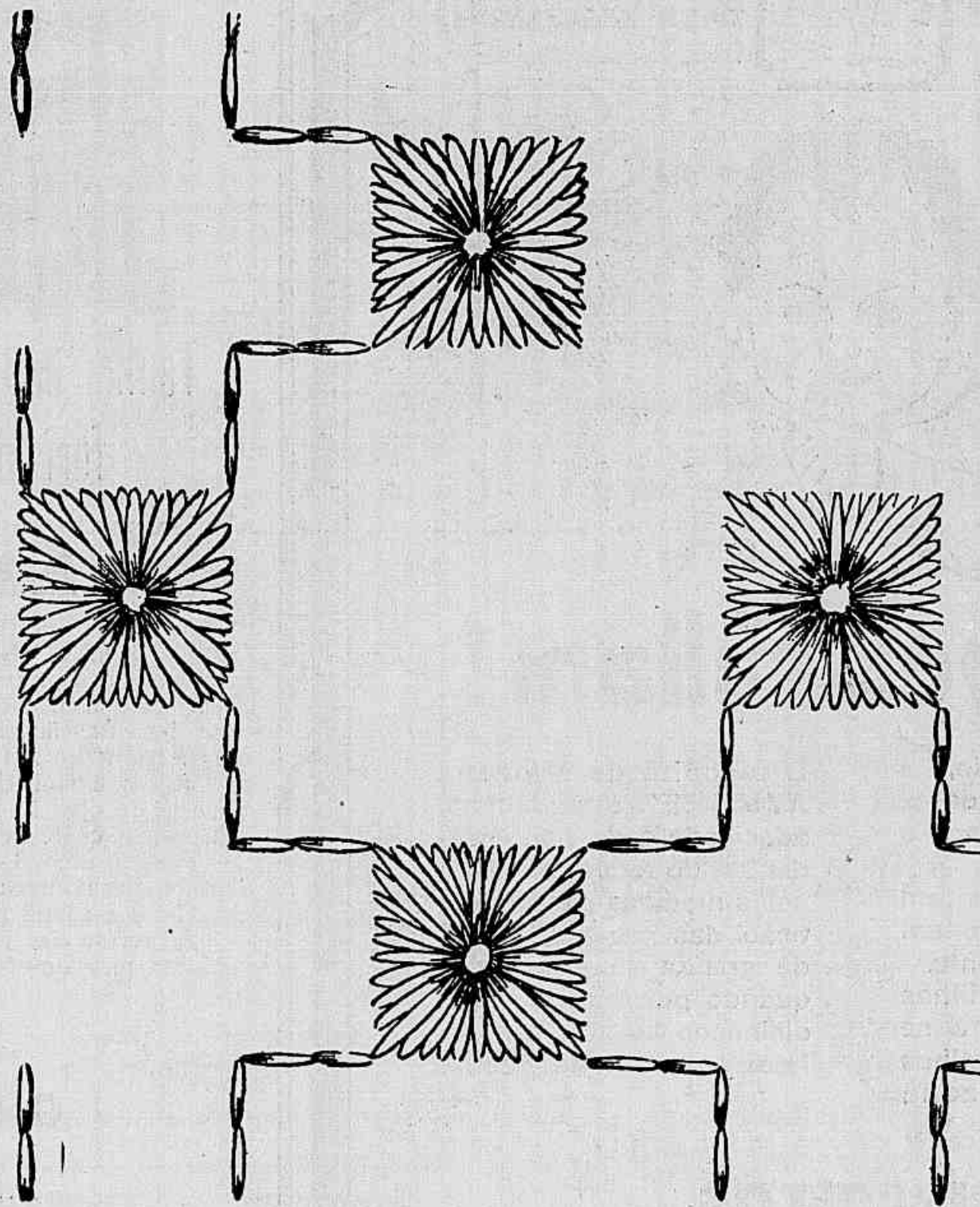
maneça fechada e a respiração se faça pelo nariz. Sendo assim feito este simples exercicio pode converter-se num poderoso talisman de saude e belleza.

Toda a mulher zelosa da sua belleza e saude deve procurar andar bem por faceirice.

Não ha nada mais encantador do que uma figura esbelta de mulher, que avança em plena harmonia de movimentos. Para conseguir isso, é preciso exercitar-se um pouco e ter muita constancia e força de vontade.

Dizem que as mulheres que teem o mais bello andar são as das regiões onde estão habituadas a levar grandes pesos sobre a cabeça. A necessidade de conservar um perfeito equilibrio as obriga a ter inconscientemente a posição que este exercicio requer. As varinas (mulheres que vendem o peixe em Portugal) com suas canastras á cabeça ou nas aldeias as raparigas, que vão á fonte buscar agua nos cantaros, são um esplendido exemplo do andar harmonioso de mulher.

Porque não seguir este exemplo e fazerem todos os dias uma meia hora ou menos ainda de exercicio

Golf feito com o tricot e bordado

Este golf é feito para ser usado por baixo do casaco do tailleur. A sua confecção não póde ser mais simples, como se póde vêr no modelo que damos. Póde ser executado tanto em lã como em seda. Por exemplo, para acompanhar um tailleur azul marinha, o golf póde ser feito com seda côr de rosa claro e o bordado feito com seda azul marinha.

com uma cesta na cabeça? Naturalmente não seria necessario que esta tivesse a pesada carga que teem as das varinas, só o peso necessario para mantel-a sobre a cabeça. Muito ganharia com isto a esthetica e não deveria ser praticada pelas jovens como tambem por aquellas de mais idade mas que fazem questão de conservar a esbelteza do corpo.

O exercicio da marcha pode produzir todo o beneficio sómente quando é feito no ar puro á beira mar ou nos parques, sob os arvoredos. No centro da cidade respirando a poeira das ruas, sua vantagem é nulla ou quasi nulla.

Conselhos Praticos

COMO LIMPAR OS CRÊPES

E' preciso primeiro com todo o cuidado tirar com uma escova muito fina toda a poeira; depois estender o crêpe sobre uma meza bem forrada; fixal-o com alfinetes, mas tomando o cuidado de não o esticar muito. Mergulha-se então um lenço velho, de seda, numa mistura feita com partes iguaes de agua e de alcool; espreme-se o lenço, depois estende-se sobre o crêpe.

Toma-se então um ferro de engommar muito quente, passando-o a um centimetro de distancia do lenço.

E' preciso ter muito cuidado para que o ferro não toque no lenço, não sómente porque desmancharia o encrespado como tambem poderia pegar fogo devido ao alcool. Sob a acção do calor, o liquido evapora-se; quando o lenço estiver completamente secco, tira-se e acaba-se de seccar o crêpe com o forro, mas conservando sempre o ferro a um centimetro de distancia do tecido.

COMO LIMPAR OS FILÓS PRETOS

Não é uma empreza muito facil a limpeza dos filós sobretudo quando estão bastante sujos. Tem quasi sempre bom exito quando o filó está ainda forte.

Faz-se uma infusão muito forte de café e depois de fria despeja-se numa bacia e nella mergulha-se o filó; lava-se com cuidado e muda-se a infusão.

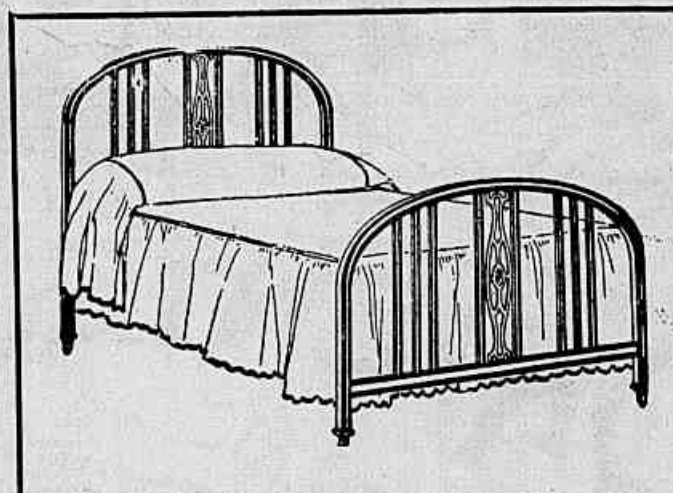
Se tiver manchas esfrega-se com um pedaço de flanella molhado na infusão de café.

Põe-se na infusão em que se enxaguar o filó um pouco de gomma arabica, o sufficiente para dar-lhe a consistencia que tinha novo. Estende-se entre dois pannos; deixa-se seccar, depois passa-se a ferro com o panno em cima.

COMO FAZER O ANIL

O anil que se encontra á venda não é sempre de muito bôa qualidade. Pode-se fazer em casa um anil que não mancha a roupa.

Põe-se para ferver 60 grs. de páo campeche num litro d'agua (uma hora); juntando-se em seguida 60 grs. de pedra hume calcinada e 6 grs. de indigo soluvel pulverisado.

Deixa-se ferver ainda alguns minutos, depois filtra-se e guarda-se em vidros a solução, que se emprega diluida em agua como o anil commum.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Mario — Ambição e idealismo. Aspiração e energia. Não se pode sentir qualquer d'ellas fóra da possibilidade da sua realização. Aspirações vêm da confiança em nossas capacidades, na fé em nosso poder e vontade. Por isso ellas são positivas. Devemos deixar que ellas se tornem o ideal da nossa vida, fonte incentivo das nossas energias. Ellas attráem o exito e a victoria. Devemos não o expôr á influencia da gente pessimista, melancolica e inactiva.

Mme. Dupont (Bello Horizonte) — O seu cabello começa a cahir e embranquecer? A não ser que os cabellos brancos sejam tão numerosos que pareçam uma offensa á sua mocidade, deve deixar a tintura para ultimo recurso. Uma vez tingidos os cabellos com minha *Tintura* não voltarão a embranquecer, salvo a parte que crescer. Para os fortificar, impedindo-os de cahir, deve fazer fricções de manhã e á noite com o *Tonico n. 9*, lavando a cabeça com *Shampoo-Pó*.

Mme. H. — Applique todas as manhãs uma compressa quente com uma toalha de linho. Na agua quente em que deve molhar a toalha, misture uma colher de *Perfume Selda*. Depois desta applicação proceda a uma massagem com o rolo pneumatico, sobre o estomago e intestino durante dois a cinco minutos. A adiposidade do ventre depressa desapparecerá.

Joujou O. — Lave o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*. Depois de lavado e enxuto o rosto applique a *Loção de Embellezar a Pelle*. A sua pelle ficará suave e macia. Lave a cabeça com *Shampoo-Pó* de 8 em 8 dias. Sempre ao deitar escove o cabello com o *Tonico n. 10*. Em breve, um novo cabello, mais abundante e mais forte, virá substituir o cabello fraco e doente.

Mlle. S. S. C. — Queira enviar-me o seu endereço afim de lhe remetter um prospecto com as indicações necessarias ao tratamento da sua pelle.

Cecilia — Não lavar o rosto é um contrasenso que vae de encontro a todas as leis da hygiene. Quem deseja obter e conservar uma pelle sadia e juvenil tem que consagrar-lhe os indispensaveis cuidados. No inverno lave o rosto com agua tépida, juntando-lhe uma colher do *Tonico da Pelle*. As massagens quotidianas com o *Crême de Massagem* e o uso do sabonete *Sylkale* são a base d'uma boa hygiene da pelle.

Lucie — A vermelhidão do nariz as mais das vezes é produzida por desordens digestivas. A electricidade e a luz restabelecem rapidamente a saude da pelle.

Valentina — Não creio que a minha opinião possa influir no seu modo de pensar. Comprehendo a fascinação da mulher pelo luxo, mas o que nunca comprehenderei é que uma mulher para obter uma joia sacrifique a sua dignidade. Não ha joia que brilhe mais que a honra.

Lucinda — Com a *Loção Adstringente* e o rouge *Rosita* obterá para o seu rosto o colorido alvo e rosado que ambiciona.

Violeta — Não ha outro remedio para destruir o cabello do rosto, o unico meio efficaz é a electrolyse.

Mlle. Tavares — Os males de que se queixa curam-se depressa com applicações electricas. Não lhe sendo possivel fazer uso d'ellas, aconselho-lhe o *Tratamento Hygienico da Pelle*, indicado a pags. 7 e 8 do meu prospecto que lhe posso enviar pelo correio.

O exito depende da perseverança.

Mme. Moraes — Depois da massagem com o *Crême de Massagem* lave o rosto immediatamente com agua morna e sabonete *Sylkale*. A seguir á lavagem applique a *Loção Adstringente* e o *Pó de Arroz Hygienico*, obterá uma cutis saudavel.

SELDA POTOCKA.

Consultorio Odontologico

MM (Rio) — Não terá outra carie?

Convem mandar examinar pelo seu dentista.

Tertuliano Gomes (Rio G. do Sul) — Acho que sim.

Felicio (Minas Geraes) — Não deve usar para limpar seus dentes o pó de pedra pomes.

Carlos Vianna (Pernambuco) — Tres vezes ao dia.

Vicente Jardim (Rio G. do Sul. — Use o Neurodint.

Salustiano Pinto (Pernambuco) — Não deve abusar.

Barbosa Loureiro (Pernambuco) — Deve mandar extrahir a raiz de que me falla e obturar o dente visinho, de preferencia a ouro por tratar-se de uma cavidade grande e alcançando parte da face mordente.

Narciso Fialho de Moraes (Minas Geraes) — Compressas frias na região inflammada. Internamente use Cafiaspirina de Bayer. Um comprimido de 4 em 4 horas.

ALEXANDRINO AGRA

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

O QUE BEBEM OS DEPUTADOS JAPONEZES

A estatistica assume grande importancia no Japão, e insignes calculadores se esforçam na tarefa de reduzir a quadros comparativos, com médias e porcentagens, todos os ramos da actividade humana.

A ultima revelação desses ardorosos mathematicos é a seguinte. Durante a ultima sessão parlamentar, que durou sessenta e cinco dias, os 394 membros da Camara dos Pares consumiram, no botequim da Camara, 4.800 litros de cerveja e 1263 litros de "sake" (aguardente de arroz), o que representa diariamente para o total dos deputados, 75,85 litros de cerveja e 19,38 litros de aguardente. Cada legislador consumiu, pois, em média, 18 centilitros de cerveja e 49 mililitros de aguardente por dia. Realmente, não é muito...

Cumpre observar que, no correr dessa mesma sessão, foi aprovada uma lei que prohibe a venda de bebidas alcoolicas a pessoas de menos de vinte e cinco annos de edade. E isto causou grande jubilo aos jornaes norte-americanos adeptos do prohibicionismo, porque consideraram o caso como um bom passo dado para a prohibição total.

Dizem as más linguas — que as ha fatalmente no Japão como em toda a parte — que os deputados japonezes, conhecendo a actividade e escrupulo dos estaticistas seus patricios, fazem um consumo moderadissimo de bebidas espirituosas nos estabelecimentos onde as vendas são "registadas" e desforram-se em libações clandestinas ou bebendo nas festas e banquetes — donde os calculadores são rigorosamente excluidos.

ESTATUAS EM VEZ DE MUMIAS

O dr. Hochstetter, lente da faculdade de Medicina de Vienna, acaba de descobrir um processo de conservação de cadaveres, processo que sem duvida alcançará o maior exito.

Previamente ressecados, são os corpos engorgitados de parafina, de sorte que, conservando a consistencia e as cores da vida, adquirem a duração do marmore.

Assim, pois, com grande vantagem sobre os Egypcios que nos deixaram mumias, nós podemos deixar aos posteros verdadeiras estatuas de antepassados.

Os modestos são como as violetas que se escondem debaixo de suas folhas.